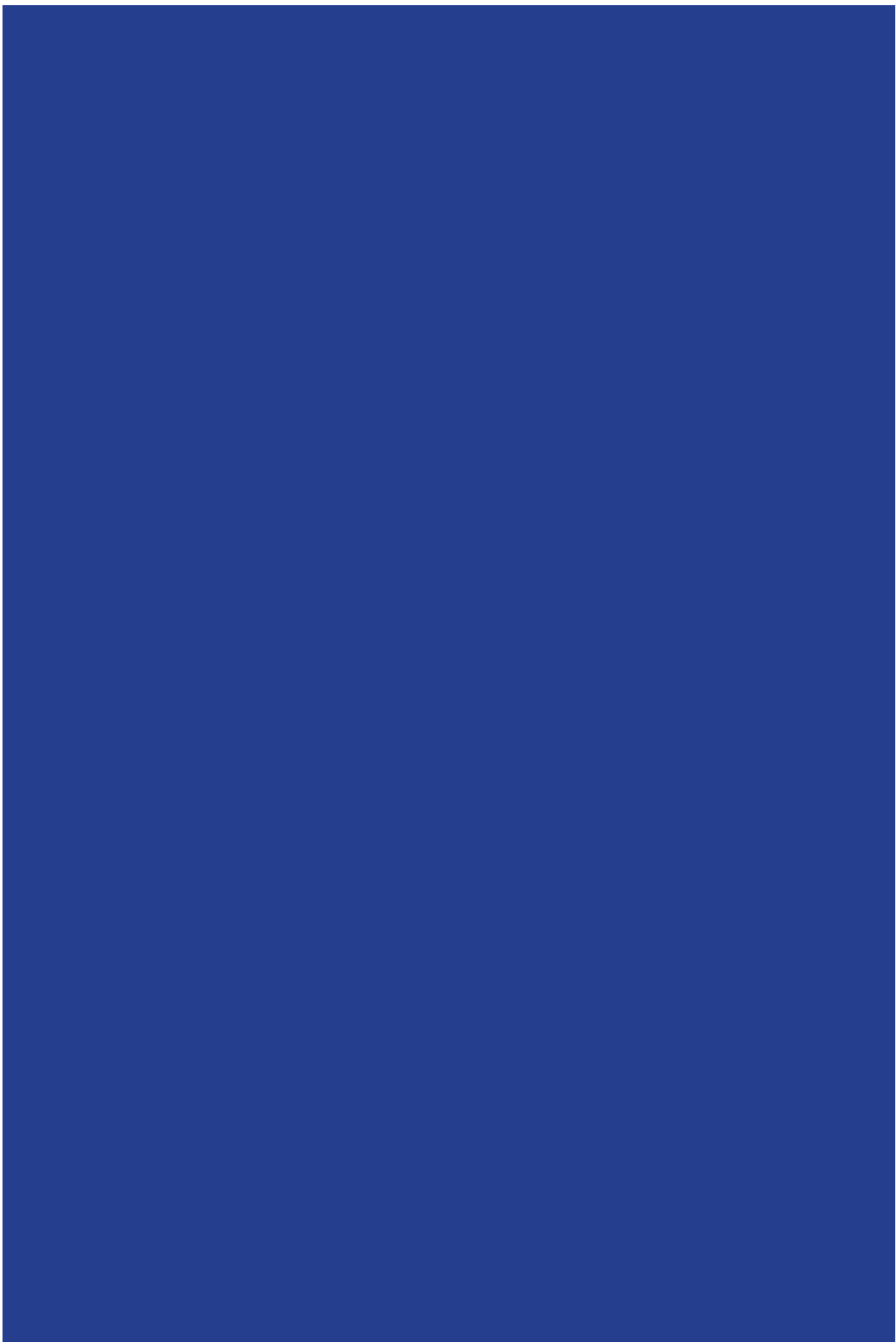
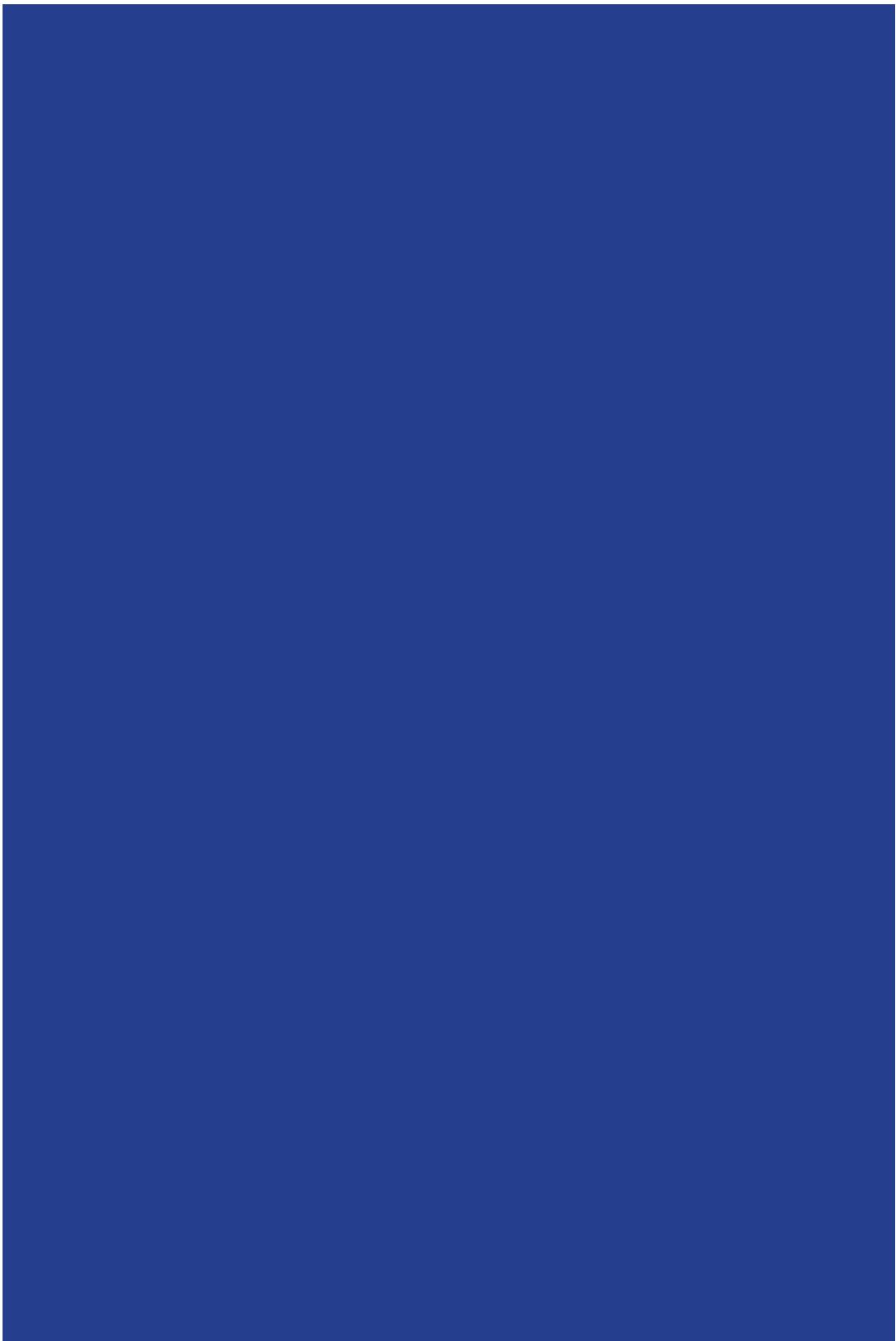






Tempos
Melhores
VIRÃO

escrito por

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Primeira edição | Maio de 2024

Copyright © 2024 *by*
Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2024] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Imagens da capa e contra-capas: Zara Lúcia

. . .

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Tempos
Melhores
VIRÃO

escrito por

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Maio de 2024

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

Martines Brentan, Antonio (Escritor).

Tempos melhores virão -- Antonio Martines
Brentan. -- São Sebastião Pontal, MG. ; Zara Lúcia
(fotografia) : Edição do autor. 1ª ed. maio de 2024.

1. Esperança 2. Bem-estar 3. Evolução
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Bem-estar : Autoajuda : Esperança - Tempos melhores



Índice

Reflexão.....	11
Prefácio.....	13
Introdução	17

Parte I

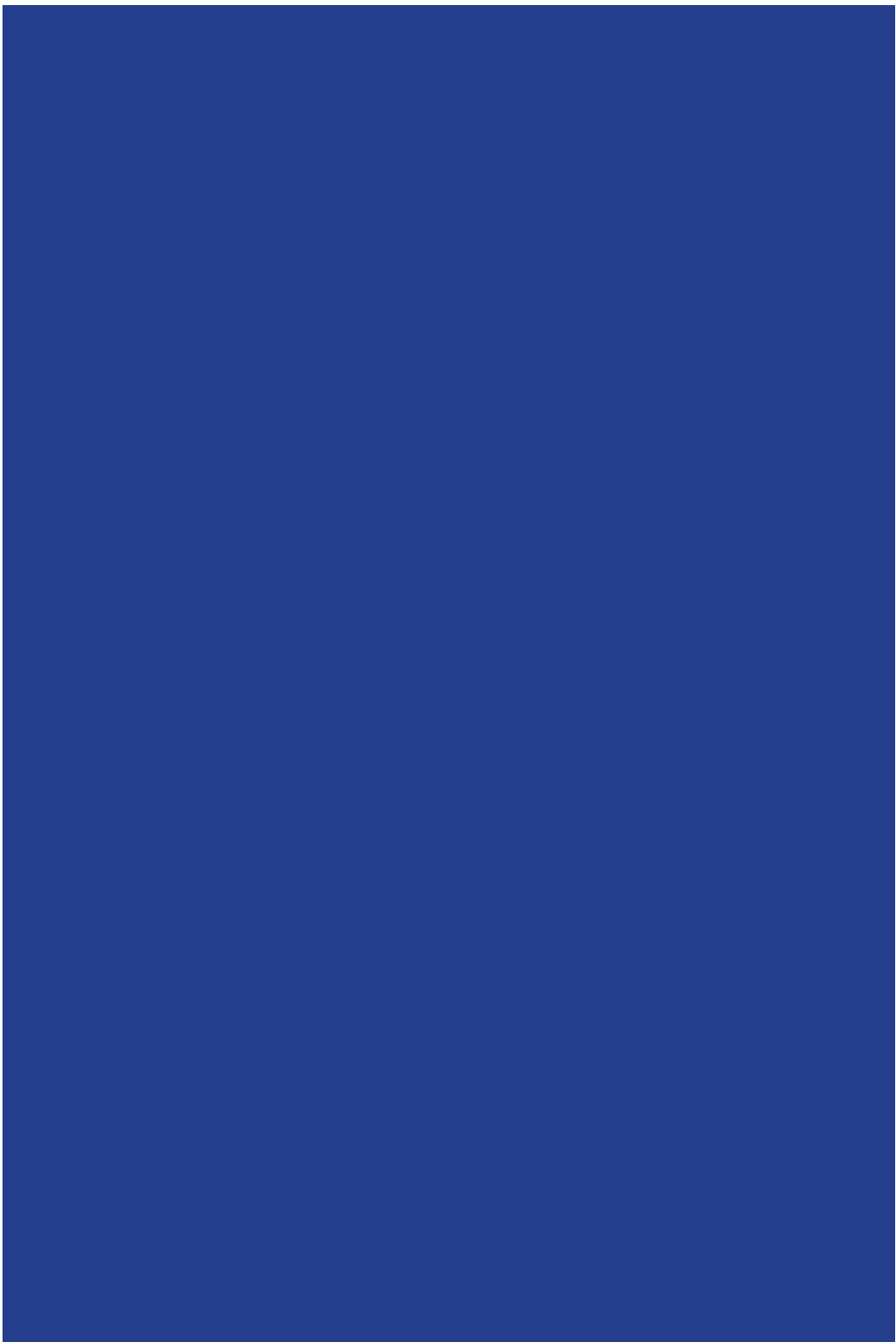
O Primeiro Amor.....	27
Direito de Cada Um	33
Encontro Casual.....	39
Tentativa Fracassada	45
A Doutrina do: Amai-vos e Instrui-vos	51
A Boa Adaptação da Família Faustino.....	57
Uma Decisão Relevante.....	63
Amizade Promissora.....	69

O Poder Oculto do Evangelho.....	75
Iniciativa Louvável.....	81
Amar é Sofrer no Paraíso.....	87
Viviane a Espevitada.....	91
Quem Sabe Faz a Hora	97
O Local Mais Adequado	103
Filhos, como Sabê-los, se Não os Ter.....	111
Carlos e Viviane, Casal Precoce	117
Mais um Ano Promissor para Família Faustino.....	121
Nada Acontece Por Acaso	127

Parte II

Retorno à Casa Paterna.....	135
Conheça a Verdade	141
O Dinheiro Não Compra Tudo.....	149
Mudança de Estratégia.....	153
Tal Pai, Tal Filho	159
Casa Espírita Chico Xavier	165
José Luiz, Tino Empreendedor	171
Mediunidade de Ana Vitória.....	177
Nada Acontece por Acaso	181

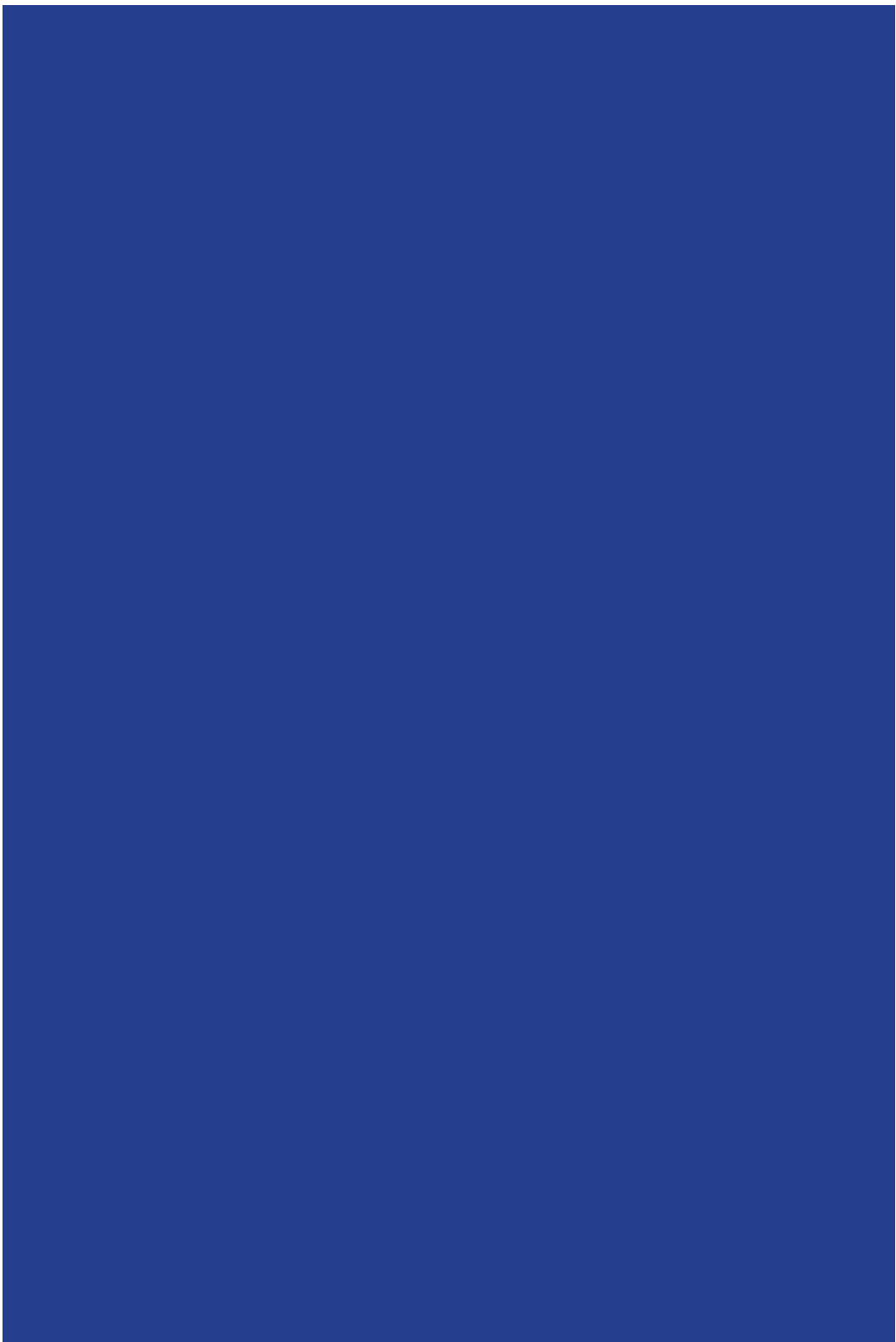
Comunicação Bem-sucedida	185
A Consumação do Noivado.....	191
Um Nome Polêmico	197
Compreensão da Verdade.....	203
O Casamento de José Luiz e Ana Vitória	209
Um Domingo, Muito Agradável	213
A Família de Marina.....	219
Uma Linda Tarde de Primavera	229
Estranha Moral.....	235
Epílogo	241



Reflexão |

NUM PASSADO MUITO DISTANTE, quando era apenas uma criança, atendendo aos imperativos de meu Espírito, inconscientemente recordava quando alhures, antes de aportar neste mundo, fora instruído que a vida se tornaria menos difícil, quando aqui encontrasse meu verdadeiro amor. Meu Espírito desarvorado, fustigado por essa necessidade premente, iniciou precocemente, perseverante procura. Sem entender que não seria necessário nada disso. Bastaria seguir a vida normalmente, meu verdadeiro amor estaria me esperando, em algum ponto de minha longa caminhada. Quando o encontrasse, naturalmente nos reconheceríamos, por que uma intuição nos revelaria, que juntos seríamos muito felizes.

Do Autor



Prefácio

TODO JOVEM EM ALGUM MOMENTO de sua longa trajetória, encontrará alguém que lhe tocará profundamente o coração, nem sempre essa afeição será recíproca, quando isso acontece, muito cedo o rapaz ou a moça, perceberá que amar alguém pode proporcionar felicidade, ou um grande sofrimento, principalmente quando a outra parte, sente prazer fazer a outra sofrer. Alguém poderá até pensar que isso não acontece, diria que acontece com mais frequência que imaginamos, felizes aqueles que não passam por essa experiência. Muitas vezes os jovens se apaixonam muito cedo, geralmente esses romances enfrentam muitos obstáculos, e dificilmente prosperam. Os pais responsáveis, possuem visão mais realistas, por serem mais

experientes, e sempre desejam o melhor para seus filhos, isso não significa que a decisão seja deles, mas os filhos nunca deverão desconsiderá-las. O jovem em sua inexperiência, imagina que encontrou o grande amor de sua vida. Não possui o discernimento para avaliar se aquela pessoa possui os quesitos compatíveis, para compartilhar ao seu lado uma existência. Convenhamos que esse discernimento ninguém os possuem naturalmente, porque é sabido que não conhecemos nem a nós mesmos. Entendemos que o fundamental para que uma relação seja longa e prazerosa, necessariamente tem que existir entre as partes, alguns sentimentos recíprocos indispensáveis: Amor, afinidade, compreensão, resignação, perseverança, e o grande desejo de serem felizes. A qualidade dessa relação dependerá dos esforços impetrados por ambos, se um deles fraquejar, dificilmente a relação se sustentará.

Então presenciamos cada vez mais, a ocorrência de separações conjugais, que de certa forma, comprometem o futuro desses jovens. Quando o casal tem filhos, acabam imputando a essas crianças, e aos avós, parcela significativa desse comprometimento. A incidência de separações, tornou-se tão recorrente, que a sociedade hodierna, considera tudo muito normal, até mesmo natural. Assistimos inconformados, em todas as classes sociais, mães ainda jovens, que entram e saem dessas relações, carregando consigo todo ônus dessas uniões provisórias. Não obstante, a lei vigente assegurar a essas crianças, direito à pensão dos pais, exime-os, de suas obrigações de protetores e orientadores, em detrimento dos necessários valores, à

formação moral e psicológicas dessas crianças. Que pela ausência desses valores, muitas vezes, deixam se levarem pelos descaminhos, do mundo moderno, como à ociosidade, às drogas, à prostituição, entre outros.

Quando um casal coloca um filho no mundo, obrigatoriamente assume responsabilidades, que não se restringe às leis terrenas. Todo ser humano tem por obrigação conhecer as leis morais, também conhecidas como leis naturais ou Divinas. Para que avaliem a importância dessas leis, para o seu próprio bem. Deus nos concedeu como exemplo, o comportamento dos animais irracionais, perante sua prole. Se os instintos naturais imputam aos irracionais, responsabilidades perante os seus, e eles correspondem plenamente. Imaginem a responsabilidade atribuídas aos seres racionais, certamente responderá pelo que negligenciou perante os seus. Não é pequena a incidência de crianças abandonadas, à própria sorte, ou entregues às instituições especializadas para fins de adoção, isso quando não são vítimas de abortos clandestinos, que aos olhos da sociedade, não caracteriza propriamente em crime, são considerados descartes necessários, por serem produtos de gravidezes indesejadas. Segundo as leis Divinas, retro mencionadas, todos envolvidos nesses delitos, sofrerão consequências de difícil solução e de dolorosos resgates, por ser considerado à luz dos códigos Divinos, crime hediondo, que reiteramos a necessidade, que todo ser racional deveria conhecer.

Nesse aspecto a fonte de pesquisa mais esclarecedora disponível que conhecemos, está inserida nas Obras

Básicas da Doutrina Espírita, revelada por Espíritos Superiores, à equipe de Alan Kardec, quando da codificação. Onde revela as consequências futuras, quando infringimos e contrariamos essas leis. Não existem paliativos ou subterfúgios, as Leis são claras, e autoaplicáveis, todos indistintamente estamos submetidos a elas. Conhecê-las e respeitá-las, constituem os caminhos menos ásperos, para evolução do espírito do homem. No atual estágio evolutivo que se encontra a humanidade da Terra, não seria mais admissível perseverar em práticas contrárias a essas Leis. Principalmente nesse momento em que o planeta Terra, está concluindo um ciclo evolutivo, e iniciando uma nova etapa de Regeneração. Todo homem terreno, que não se adequar a essas Leis, não existirá mais espaço para ele em nosso mundo. Seu Espírito será remanejado para mundos inferiores, onde essas mesmas leis, à rigor ainda não são respeitadas. A partir do momento que toda humanidade de nosso planeta, passar viver de conformidade com essas Leis, desaparecerá toda dor, e todo sofrimento da Terra.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 08/08/2023.

Introdução

NESSE NOSSO NOVO ROMANCE, apesar de fictício, tentaremos enquadrá-lo sob a égide, de um mundo que começa respirar os ares de uma nova era, que se avizinha. Quando a maldade e a maledicência das pessoas, não encontrarão mais terreno fértil, para que se prolifere, e se propague. A população de nosso planeta, necessita urgentemente abandonar práticas comprovadamente nocivas, causadoras dos males que assolam parcela expressiva dos habitantes de nosso orbe. Os maiores escolhos que assolam a humanidade terrena, talvez tenham suas origens na desinformação e na descrença. Entendemos que o homem terreno, por desconhecer e desacreditar como funcionam as Leis de DEUS, continua praticando mui-

tos atos que emperram sua evolução, e de nosso planeta, no sentido de eliminar a dor e o sofrimento da humanidade. Não obstante a gama de informações contidas nos Evangelhos de Jesus Cristo, o homem continua reincidindo em práticas condenáveis, reveladas por DEUS, à Moises, no Monte Sinai, através do Decálogo. São chegados os tempos, que parcela da população terrestre, teria adquirido essa consciência, se elevado em conhecimento moral e justiça. Outra parcela apesar de terem tido às mesmas oportunidades de elevação, continuam impedindo o desaparecimento dos escolhos causadores desses sofrimentos. Não obstante o homem terreno ter conhecimento, que esse processo já teria iniciado, não lhe será revelado como se dará essa separação, nem somos merecedores conhecer, quem seriam os aptos e os inaptos, a permanecer por aqui. A própria Justiça Divina, se encarregará em apartar-nos. Os aptos herdariam a Terra, os inaptos seriam remanejados para mundos inferiores, até adquirirem a condição de aptos. Como ocorrerá esse processo? Desconhecemos, o que sabemos que a Terra teria atingido idade cronológica para iniciar essa etapa evolutiva, que o contingente de aptos seria inferior aos inaptos. O que nos conforta saber, que todos os escolhos que assolam a humanidade, serão alijados juntamente com os adeptos dessas práticas abomináveis. Por aqui não haverá mais guerras, crimes, fomes, abortos, órfãos, separações, roubos, corrupções, e nenhuma outra espécie de iniquidade. Se continuarmos por aqui não sabemos, mas entendemos que tudo isso se faz necessário. A Terra

merece viver dias melhores, As Leis Divinas, são justas, imparciais, incorruptíveis, e iguais para todos indistintamente.

Mesmo se alguém considerar mentirosa e fantasiosa tal possibilidade, em nada vai alterar o desenrolar dos acontecimentos, denotará somente que essa pessoa está completamente desinformada, essa transformação independe da aprovação ou não, do desejo da população do Planeta Terra, ocorrerá por ter chegado o momento previsto, a Terra teria atingido o estágio necessário para que ocorram essas mudanças. Não se trata de uma decisão autoritária, antidemocrática ou arbitrária. Há séculos vem sendo anunciada, e nos últimos tempos de forma ostensiva, mas como dissemos o desconhecimento e a descrença, impediram que parcela expressiva dos habitantes da Terra, obtivessem essa certeza, devido à indisposição contingencial de conhecer e acreditar. Tudo que é previamente anunciado com séculos de antecedência, não caracteriza nenhuma surpresa.

Consideramos arbitrário e imprevidente o ser inteligente como o é a raça humana, ignorar e desrespeitar as Leis Divinas, que foram reveladas aos homens há muitos Séculos, com o objetivo de auxiliá-lo em sua evolução espiritual. Depois DEUS, enviaria um SEU Preposto, JESUS CRISTO, o Espírito mais iluminado e perfeito, que nasceria na Terra, com a missão de nos ensinar e exemplificar, como deveria proceder a humanidade, e JESUS, cumpriu Sua missão, da maneira mais eficiente possível, deixando para as gerações futuras, através dos Evange-

lhós, o corolário necessário para que todos se instruísem, e se preparassem. Mais uma vez parcela significativa dos homens da Terra, em pleno uso de seu potencial de arbitrariedade, não acataram SEUS ensinamentos e SUAS exemplificações, e deliberadamente continuaram desrespeitando, e contrariando as Leis Divinas. Séculos depois a humanidade receberia a Terceira Revelação, anunciada com séculos de antecedência, que esclareceria aos homens, de uma forma ainda mais abrangente, e transparente, a todos que interessassem conhecê-la, e nela acreditar, receberiam tudo que necessitassem saber. Entre tantas revelações que foram concedidas ao homem conhecer, através da Terceira Revelação, que chegaria o momento em que o Joio seria apartado do trigo. Entende-se por trigo, o homem de bem, que almeja viver em paz, com seus semelhantes. E joio aquele impede, ou dificulta para que isso aconteça. O homem terreno teve incontáveis encarnações, para deixar a condição de joio, e se transformar em bom grão.

Mas as Leis Divinas que regem todos os seres, e todos os mundos, são tão perfeitas, sábias e justas, como o é seu Criador. Em tempos remotos o planeta Terra, também teria recebido exilados de mundos que se encontravam no mesmo estágio evolutivo, que a Terra se encontra agora. Para que o planeta Terra possa seguir sua trajetória rumo ao porvir, faz-se necessário por sua vez, também despojar-se de todos seus integrantes inaptos, que não mais poderiam continuarem renascendo aqui. É assim que ocorre com todos os mundos habitados, que necessariamente passam

por fases evolutivas. Isso significa que nenhuma ovelha se perderá. Assim como todos os mundos, todos os seres passam igualmente por essas fases evolutivas. Quando DEUS, criou o universo, e tudo que nele existe, previu que fosse assim, queiramos ou não, assim será.

À medida que o espírito humano adquirir determinado grau em conhecimento, no sentido moral e de justiça, compreenderá e aceitará racionalmente, que assim deve ser. Existem muitas resoluções que independem da vontade dos seres humanos. Apesar do nível de conhecimento adquirido pela humanidade, o homem terreno está muito distante de conhecer as Leis e os segredos que regem o universo, até nossas próprias existências são regidas por essas Leis. Basta olharmos a nossa volta, seria muita pretensão ou falta de imaginação deixar de perceber que não seja assim. Quando compreendermos que assim sempre foi, assim deve ser, e assim será, perceberemos o quanto desconhecemos, reconheceremos nossa insignificância perante a grandiosidade do Cosmo, e a complexidade das Leis que regem miríades de mundos habitados, esparsos em miríades de Galáxias existentes na imensidão do Universo. Não queiramos contestar, o que é incontestável. Imaginem: **Um único ser Onipotente, Onisciente, Onipresente, Supremo em Perfeição, sabedoria e bondade, criador de todas as coisas existentes.** Se não consegue imaginar um SER, com todos esses atributos, como pode querer discordar de SUA gigantesca obra, que está diante de nossos olhos?

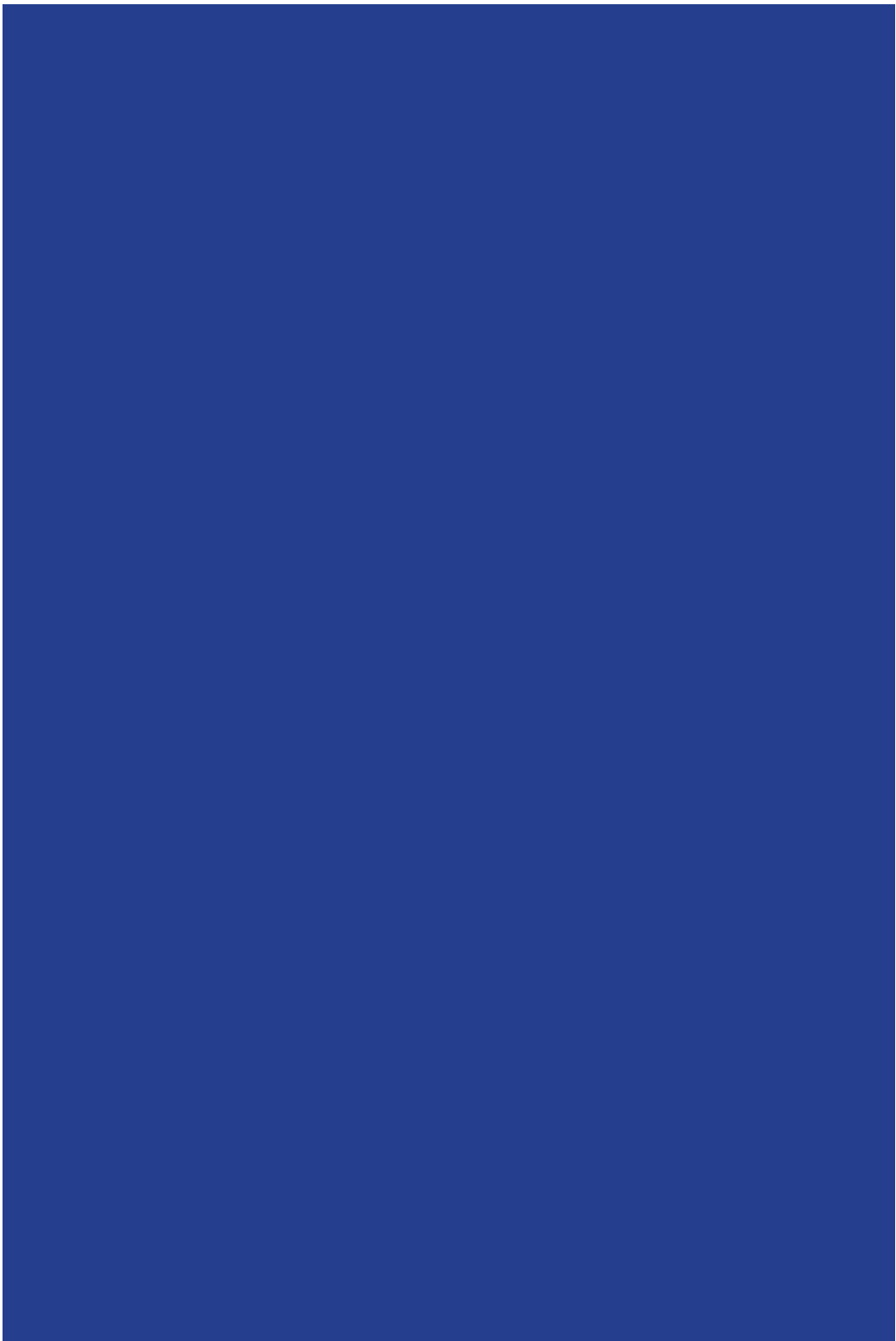
Há mais de duas décadas tivemos a felicidade de conhecer a Doutrina Espírita, logo à princípio percebe-

mos que seu conteúdo não tem como finalidade agradar a quem quer que seja, nem tão pouco dizer o que as pessoas gostariam de ouvir. Seu compromisso é esclarecer a verdade, na concepção mais real possível, o ser humano tem dificuldade aceitar para si a verdade, muitos preferem não a conhecer, nela não acreditar, para não se submeter a ela, não abandonar sua posição de conforto. Porque a verdade nem sempre nos convém, exige mudanças, somos seres infinitamente falhos e imperfeitos, conosco e com nossos semelhantes. Quando entendermos que tudo que fazemos, que infringe ou contraria as Leis Soberanas, cedo ou tarde deveremos corrigir, reconheceremos nossa necessária mudança. Parte da civilização terrena, teria conquistado esse patamar de conhecimento, moral e justiça, e mereceram viver em um mundo melhor, em todos os sentidos. Os retardatários continuariam suas trajetórias em mundos condizentes com seus níveis evolutivos, até quitarem suas dívidas com a Lei.

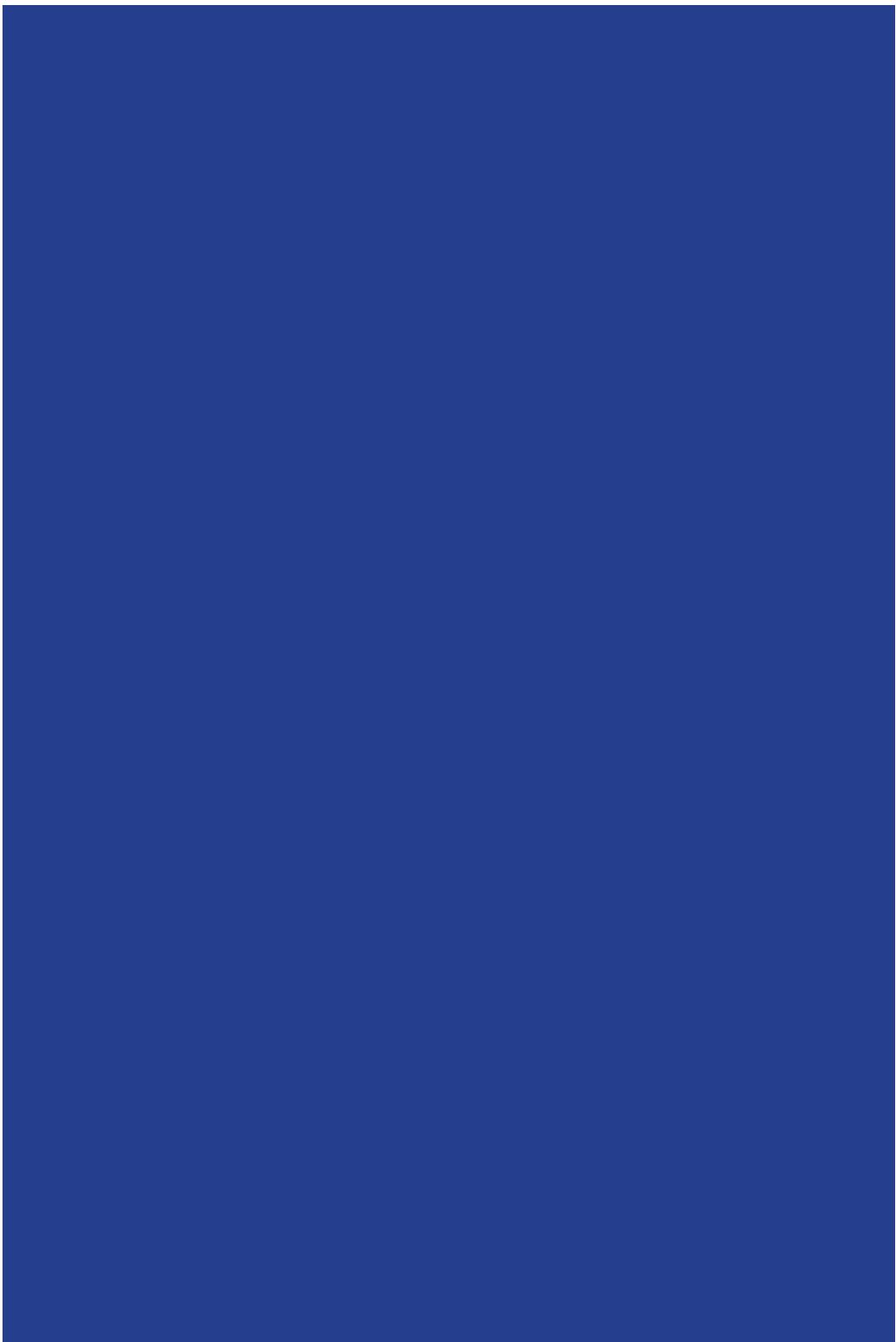
Faz-se oportuno esclarecer, que a chancela de nenhuma denominação religiosa, nenhum certificado de autoridade, nenhum título de nobreza, nenhuma prova de riqueza terrena, nenhuma patente militar, ou qualquer outro distintivo que assegura privilégio ao homem terreno, constituirão escudos protetores. As Leis Divinas não poderiam deixar de ser assim, iguais para todos indistintamente, não existem privilegiados, todos seremos submetidos ao mesmo critério de pesos e medidas. Não obstante os esforços despendidos, para que tudo ocorresse da forma menos dolorosa possível, é sabido por

antecipação que isso não será possível, parte da população da Terra não correspondeu aos esforços impetrados. À exemplo do que aconteceu a outros mundos, os inaptos serão exilados para mundos inferiores, os aptos permanecerem, assumirão o compromisso de conduzir nosso mundo, sob a égide de Regeneração. E que seja feito segundo SEUS sábios, e justos desígnios, e não conforme nossos débeis desejos.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 12/08/2023.



Parte I



O Primeiro Amor

UM OLHAR, UM SORRISO, FOI O BASTANTE para que aquele jovem tímido, que até então nunca se interessara por nenhuma garota, ficasse por ela completamente apaixonado. Aquela menina, tinha apenas quatorze anos de idade, com aquele seu olhar, mancomunado com aquele seu sorriso ingênuo, produziu inconscientemente uma espécie de magnetismo, que fez com que José Luiz ficasse por ela apaixonado. Vitória uma menina simples, poderia ser considerada bonita, era morena, magra, um pouco esguia, cabelos negros e longos, não chegava chamar a atenção, por aparentar e ser ainda muito jovem, mas seu olhar e seu sorriso angelical impressionaram José Luiz de verdade.

Foi no primeiro dia de aula, ele um aluno que sempre estudou naquele colégio, filho de um comerciante de uma cidadezinha, chamada Laranjal, tinha apenas dezesseis anos à época, branco, forte, estatura mediana, iria cursar o primeiro ano colegial, mas até esse dia não havia sentido nada em especial, por nenhuma menina ou colega de escola, e acreditava que esse dia estaria longe de acontecer. Ela uma aluna novata, recém-chegada àquela pequena cidade, não conhecia praticamente ninguém, iria cursar a sétima série. Gostar de alguém, ou namorar, nunca havia passado pela sua cabeça, e caso isso acontecesse, enfrentaria sérios problemas com seus pais, que permitiram que ela continuasse estudando, mas com a condição de não se envolver em namoricos.

Logo no primeiro dia de aula, antes mesmo de entrar para sua sala, ela se encontrava sozinha, encostada na parede de entrada do colégio, olhando para os colegas que começavam chegar, e por ali permaneciam em pequenos grupos conversando, imaginando quais daqueles seriam seus possíveis colegas de sala. Nisso José Luiz passou bem a sua frente, olhou a nos olhos, instintivamente ela correspondeu seu olhar. Naquele instante, não sabemos dizer o que exatamente ocorreu entre eles, talvez tenha sido um encontro marcado alhures, que as forças do incompreensível resolveram, que estaria na hora de acontecer. A emoção sentida por Vitória, produziu um sorriso inconsciente, que provocou em José Luiz, algo desconhecido que o perturbou. Poderíamos dizer que esse momento foi muito significativo, e envolvente para os dois, e marcaria

indelevelmente suas vidas para sempre. Como dissemos, José Luiz como que meio atordado, pelo que sentiu, procurou aquela que seria sua sala, sentou-se em uma carteira, ficar sozinho, para pensar e entender o que lhe havia acontecido. Quem seria aquela menina? Nunca a tinha visto antes. Por que sentiu todas aquelas sensações? O que significava aquele olhar e aquele sorriso, que lhe entorpeceram a mente?

Se Vitória antes daquele momento, já se sentia deslocada e desconfortável, perante aquela multidão de estranhos, com a emoção que sentiu, sentiu-se ainda mais desorientada e fragilizada, como se tivesse sido atropelada por uma locomotiva em alta velocidade. Não demorou muito, a sirene do colégio, abriu seu som estridente, anunciando que estava na hora de todos procurarem suas respectivas salas, que estavam identificadas na porta, com o número correspondente à série que receberia. Seguindo os demais, não foi difícil Vitória encontrar sua sala, sentou-se em uma carteira, numa parte lateral, ao lado da parede, imediatamente seus olhos percucientes percorreram todas as carteiras, e não localizou quem procurava. Melhor, pensou ela, ainda bem que não estuda em minha sala. Durante aquelas duas primeiras aulas, seu pensamento oscilava, ouvia o que o professor dizia, mas a imagem do rapaz misterioso, aparecia e desaparecia em sua mente embarcando-lhe o juízo. Não fora difícil para ela, se enturmar com algumas meninas de sua idade que estudavam em sua sala. José Luiz por sua vez, desconhecia completamente os efeitos colaterais, que uma paixão nas-

cente provocaria na cabeça de um jovem. Mas assim que saíram para o intervalo, instintivamente cada um, procurava com os olhos, pelo outro, para se possível reviver a sensação indescritível que sentiram. Vitória o viu à certa distância, pressentiu a tempestade que se aproximava, o melhor seria evitar a tormenta, certamente não lhe faria nenhum bem. Discretamente deixou a companhia das colegas, sorratamente retornou para sua sala, para não ser vista. José Luiz inutilmente o continuou procurando com os olhos, mas não a encontrou.

Para quem vivia despreocupado como José Luiz, que além de estudar, ajudava o pai no armazém durante o dia, desde os dez anos de idade, o fato de ter visto aquela menina por alguns segundos, foi o suficiente para lhe retirar a paz de espírito, conhecia praticamente a maioria dos jovens daquela pequena cidade, ou pelo menos já os tinham visto em algum lugar, aquela menina certamente havia se mudado recentemente, por que nunca a tinha visto antes, e a maneira como ela o olhou e sorriu, foi como já se conhecessem de longa data. Seu coração bateu tão forte, que se sentiu atordoado, sentia que precisava vê-la novamente, saber seu nome, conhecê-la melhor.

No segundo dia de aula, ou melhor, na noite seguinte, porque estudavam das sete horas até às dez e meia da noite, José Luiz foi um dos primeiros chegar ao colégio, postou-se em um lugar estratégico, que seria impossível deixar de vê-la entrando pelo portão. Passados alguns minutos, Vitória adentrou e tomou a direção do corredor que dava acesso ao pátio, José Luiz, deixou sua posição

e começou segui-la de longe, sem que ela o percebesse. Havia acabado de sentar-se em um banco comprido de concreto, que havia no pátio, ele se aproximou dela, quando o viu quis se levantar e sair, ele lhe disse: — Por favor, tenho impressão de que é nova nessa escola, gostaria de conhecê-la. Meu nome é José Luiz, estou começando o primeiro ano colegial, e você?

Depois de olhá-lo nos olhos, ela abaixou a cabeça e disse: — Meu nome é Vitória, você tem razão, nos mudamos recentemente para essa cidade, vou cursar a sétima série. Agora me desculpe, preciso entrar para sala.

Levantou-se tomou a direção que levava até as salas de aula, visivelmente nervosa, havia decidido se quisesse continuar frequentando o colégio, era melhor evitar qualquer tipo de envolvimento com garotos, principalmente quando não pertencia a sua turma. Não obstante estar segura no que estava fazendo, só pelo fato dele desejar conhecê-la pessoalmente, foi o bastante para perceber que ele também havia gostado dela, se não quisesse complicações seria melhor pararem por aí mesmo. A partir desse momento, sabendo que tinha se impressionado e estava gostando daquele rapaz, Vitória decidiu que o evitaria radicalmente, para o seu próprio bem, se alguém dissesse qualquer coisa, para seu pai ou sua mãe, com certeza não lhe deixariam mais, frequentar a escola.

O problema que José Luiz, não tinha esse tipo de preocupação, e queria aproximar-se dela o mais rápido possível, e logo percebeu que Vitória não queria nenhum envolvimento. Apesar de ela ser ainda uma menina. Mas

na cabeça imatura e ciumenta de José Luiz, interpretou sua recusa, como se ela já fosse comprometida com alguém, certamente havia deixado o namorado na cidade onde morava. Precisava saber dela, a razão por que estava se esquivando dele. E quanto mais ele a perseguia, mais claramente ela fugia, ao ponto de evitar olhá-lo nos olhos, e mesmo para ele.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 29/07/2023.

Direito de Cada Um

HAVIA SE PASSADO ALGUNS DIAS, apesar dele se esforçar para surpreendê-la sozinha, e lhe dizer algumas coisas que sentia, ela não facilitava, chegava ao colégio se isolava, onde ele não a pudesse encontrá-la, evitava sair da sala na hora do intervalo, apesar de gostar dele, e sentir que ele também se interessava por ela, era justamente isso que sentia quando o olhava, mas não podiam se envolver, por que sabia se os vissem juntos conversando, seus pais logo ficariam sabendo, e não permitiriam que continuasse estudando. Se a mãe era controladora, o pai além de intolerante, era agressivo, principalmente quando as filhas o desobedeciam. E além de tudo, ela mesma reconhecia ser muito jovem, para envolver-se em qualquer tipo de relacionamento.

A família pequena dos pais de Vitória, trabalhadores de classe baixa, composta de cinco pessoas, o pai de trinta e seis anos, Sr. Miguel Faustino, a mãe de trinta e quatro anos, Dona Márcia Aparecida Faustino, além de cuidar da casa, fazia serviço de faxina, como diarista, e as três filhas, sendo Vitória a mais velha, que na ausência da mãe, assumia os serviços da casa, depois Viviane de doze anos, que cursava a quarta série, no horário da manhã, e Liliane de nove anos, que começava cursar a segunda série. Sr. Miguel e a família moravam em uma cidade de médio porte, que não ficava muito distante, trabalhava como motorista de caminhão para uma transportadora importante, e para morarem pagavam aluguel, depois de perder o emprego, devido uma crise no setor de transportes de carga, e não conseguir outro trabalho, resolveu juntar suas economias e vir morar com a família nessa cidadezinha, onde conseguiu comprar uma casa modesta, localizada no final de uma rua, e um ônibus usado, para transportar trabalhadores rurais. Mas não se limitava apenas dirigir o ônibus, se juntava aos trabalhadores durante todo o dia, para ganhar um dinheirinho extra. Porque a situação financeira da família, nesse momento era difícil.

A família dos pais de José Luiz composta de seis pessoas, o pai Sr. Avelino Pietro, comerciante de cinquenta e seis anos, a mãe Dona Pérola Pietro, professora de cinquenta e quatro anos, as duas filhas mais velhas casadas, residiam fora, depois João Pedro Pietro, de vinte um anos, solteiro, morava fora, trabalhava e fazia faculdade, e o caçula José Luiz Pietro, de dezesseis anos, como dis-

semos, estudava à noite e durante o dia ajudava o pai no armazém, fazendo entregas, em uma bicicleta, preparada para essa finalidade.

Faz-se oportuno salientar a vida pacata de uma cidadezinha do interior, onde existem os inconvenientes, mas para quem deseja ter uma vida tranquila, é o lugar ideal, os índices de roubo e violência são baixíssimos, todo mundo conhece todo mundo, e tudo que acontece de anormal, e de importante, logo todos ficam sabendo, através do sistema boca a boca. Os empregos são simples, mas não faltam, só não trabalha quem não aprecia fazê-lo, apesar dos salários serem modestos, em compensação o custo de vida mais baixo, principalmente o preço dos imóveis, e dos aluguéis. Escola pública de boa qualidade, só não conclui o segundo grau, quem não deseja, as facilidades são reais. Os serviços públicos de saúde são razoáveis, porém menos concorridos. Os recursos de comunicação não são insuficientes, correios, telefone, televisão, internet. Etc.

Os jovens e as crianças têm liberdade de andarem sozinhos livremente pelas ruas, sem correrem nenhum perigo, irem na escola sem ser necessário levá-los ou buscá-los. A partir do momento que Vitória, passou frequentar o colégio no horário noturno, fez algumas amizades com as colegas de sala, logo essas meninas estavam frequentando sua casa, principalmente nos finais de semana. Qualquer acontecimento anormal que ocorresse, no colégio, ou na cidadezinha logo os pais tomariam conhecimento. O encontro ocorrido no primeiro dia de

aula, entre Vitória e José Luiz, como dissemos, marcaria para sempre suas vidas, mas ninguém exceto eles, tinham conhecimento do sucedido. Como Vitória previu que levar adiante a aproximação dela, com José Luiz, trariam consequências para ela com os pais, não permitiu que evoluísse, nem tão pouco comentou, com quem que seja.

Passada a euforia emocional que o encontro causara em José Luiz e Vitória, depois a tentativa frustrante de aproximação por parte dele, arrefeceram os ânimos, a partir do momento que José Luiz, entendeu que seria inútil forçar uma situação, desistiu porque ela deixou de olhar para ele, e passou evitá-lo. Nem ele tão pouco revelou a quem quer que seja o acontecido. E com o passar dos dias Vitória naturalmente foi deixando de se esquivar de José Luiz, ele entendeu que assim estava bem melhor. Dessa forma estava afastada temporariamente, qualquer possibilidade de romance entre os dois. Mas o que cada um sentia pelo outro, não desapareceria simplesmente.

Penso que a maioria dos jovens possuem essa paixão secreta, e passam ser fiéis a ela, que por várias razões, não deixam transparecer, alguns confidenciam somente a algum amigo muito especial, ou a uma pessoa que deposita total confiança. Outros mantêm guardado às sete chaves, e não confessariam nem mesmo ao vigário da paróquia. Ambos decidiram intimamente que seria um segredo pessoal inviolável, na eventualidade de um dia no futuro, caso tivesse que acontecer, aconteceria. Todo relacionamento amoroso, não deixa de ser uma decisão bilateral, se alguém sentir por outro um amor imenso, mas não for

correspondido, a melhor coisa fazer é desistir, porque vai gerar sofrimentos, e naufragar com certeza.

Passado algumas semanas Vitória percebeu, que José Luiz desistiu de persegui-la, no bom sentido. A partir de então passaram se olharem discretamente, era o suficiente para sentirem o coração pulsar mais forte, indicativo que o que sentiam estava vivo, latente, apenas adormecido. Aquele amor não naufragaria facilmente, caso um dia no futuro as condições se revelassem favoráveis, certamente floresceria, mas no seu devido tempo. Apesar deles se gostarem, a impressão de que um tinha sobre o outro, era ainda muito imprecisa e distorcida.

Não demorou acontecer um pequeno incidente, que faria José Luiz e Vitória, se conhecerem melhor. Na casa de Vitória um dia pela manhã todos saíram, o pai fora levar os trabalhadores para lavoura, a mãe fazer faxina, as irmãs para escola. Vitória varreu a casa, depois foi preparar o almoço, de repente o gás acabou, vestida como estava, fechou a casa e foi comprar o gás, sem saber, entrou no armazém de Sr. Avelino Pietro, comprou, pagou, e pediu que levassem o botijão de gás até sua casa, que precisava terminar de preparar o almoço, deixou o endereço e voltou para casa. Passados alguns minutos que havia chegado, o entregador parou a bicicleta em frente sua casa, bateu palmas. Ao abrir a porta deparou-se com José Luiz, que ao vê-la perguntou: — Você mora aqui? Vim entregar o gás que compraram.

Vitória toda atrapalhada, respondeu: — Moro. Você trabalha naquele armazém?

— Aquele armazém é de meu pai, eu faço entregas.

— Não sabia, você poderia colocá-lo no fogão para mim?

— Posso sim.

José Luiz pegou o botijão passando pelo lado externo da casa, foi até o fundo, onde ficava a cozinha, entrou retirou o botijão vazio do fogão, colocou o cheio, certificou-se que não havia vazamento. Vitória sem dizer nada, o observava ao longe, assim que terminou, perguntou: — Você está sozinha em casa?

— Não, minha mãe está deitada, hoje não está se sentindo muito bem.

José Luiz pegou o botijão vazio, quando ia saindo ela o agradeceu, ele lhe sorriu, e saiu.

Esse pequeno incidente permitiu que cada um, conhecesse um pouquinho a realidade do outro. Ambos eram jovens simples e humildes, como tantos outros, que convivem com suas realidades, uns com mais facilidades, outros com menos. Mas todos indistintamente possuem seus sonhos, e acreditam neles, e têm o direito de lutar para realizá-los, e devemos respeitá-los. Destruir ou obstar o sonho de quem quer que seja, não deixa de ser uma violência que se comete, e todo aquele que com seu proceder prejudica alguém, cedo ou tarde responderá pelo mal que provocou. Essa é a lei, para todos indistintamente.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 31/07/2023.

Encontro Casual

P ODERÍAMOS DIZER QUE A FAMÍLIA de José Luiz, se encontrava em melhores condições financeiras, em compensação os pais de Vitória eram vinte anos mais jovens, teriam muito tempo para se organizarem financeiramente. A família de José Luiz, pelo nome Pietro, e cor branca, deduzimos que eram brasileiros de origem espanhola. A família de Vitória, pelo nome Faustino, e cor morena, brasileiros de origem mais miscigenada. Quanto a religiosidade das duas famílias nada ainda sabemos. Todas essas informações, acreditamos serem subjetivas, não oferecem nenhum tipo de óbice, para que no futuro as duas famílias estejam interligadas. Os ingredientes imprescindíveis que consideramos necessários: Que o amor entre José

Luiz e Vitória seja verdadeiro, que haja respeito entre os dois, e entre as famílias, e que todos desejem serem felizes.

Quando José Luiz retornou ao armazém do pai, Sr. Avelino comerciante muito antigo na cidade, que acreditava conhecer todas as pessoas, perguntou ao filho:

— De quem é filha, aquela linda mocinha que veio aqui comprar o botijão de gás?

— Não sei o nome de seu pai, mas vieram morar aqui há pouco tempo, o pai dela tem um ônibus, transporta trabalhadores rurais.

— Está muito bem-informado, foi ela que lhe disse tudo isso?

— Não, disse-me apenas que seu nome é Vitória.

Sr. Avelino olhou para o filho desconfiado, e deu um sorriso malicioso, então falou: — Vou procurar saber o nome do pai de Vitória, depois lhe falo.

Engraçado, era a primeira vez que isso acontecia, seu pai nunca tinha feito esse tipo de brincadeira, comentado que havia achado uma menina bonita. Pensou consigo mesmo: *“Não é que meu pai, tem muito bom gosto, também, é a menina mais linda que já conheci em toda minha vida”*.

Outra observação que compete-nos mencionar, que quando amamos alguém de verdade, essa pessoa nunca será feia aos nossos olhos. Se José Luiz tivesse observado, perceberia que Vitória usava um seu velho vestido surrado, tinha nos pés, velhos chinelos de dedos, nenhuma maquiagem no rosto. Ele conseguiu ver apenas a linda menina que conhecera no colégio, e se apaixonara pelo magnetismo do brilho de seus olhos, e pelo encanto de

seu sorriso, isso lhe bastava, somente ela possuía, era tudo que precisava ver nela. Como preceitua o adágio, *“Quem o feio ama, bonito lhe parece”*. Mas Vitória em qualquer circunstância, estava muito longe, de ser considerada uma menina feia, por quem quer que seja.

Quando atrás dissemos que um amor não corresponde, gera sofrimentos, e com certeza não prosperará. É que entendemos que o amor só vale a pena quando verdadeiro. Entendemos que o amor obrigatoriamente tem que nos proporcionar felicidade, ninguém poderá ser feliz, ao lado de alguém infeliz. Entendemos que fingir felicidade para agradar a pessoa que acreditamos amar, é enganar-se a si mesmo, e a outrem, logo não é um amor verdadeiro. Mas infelizmente muitas são as uniões conjugais tumultuadas, verdadeiros conflitos pessoais, que interpretamos, como resgates necessários, para solucionar dívidas pretéritas, que precisam ser solucionadas. Essa questão nem todos conhecem os fundamentos, e as separações tornaram-se tão recorrentes, que a felicidade conjugal para esses reincidentes fica cada vez mais distante, e a pendência em prazo de espera, aguardando solução, isso não significa que em algum momento não seja superada. Lembramos ao leitor, que já tivemos oportunidade, de tecer algumas considerações sobre esse assunto, no prefácio de alguns de nossos trabalhos, e nos escritos que realizamos, mas recomendaria como fonte de pesquisa, as Obras Básicas, como também a Literatura Espírita, onde encontramos um manancial pródigo de informações inerentes a esse tema, que muitos podem até considerar irrelevante,

isso por desconhecerem as dificuldades que o espírito encontrará no futuro para sanear-las.

Diríamos que esse encontro casual ocorrido entre José Luiz e Vitória, permitiu que cada um conhecesse um pouquinho da vida do outro. Só pelo fato de saber onde o outro morava, facilitaria alguns encontros fortuitos se assim desejassem, caso Vitória precisasse ir novamente até o armazém de Sr. Avelino, para comprar qualquer coisa, com certeza teria o cuidado de arrumar os cabelos, e vestir-se mais condizente.

Depois desse dia, no colégio, o relacionamento entre os dois tornou-se mais cordial, quando um passava pelo outro, além de se olharem nos olhos, sorrindo se cumprimentavam. Mas Vitória, nunca facilitara, ou criara uma oportunidade para que José Luiz pudesse conversar com ela. José Luiz cada vez mais apaixonado, não compreendia as razões por que ela agia assim, teve a ideia, e a ousadia de lhe escrever, algo que lhe dizia, mais ou menos assim:

“Vitória, como você deve ter percebido, desde que a conheci, gosto muito de você. Já se passaram mais de quatro meses, apesar de você ser muito legal, não permite que me aproxime, para lhe dizer o que realmente sinto. Esse seu modo de agir, me confunde, me faz pensar que talvez goste de outro, e que gosta de me fazer de bobo, vindo-me sofrer. Escreva-me, porque está fazendo isso comigo.”

José Luiz Pietro.

Colocou o bilhete em um envelope, lacrou o com cola, à noite no colégio se aproximou discretamente de uma colega de Vitória, que se chamava Joice, pediu que lhe entregasse. E foi para sua sala. Joice colocou o envelope dentro de seu caderno, e ficou esperando pela colega. Assim que Vitória chegou, sem dizer nada, entregou-lhe o envelope lacrado. Como estava no horário, ambas foram para sala. Não obstante Vitória imaginar, quem seria o remetente, nada perguntou à amiga, nem tão pouco o abriu durante a aula. Quando chegou em sua casa, em seu quarto o abriu, e leu seu conteúdo. Depois foi dormir.

No dia seguinte quando terminou suas obrigações de trabalho, pegou sua pasta de cadernos, sentou-se à mesa, releu o conteúdo do bilhete de José Luiz, e escreveu:

“José Luiz, desculpe minhas atitudes, mais tenho razões para evitar qualquer envolvimento com você, ou com quem quer que seja. Quando nos mudamos para essa cidade, pedi aos meus pais, que gostaria muito continuar estudando, mesmo que fosse à noite. Eles concordaram com uma condição, que não me envolvesse em namoros, caso isso acontecesse, meu pai disse, que me tiraria da escola, e me levaria com ele todos os dias para trabalhar nas lavouras. Completei apenas quinze anos, sou muito jovem ainda, gosto de estudar, caso queira uma namorada, existem outras meninas, não espere nada de mim.”

Ana Vitória Faustino

Confeccionou um envelope artesanal, colocou seu recado dentro, lacrou com cola, o guardou no caderno. À noite no colégio, assim que chegou, viu José Luiz sozinho, passou ao seu lado, discretamente entregou-lhe o envelope. Imediatamente ele foi para sua sala, rompeu o envelope, leu a resposta de Vitória. O conteúdo de seu recado, revelava claramente as razões de seu procedimento. Se José Luiz já se sentia apaixonado por ela, suas explicações deixavam transparecer, que apesar de muito jovem, era uma menina muito responsável, conhecia e levava muito à sério suas prioridades. Releu sua cartinha com carinho, ficou olhando emocionado para seu nome, Ana Vitória, e gostou ainda mais de seu nome. Depois a guardou dentro de um livro.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 02/08/2023.

Tentativa Fracassada

EM SUA CASA, NA PRIVACIDADE DE seu quarto, José Luiz leu tantas vezes o bilhete de Ana Vitória, que teve outra ideia, já que não podia falar-lhe pessoalmente tudo que sentia, poderiam continuarem se relacionando através de bilhetes, mas para isso teria que consultá-la, para saber se concordaria com sua sugestão, passados alguns dias, escreveu-lhe:

“Ana Vitória, entendi perfeitamente sua situação, você está certa, em não arriscar seu direito de estudar, por minha causa. Se namorássemos por correspondência, quero dizer, através de bilhetes, poderíamos nos conhecer melhor, posso

lhe garantir que de minha parte, ninguém ficaria sabendo de nada. Tenho muitas coisas para te dizer, como por exemplo: 'Eu amo muito você'. Espero sua resposta."

José Luiz Pietro

Novamente José Luiz recorreu a Joice, para fazer com que seu bilhete, chegasse às mãos de Vitória. Quando Joice, lhe entregou o segundo envelope, perguntou-lhe o que significava aqueles envelopes, se ela estava de namoro com José Luiz? Vitória ficou desconsertada, sem saber o que responder. Fingindo estar muito irritada, respondeu à Joice: — Está ficando doida, esse José Luiz é um grande idiota.

Da mesma maneira que a vez anterior, deixou para ler o bilhete dele, quando chegou em sua casa, na privacidade de seu quarto. Depois foi deitar-se, demorou dormir, ficou pensando, considerando que a proposta de seu pretendente era totalmente inconveniente. Não estava gostando da maneira como ele estava se utilizando para lhe entregar os bilhetes, não iria dar certo, já havia despertado suspeita de Joice, não demoraria toda sala estaria sabendo, para chegar aos ouvidos de sua mãe, não seria muito difícil. No dia seguinte haveria de escrever um bilhete para José Luiz, parar com os bilhetes, Joice já estava desconfiada, poderia complicá-la seriamente. Seria melhor desistirem de qualquer contato. No dia seguinte, quando se sentiu sozinha em segurança, escreveu-lhe:

“José Luiz estive pensando em sua proposta, para nosso próprio bem, achei melhor não arriscarmos mais, Joice perguntou-me se estávamos namorando, disse-lhe que não, mas se continuar entregando envelopes para que me entregue, logo minha sala toda saberá, prefiro não mais arriscar. Quero que saiba. Também gosto de você, mas como já lhe disse, não quero nenhum envolvimento com quem quer que seja.”

Ana Vitória Faustino

Com o mesmo esmero da vez anterior, confeccionou um envelope bem caprichado, colocou o bilhete dentro, lacrou com cola. À noite no colégio, assim que José Luiz percebeu sua presença. Ficou sozinho, ela passou ao seu lado, discretamente lhe entregou o envelope. Imediatamente ele foi para sua sala, com dificuldade o abriu, retirou o bilhete e leu. Então percebeu que sendo ele, mais adulto e instruído que ela, era ainda um garoto, ingênuo e displicente, até então não tinha percebido a falha que cometera. Ana Vitória, apesar de ser uma menina dois anos mais jovem que ele, era mais providente, e possuía mais senso de precaução. Ela tinha razão, poderia ter posto tudo a perder.

Aquele posicionamento assumido por Ana Vitória, refletia sua maturidade precoce, talvez José Luiz tenha à princípio subestimado seus valores, não atribuindo a ela à devida consideração, mas conforme ela ia se revelando, através de suas atitudes, denotava que possuía personalidade forte, e sabia muito bem o que pretendia. Fazendo

o refletir sobre si mesmo, ainda despreparado para corresponder as suas expectativas. Sentia que não havia conseguido impressioná-la como queria, pelo contrário, tinha a sensação de tê-la decepcionado. Diante da decisão, de certa forma irreduzível de Ana Vitória, decidiu que daria um tempo, repensar suas estratégias, ou acabaria por perdê-la definitivamente.

A verdade é que José Luiz reconheceu, que as coisas não seriam fáceis como imaginava que fossem. Ana Vitória tinha escrúpulos, sabia muito bem o que pretendia. O estudo e a obediência aos pais, estavam acima de qualquer coisa, apesar de dizer que gostava muito dele, isso não significava que cederia as suas vontades. Seria um longo caminho a percorrer, somente o tempo e os acontecimentos definiriam seus futuros. José Luiz era um jovem de apenas dezessete anos, não sabia quase nada da vida, principalmente sobre relacionamentos amorosos, superprotegido pelos pais, nunca havia sofrido uma decepção, ou desilusão. Ana Vitória, através de sua resistência, o fez compreender, se quisesse conseguir o que queria, teria que merecer, lutar para conseguir, e respeitar as adversidades que envolvem a vida da outra pessoa, e ser digno de suas pretensões.

A partir desse momento José Luiz tornou-se mais calado, mais fechado, e triste. O primeiro a perceber essa mudança foi seu pai, que o conhecia mais intimamente. Estava sempre alheio, entretido, divagando em pensamentos. No colégio optou não mais se insinuar a Ana Vitória, evitando aproximar-se dela, e flertá-la como an-

tes fazia. Sem imaginar que essa sua atitude não estava a magoando, em absoluto, pelo contrário. A maneira como José Luiz antes se portava, deixava muito em evidência seu interesse por ela, e isso a incomodava, por que as colegas percebiam e comentavam. Na verdade, ele forçava uma situação, que devido às circunstâncias ela não desejava, lhe faltava discrição, como dissemos, faltava-lhe maturidade.

Sr. Avelino o observava, mas não interferia. Sabia que esse comportamento era muito próprio da idade, só gostaria descobrir as razões que levaram o filho, ficar daquele jeito. Certamente era paixão não correspondida, mas esse detalhe José Luiz, jamais o revelaria. Quando dissemos que Sr. Avelino possuía um armazém, na verdade pelo porte de seu estabelecimento, poderia ser considerado uma espécie de minimercado. E na cidadezinha existiam mais dois ou três, estabelecimentos maiores do gênero, que eram considerados supermercados. Eram nesses comércios maiores, que Dona Márcia preferia ir, sempre acompanhada da filha mais velha, fazer suas compras.

Em um sábado à tarde Sr. Miguel Faustino, entrou ao acaso no estabelecimento de Sr. Avelino, para comprar algumas poucas coisas, quando passou pelo caixa, como era desconhecido pelo proprietário, começaram conversar, não foi difícil descobrir que se tratava do proprietário do ônibus, que transportava trabalhadores rurais, então descobriu o nome do pai de Vitória. Nesse momento José Luiz estava fazendo entregas. Quando chegou, seu pai lhe disse:

— José Luiz conheci o pai de Vitória, e seu nome é Sr. Miguel Faustino.

José Luiz disse ao pai: — E eu descobri que o nome dela, não é apenas Vitória, e sim Ana Vitória.

Então Sr. Avelino concluiu: — Além de ser uma menina muito bonita, seu nome também é muito bonito.

José Luiz pensou em revelar-lhe mais algumas coisas, mas era melhor ficar com sua boca fechada, o pai além de já conhecê-la o suficiente, era muito intuitivo. De repente lhe diria alguma coisa, que lhe entristeceria ainda mais. Depois daquelas últimas palavras escritas por Ana Vitória, que dizia, que preferia não levar adiante qualquer tipo de comunicação, sua alegria de viver desaparecera. Em sua inexperiência não sabia ele ainda, que amar alguém demasiado, é como sofrer no paraíso.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 04/08/2023.

A Doutrina do: Amai-vos e Instrui-vos

QUANDO DISSEMOS QUE NADA sabíamos sobre a religiosidade das duas famílias, não as conhecíamos como as conhecemos agora. Não foi difícil descobrir que todos eram católicos, exceto Sr. Avelino, que pelo menos uma vez por semana comparecia a uma casa modesta, onde se reuniam alguns estudiosos, seguidores da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec. Sr. Avelino não era propriamente considerado um médium, ou um palestrante, mas um profundo estudioso e conhecedor do Espiritismo, que lhe proporcionava visão dimensional dos mundos tangível e invisível, lhe garantindo certa segurança perante as adversidades, na maneira de relacionar-se com a família, com

as pessoas de um modo geral, afinal era um comerciante, e conduzir sua vida da melhor forma perante os percalços do dia a dia. Os demais esporadicamente, compareciam à missa, e muito pouco conheciam sobre as coisas transcendentais, e mesmo sobre os próprios Evangelhos, por não terem o hábito de estudá-los com dedicação.

Nessas cidadezinhas do interior, os jovens não têm muitas opções de entretenimento, muitos se reúnem na praça central, onde se localiza a igreja, para conversarem, outros preferem ir às lanchonetes, para passarem algumas horas, tomar um refrigerante e ouvir músicas. Isso nos finais de semana, até no máximo onze horas da noite, durante à semana esses locais ficam praticamente desolados, e vazios, a maioria dos jovens estão estudando no colégio, e assim que encerram as aulas, cada qual vai diretamente para sua casa, a maioria trabalha na cidade ou nas lavouras, na zona rural. Levam uma vida bem pacata, diferente da vida corrida nos grandes centros urbanos. Alguns pais nessas cidades pequenas do interior, nem permitem que as filhas saiam à noite, exceto para ir ao colégio, e à igreja.

Ana Vitória e as irmãs depois que se mudaram para essa cidadezinha, nunca saíram de casa sozinhas à noite. Às vezes fechavam à casa, e todos iam à missa, mas isso esporadicamente, em ocasiões especiais. Não obstante suas amigas de escola, a convidarem para um passeio noturno pela praça, nos finais de semana, alegava sempre um impedimento qualquer, e nunca aceitava o convite, porque sabia que os pais não consentiriam.

Por essas e outras Ana Vitória, fazia tudo a seu alcance para não contrariar aos pais, para preservar o direito de frequentar o colégio. Caso cometesse algum deslize ou alguma desobediência grave, certamente perderia essa prerrogativa, e nem queria imaginar como seria sua vida sem poder ir todas as noites estudar. Ana Vitória não era uma exceção, muitas meninas suas colegas de escola tinham esse mesmo estilo de vida, eram meninas obedientes, todas aceitavam naturalmente as regras estabelecidas pelos pais, e eram felizes, por entenderem que todas as coisas têm seu devido momento para acontecer.

José Luiz tinha liberdade de sair à noite com seus colegas, passear na praça, ou em uma lanchonete, mas muito raramente saía. Preferia ficar assistindo um filme na televisão, ou um jogo de futebol, ou outro esporte qualquer, ou mesmo estudando para uma prova, até mesmo lendo um livro indicado pelos pais, que eram leitores assíduos de bons livros. O fato de José Luiz não gostar de sair à noite, nos finais de semana, com seus colegas, tinha muito a ver com o comportamento de alguns deles, que destoavam de seu modo de ser. Gostavam de fumar, beber, contar piadas impróprias, e conversar obscenidades. Como José Luiz não compartilhava, nem aprovava o que faziam, às vezes era hostilizado por esses, então não se sentia bem, tinha poucos amigos de verdade.

Quando conheceu Ana Vitória, imediatamente passou gostar dela de verdade, pensou seriamente em namorá-la, para poderem saírem juntos nos finais de

semana, mesmo que fosse na companhia de suas irmãs, sentarem em uma lanchonete para conversarem, tomarem um refrigerante, e ouvirem músicas. Mas logo percebeu que isso seria impossível, ela não desfrutava dessa liberdade toda, talvez pelo fato de ser ainda muito jovem, seus pais jamais consentiriam, nunca a tinha visto em lugar algum sozinha ou acompanhada, a não ser no colégio. Tanto que em seu primeiro bilhete, lhe sugeriu que namorasse outra garota, mas essa possibilidade para ele, estava fora de cogitação, por até então, nunca ter se interessado por ninguém.

Depois de refletir um pouco, José Luiz resignou-se, aceitou a decisão de Ana Vitória, mas deixar de gostar dela, estava acima de seu poder de decisão, a não ser que ela desse motivos para isso, caso acontecesse, de antemão imaginava que sofreria muito. A partir do momento que Ana Vitória, se recusou corresponder com José Luiz através de bilhetes, temendo levantar suspeitas, ele procurou evitar encontrá-la no colégio, para não fomentar a paixão que insistia torturá-lo cada vez mais. Enquanto ela, como dissemos, apesar de também gostar dele, dominava suas emoções com mais naturalidade. Talvez pelo fato de ter sido ela, quem deliberou que fosse assim.

Logo iniciaram as férias do meio do ano, Sr. Miguel e Dona Márcia consentiram que as três filhas fossem passar uma semana nas casas dos avós, que continuavam morando na cidade, onde antes residiam. Depois que retornaram, Dona Márcia pediu à Ana Vitória, que fosse

ao supermercado comprar alguns poucos alimentos. Como previmos que aconteceria, ela arrumou os cabelos com capricho, vestiu-se mais condizente, calçou sandálias apropriadas, propositadamente foi até o mercado de Sr. Avelino, pegou as mercadorias nas prateleiras, ao passar pelo caixa, foi reconhecida pelo pai de José Luiz, que querendo conquistar sua amizade, lhe perguntou pelo pai, ela respondeu, perguntando:

— Meu pai está bem, foi trabalhar. O Sr. o conhece?

— Conheço sim, Sr. Miguel já esteve aqui na mercearia algumas vezes, e conversamos.

Ao sair ela lhe agradeceu com um sorriso discreto nos lábios. Sem não antes, analisar com os olhos, o interior do ambiente. Sr. Avelino com sua intuição aguçada, não deixou de perceber. Assim que o filho chegou para trabalhar, Sr. Avelino o perguntou: — Sabe quem esteve aqui essa manhã?

José Luiz ficou pensativo, e nada respondeu. O pai para azucriná-lo disse: — Se tivesse levantado mais cedo, e vindo para o trabalho, teria visto Ana Vitória, que esteve aqui, toda bonita e arrumada, fazendo compras.

José Luiz perguntou: — Ela levou as compras?

— Levou. Mas pareceu-me que gostaria ter visto, mais alguma coisa por aqui.

Aqueles comentários despretensiosos do pai, fomentava ainda mais os sentimentos de José Luiz, por Ana Vitória, por sentir pelo pai certa admiração, e reconhecer que apesar de ser um homem simples, era muito sábio,

e detinha uma categoria de conhecimentos incomuns, hauridos em suas incansáveis leituras, em livros cujo conteúdo procediam de diversos Espíritos, de homens igualmente sábios e conhecidos, que viveram sobre a Terra, em tempos passados, e através da psicografia de diversos médiuns vinham instruírem aos homens.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 07/08/2023.

A Boa Adaptação da Família Faustino

POR ALGUMAS VEZES JOSÉ LUIZ propositadamente, quando ia fazer entregas, passava pedalando sua bicicleta, em frente à casa de Sr. Miguel, mas nunca aconteceu de vê-la, nas imediações, a casa sempre fechada, como se não tivesse ninguém. Voltou a vê-la somente quando iniciaram as aulas, foi apenas um olhar muito rápido e discreto, mas com poder de fazer com que ambos, revivessem as fortes emoções do primeiro encontro. Como dissemos, às coisas haveriam de continuar assim. Mas um fato era perceptível, à medida que o tempo passava, Ana Vitória ia adquirindo corpo, aprendera se arrumar melhor, fisicamente não era mais a mesma menina que conhecera no início daquele ano. Agora com quinze anos, tinha se transformado em

uma linda mocinha. Mas seus modos, sua maneira de agir, muito pouco tinha mudado, conservava seu jeito carismático, meigo e ingênuo de ser. Ao contrário das outras meninas de sua idade, que demonstravam cada vez mais, tornarem-se ousadas e acessíveis. Isso não significa que condenamos esse modo de proceder, entendemos que cada indivíduo possui suas próprias características, e seu próprio livre arbítrio, que acabam por definirem suas personalidades.

Também mencionamos que o modo de ser e agir de José Luiz, destoava da maioria dos garotos de sua idade. Não obstante ser ainda muito jovem, havia adquirido senso de responsabilidade, perante suas obrigações, e com o trato com as pessoas, talvez pela presença e influência do pai, que o policiava sobre esses aspectos, mais especificamente através de seu proceder, e do diálogo sincero permanente. Sem desconsiderarmos também o esforço de sua mãe, Dona Pérola, que ao longo de sua vida, exercera a profissão de educadora, na escola pública, e dentro de casa. Por essas, e por tantas outras, salvo algumas exceções, acreditamos que os filhos refletem mais do que imaginamos o procedimento das figuras maternas e paternas, são seus exemplos e modelos.

Um semestre foi suficiente para que Ana Vitória, se destacasse entre os colegas de sua sala, um elogio despretenso da professora de português, sobre uma redação que havia feito, foi o suficiente para estimulá-la, se dedicar mais aos estudos. Como tinha muito tempo disponível, nos dias de provas passou estudar sistemati-

camente com afinco, durante todo seu tempo livre, e as boas notas começaram aparecer automaticamente. Até então Ana Vitória sempre foi uma aluna de rendimento discreto, uma sequência de melhor nota da sala, em todas as matérias, chamou a atenção dos professores, seu nome passou ser comentado na sala dos professores. Mais alguns meses nesse mesmo ritmo, havia conquistado por unanimidade a fama de aluna mais inteligente da sétima série. E logo todo colégio passou ter conhecimento desse fato. O impressionante que esse reconhecimento, não lhe afetou em nada o ego, continuou sendo a mesma menina humilde, tímida e discreta, como sempre foi. O que fez aumentar ainda mais a simpatia e a admiração dos colegas e professores.

Aquela menina simples e comum, que no início do ano tinha apenas um admirador em especial, José Luiz, agora no final do ano letivo, havia angariado muitos admiradores, muitos de seus colegas vinham até sua casa, para obter dela explicações sobre alguns assuntos mais complexos estudados em sala de aula. Apesar de ela dizer, que não tinha capacidade para ensiná-los, conseguiam algum progresso com suas explicações. O que fazia com que sua fama de aluna prodígio, aumentasse dia a dia. Principalmente quando fechou todas suas notas, em todas as matérias com certa antecedência, então foi requisitada por um número maior de colegas, para ministrar aulas de reforços para os exames finais. Coincidência ou não, todos que receberam essas aulas de reforços, acabaram sendo aprovados. Assim que terminou o ano letivo,

Ana Vitória havia decidido, inclusive revelou a seus pais, que gostaria muito estudar matemática, e no futuro ser professora. Seus pais não tinham noção exata das pretensões da filha, mas tinham conhecimento, que a filha era considerada inteligente, pelos colegas e professores.

Diríamos que aquele primeiro ano da família Faustino, na cidadezinha tinha sido muito promissor, Sr. Miguel havia feito muitas amizades, com comerciantes e moradores da cidade, não lhe faltavam serviços, muito respeitado e considerado, pelos proprietários rurais, como pelos trabalhadores, que transportava em seu ônibus, devido sua boa conduta com todos. Dona Márcia não conseguia atender às solicitações de trabalho que lhe eram feitas, devido sua disposição para trabalhar, e à qualidade de seu trabalho. Ana Vitória havia superado às expectativas, de aluna novata e desconhecida, tornou-se referência de aluna exemplar no colégio, por colegas e professores. Viviane havia sido aprovada, e garantido vaga para cursar a quinta série à noite, no próximo ano, assim poderia ajudar a mãe ou trabalhar como babá, durante o dia. Liliane cursaria a terceira série, pela manhã. Se comparássemos a situação atual da família Faustino, com quando chegaram de mudança há um ano, perceberíamos enorme progresso, em todos os sentidos. Confirmando o adágio que preceitua: “Deus ajuda, àquele que se ajuda”.

Quanto a José Luiz que sempre revelou ser um bom aluno, foi aprovada para cursar o segundo ano colegial. Enfrentava um pequeno drama doméstico, seus pais cogitavam a possibilidade de ele continuar seus estudos

na cidade onde morava o irmão João Pedro, em um colégio mais bem conceituado, pensando na preparação para num futuro não muito distante, ter mais facilidade para ingressar na faculdade. Em sua opinião, poderiam perfeitamente deixar essa decisão para o próximo ano, assim poderia continuar ajudando o pai, na mercearia por mais um ano, não via nenhuma inconveniência continuar estudando ali. Seu irmão tinha concluído o segundo grau ali mesmo, e não teve dificuldade para ingressar na faculdade. Mas Sr. Avelino lhe pressionava com esses argumentos:

— Acontece José Luiz, que esperamos mais de você. Seu irmão está cursando Contabilidade, em uma Faculdade Particular, trabalha como empregado durante o dia em um escritório contábil, e estuda durante à noite. Pense grande rapaz, se prepare bem e entre para uma Universidade Pública, faça um curso importante, e tenha uma boa profissão. Seja um bom médico, um bom engenheiro, um bom dentista.

— Pois é meu pai, preciso mais um ano para decidir, o que pretendo estudar. Acho que aqui vou pensar melhor. Talvez eu decida nem continuar estudando.

— Nem pense isso, pretendes ser um simples comerciante como seu pai?

— E por que não? Não conheço nenhum médico, engenheiro, ou dentista que seja feliz como o Senhor.

— Você não sabe o que está falando. Nem conhece as razões por que sou feliz. Sou feliz é verdade, não por ser um simples comerciante, mas por ter uma esposa que

amo muito, quatro filhos maravilhosos, ter Deus dentro de meu coração, e acreditar nos ensinamentos da Doutrina Espírita, que ilumina minha vida.

— Então também posso ser feliz.

— Todo mundo pode ser feliz, terá que acreditar em Deus, conhecer Suas Leis, respeitá-las, e nunca se afastar delas, faça isso, as demais coisas Deus lhe concederá por acréscimo.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 13/08/2023.

Uma Decisão Relevante

E STÁVAMOS NO MÊS DE DEZEMBRO, às férias de final de ano, tinham apenas começado. Esse diálogo entre Sr. Avelino e José Luiz, aconteceu pela manhã, em uma quarta-feira, quando os dois se encontravam sozinhos na mercearia. José Luiz pegou a bicicleta e foi entregar a compra de uma freguesa, enquanto pedalava lembrava as palavras do pai, quanto as razões de sua felicidade. Às pessoas de um modo geral, consideravam Sr. Avelino, um homem feliz, pelo fato de estar sempre alegre, sorridente, falando coisas engraçadas e inteligentes. Mas até então, desconhecia as razões, que faziam seu pai ser daquele jeito. E as razões eram relativamente simples, amar à esposa, os filhos, à Deus, e os ensinamentos da Doutrina Espírita.

Como estava se aproximando o dia de Natal, José Luiz relembrou que nos últimos cinco anos, seu pai presenteou sua mãe, a ele, e aos três irmãos, com o mesmo presente. E os cinco presentes que recebeu, os guardou, e nunca se interessou por eles. Naquele mesmo dia, depois que almoçou, se lembrou desse detalhe, foi até seu quarto, e encontrou os cinco livros que havia ganhado do pai, nos últimos cinco anos, estavam todos novos, ainda envoltos por uma proteção plástica, eram: O Livro dos Espíritos, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno, e a Gênese. Quando retornou à mercearia, esperou que seu pai se desocupasse, aproximou-se dele, e perguntou:

— Qual Livro o Senhor vai nos dar, nesse Natal?

Sr. Avelino olhou para o filho admirado, e perguntou: — Como adivinhou que será um Livro?

— Porque o Senhor tem nos dado, somente Livros nos últimos anos.

— E você já leu algum dos Livros que ganhou?

— Não, ainda não tive tempo.

— Esse será o último Livro que vou dar a vocês, inclusive já os comprei, chama-se Obras Póstumas, de Alan Kardec.

— O que contém nesses Livros?

— Terá que ler, para descobrir.

— E se nunca tiver tempo para lê-los?

— O que lhe falta não é tempo, e sim vontade. Se nunca os lerem, não entenderás por que não necessitamos muitas coisas para sermos felizes.

— Agora que estou de férias, posso acompanhá-lo nas reuniões para estudos espíritas, na casa de Sr. Baltazar?

— Claro que pode, são todas as quartas-feiras, às oito horas da noite, estamos estudando no momento, O Livro dos Espíritos, se deseja mesmo ir, não esqueça de levar o seu.

Antes das oito horas, naquela mesma noite Sr. Avelino na companhia do filho, saíam em direção da casa de Sr. Baltazar, um viúvo octogenário que vivia sozinho, em sua casa, à três quadras de onde moravam. Lá chegando José Luiz conheceria mais dois colegas de estudos de seu pai, Sr. Moacir de sessenta e dois anos, e Sr. Roberval de sessenta e cinco anos. A casa era simples, em uma sala espaçosa, bem iluminada e arejada, seis cadeiras colocadas em círculo, era justamente ali, que há mais de cinco anos esse pequeno grupo se reunia para estudar e comentar o conteúdo das Obras Básicas, da Codificação Espírita.

Antes da prece inicial Sr. Baltazar desejou boas-vindas ao jovem José Luiz, que ele já conhecia há muitos anos, e explicou que depois da morte da esposa Dona Anita, convidou seu pai, Sr. Avelino, como sempre foram bons amigos, para juntos estudarem a Doutrina Espírita, e por ali já havia passado várias pessoas, e nesse período já haviam estudado os cinco Livros Básicos, somente eles, os quatros perseveravam nos estudos, e decidiram recomençar o estudo novamente, mas pretendiam futuramente abrir uma Casa Espírita, onde pudessem ajudar outras pessoas conhecerem esses ensinamentos.

Como o relógio da parede acusava oito horas pontualmente, fez-se silêncio e Sr. Avelino pediu para que todos fechassem os olhos, e proferiu uma pequena prece, dando por iniciada mais uma noite de estudos. A seguir pediu para que todos abrissem seus livros, na pergunta número cinquenta, onde tinham parado na semana anterior. Onde esclareceria assuntos: Como ocorreu o Povoamento da Terra, as Diversidades das Raças Humanas, a Pluralidade dos Mundos, concluindo com Considerações e Concordâncias Bíblicas Concerntes à Criação.

O tempo todo José Luiz permaneceu calado, concentrado nas perguntas e nas respostas reveladas pelo Livro dos Espíritos, e nos comentários feitos pelos quatro Senhores, que apesar da pouca instrução que possuíam, tinham suas opiniões e seus entendimentos consolidados, sobre os assuntos abordados. Para ele, era tudo novo, não possuía opinião própria sobre aqueles temas, diria interessantes. Então começou compreender de onde procedia, a grande sabedoria do pai, que apesar do pouco estudo escolar que possuía, detinha conhecimento generalizado sobre todos os aspectos da vida. E isso não se adquire nas escolas. Mas todo estudioso da Doutrina Espírita, à medida que vai aprofundando seu conhecimento, percebe que procede de uma fonte muito segura e confiável, de Espíritos de homens, que aqui viveram, e testemunharam todos os cataclismos, catástrofes, convulsões telúricas e acontecimentos ocorridos sobre a face de nosso planeta, desde o princípio, de civilizações que apareceram e desaparece-

ram, de impérios e dinastias que deixaram seus vestígios grafados em pedras, para que as gerações futuras, certificassem de que elas realmente existiram. À exemplo das pirâmides, dos mausoléus e de tantos monumentos históricos, construídos em pedras pelo homem primitivo, que resistiram a ação devastadora dos séculos, perpetuaram para servirem como laboratório vivo de pesquisas, que se encontram espalhados por várias regiões mundo à fora, auxiliados agora pelas luzes das descobertas científicas, têm o poder de convencer aos homens incrédulos, a veracidade desses registros pré-históricos, e permite aos cientistas e historiadores, copilarem essas informações, para instruir o homem comum.

A duração de uma hora prevista para o estudo, tornou-se curta, a discussão estava tão envolvente que extrapolaram o horário, interrompido por Sr. Avelino, que com uma singela prece de encerramento, agradeceu a presença dos cinco participantes do plano físico, como também a participação dos estudiosos, do plano invisível, que compareciam sistematicamente todas as reuniões, para haurirem dos mesmos conhecimentos, que sem dúvida também os auxiliariam, mesmo na condição de Espíritos libertos. Antes de saírem Sr. Baltazar perguntou a José Luiz, qual fora sua impressão sobre o estudo da noite, tropeçando um pouco com as palavras, respondeu:

— Muito diferente do que imaginava que seria, aqui se estuda e discutem assuntos muito relevantes, que as outras religiões desconsideram, mas de fundamental importância que se conheça.

Sr. Moacir com seu sorriso característico, comentou: — O menino pouco, ou nada falou durante as discussões, mas pelo seu comentário, percebi que observou muito bem. As obras básicas da Doutrina Espírita, contemplam todas as vertentes do conhecimento cósmico, que o homem necessita conhecer, para alicerçar sua evolução. Dos valores morais que necessariamente precisam se apropriar, dos conhecimentos filosóficos, de espíritos pensadores e sábios que transitaram por aqui, na condição humana, com missão de instruir aos homens. De conhecimentos científicos, revelados por espíritos superiores, que os homens de ciência de nossos dias, ainda está muito distante para aceitá-los e compreendê-los.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 14/08/2023.

Amizade Promissora

PARA SURPRESA DE SR. AVELINO, enquanto voltavam para casa, José Luiz disse ao pai: — Durante essa semana, vou estudar as cinquenta primeiras perguntas e respostas do Livro dos Espíritos, para acompanhar melhor o estudo na próxima reunião. Não imaginava que fosse tão interessante, e esclarecedor.

Surpreso Sr. Avelino acrescentou: — Não sei se você percebeu, antes de começarem propriamente, as perguntas e respostas, o Livro dos Espíritos em seu prefácio e introdução, traz uma rica explicação, dos muitos aspectos que envolveram esse longo e minucioso trabalho de Codificação, que duraria mais de uma década. Para que seu entendimento ficasse mais completo, sugeria que começasse da primeira página. Não

tenha pressa, se você não sabe, o Livro dos Espíritos, foi o primeiro a ser publicado, mais precisamente no dia 18/04/1857, nas primeiras edições, continham menos perguntas e respostas, somente mais tarde seria concluído. Você não imagina na época, o impacto social que esse Livro causou, primeiramente na França, em Paris, depois em toda Europa, principalmente aos padres e religiosos. Hoje não enfrentamos mais preconceitos ou perseguições, mas nem sempre foi assim. O mais interessante é que quanto mais era criticado e combatido, mais atraía a curiosidade das pessoas, e tornava-se mais procurado e conhecido. Se as pessoas imaginassem, o universo de informações que os Espíritos nos revelaram, os detratores gratuitos desse gigantesco trabalho, com certeza não o fariam.

Dizem que o acaso não existe, que sempre que ocorre, ou acontece alguma coisa, existe uma razão para que ocorra, um propósito que nossa percepção limitada não consegue detectar. Coincidência ou não, a casa de Sr. Baltazar se localizava justamente ao lado da casa de Joice, uma colega de sala, e uma das melhores amigas de Ana Vitória, ela viu quando Sr. Avelino, chegou acompanhado do filho, para reunião naquela quarta-feira. Quase todos os dias Joice ia até a casa de Ana Vitória, ou passava por lá rapidamente. Não obstante na época que houve a troca de bilhetes, entre José Luiz e Ana Vitória, ter ficado bem esclarecido que não existia nenhum envolvimento entre os dois. Na quinta-feira, propositadamente Joice foi à casa de Ana Vitória, para dizer o que tinha visto na

véspera. Depois de conversarem bastante, na presença de Dona Márcia e das irmãs, quando estava saindo, se lembrou, e puxando a amiga do lado, perguntou:

— Sabe quem vi ontem ir acompanhado do pai, na reunião Espírita, na casa de Sr. Baltazar?

Antes que Ana Vitória, pudesse entender, ou dizer qualquer coisa, ela disse: — O José Luiz.

Ana Vitória meio confusa disse: — Não sabia que ele era espírita.

— Nem eu, Sr. Avelino o pai dele, sempre foi espírita, mas ele, eu também não sabia.

Depois que a amiga se foi, Ana Vitória ficou pensando, particularmente ela não tinha nada contra as pessoas serem espírita, muito pelo contrário. Mas um jovem como José Luiz, ser espírita era no mínimo estranho. Pareceu-lhe não combinar muito com seu jeito de ser e proceder, em sua opinião, as pessoas espíritas que até então conhecera, eram mais comedidas, e menos ousadas. Na verdade Ana Vitória tinha razão, mas desde que foi preterido por ela, por razões legítimas, ele havia mudado seu modo de ser, tornou-se mais calado, pensativo e introvertido. Principalmente depois que ela se destacou, como aluna inteligente, e passou ajudar seus colegas, com aulas de reforço em sua casa. E cada dia que se passava, aos seus olhos ela se tornava mais especial e bonita. Estudar Doutrina Espírita nas férias, foi a maneira que encontrou, para deixar de pensar nela o tempo todo. Particularmente estava gostando muito, não era nada daquilo que imaginara que fosse.

Para Ana Vitória aquela informação em nada alterava sua decisão, ainda mais agora que havia aprendido estudar, e conquistado respeito e consideração dos colegas e professores, nada a demoveria de levar adiante seus estudos, e faria tudo ao seu alcance, para um dia no futuro se tornar professora, matemática era sua área preferida, tinha muita facilidade para compreender, e gostava de ensinar aos colegas. A única observação que competeu-lhe fazer, que apesar de Ana Vitória ter à época somente quatorze anos, havia lido às escondidas dos pais, alguns poucos romances espíritas, emprestado de uma amiga, de família espírita, quando ainda estudava a sexta série, na cidade onde moravam. Mas essa sua amiga espírita, seus irmãos, e irmãs, não demonstravam nenhuma semelhança com os modos de José Luiz.

O motivo dela ter lido esses poucos romances espíritas escondidos dos pais, justifica-se pelo fato deles demonstrarem através de comentários, certa aversão ao Espiritismo, ao contrário dela, que por razões que não compreendia, sempre desejou conhecê-lo, como se fosse algo de que necessitava.

Passado o dia de Natal, antes de terminar o ano, a mãe a encarregou de fazer uma pequena compra, e foi trabalhar. Ana Vitória se arrumou direitinho, propositalmente foi até a mercearia de Sr. Avelino. Entrou sem ser percebida, pegou o que a mãe lhe pedira, nas prateleiras, chegando ao caixa, o cumprimentou com um sorriso discreto, e perguntou:

— Bom dia Sr. Avelino. Como passou o Natal?

— Bom dia Ana Vitória, passamos muito bem graças a Deus, obrigado. À propósito, como foi o Natal de sua família?

— Também foi muito bom graças a Deus, obrigado.

— Você ganhou algum presente, nesse Natal?

Com o mesmo sorriso, respondeu: — Não Sr. Avelino, nesse Natal, papai Noel, deve ter se esquecido de mim, também já estou bem grandinha.

— O seu namorado, também se esqueceu?

— Pois é Sr. Avelino. Nem namorado eu tenho.

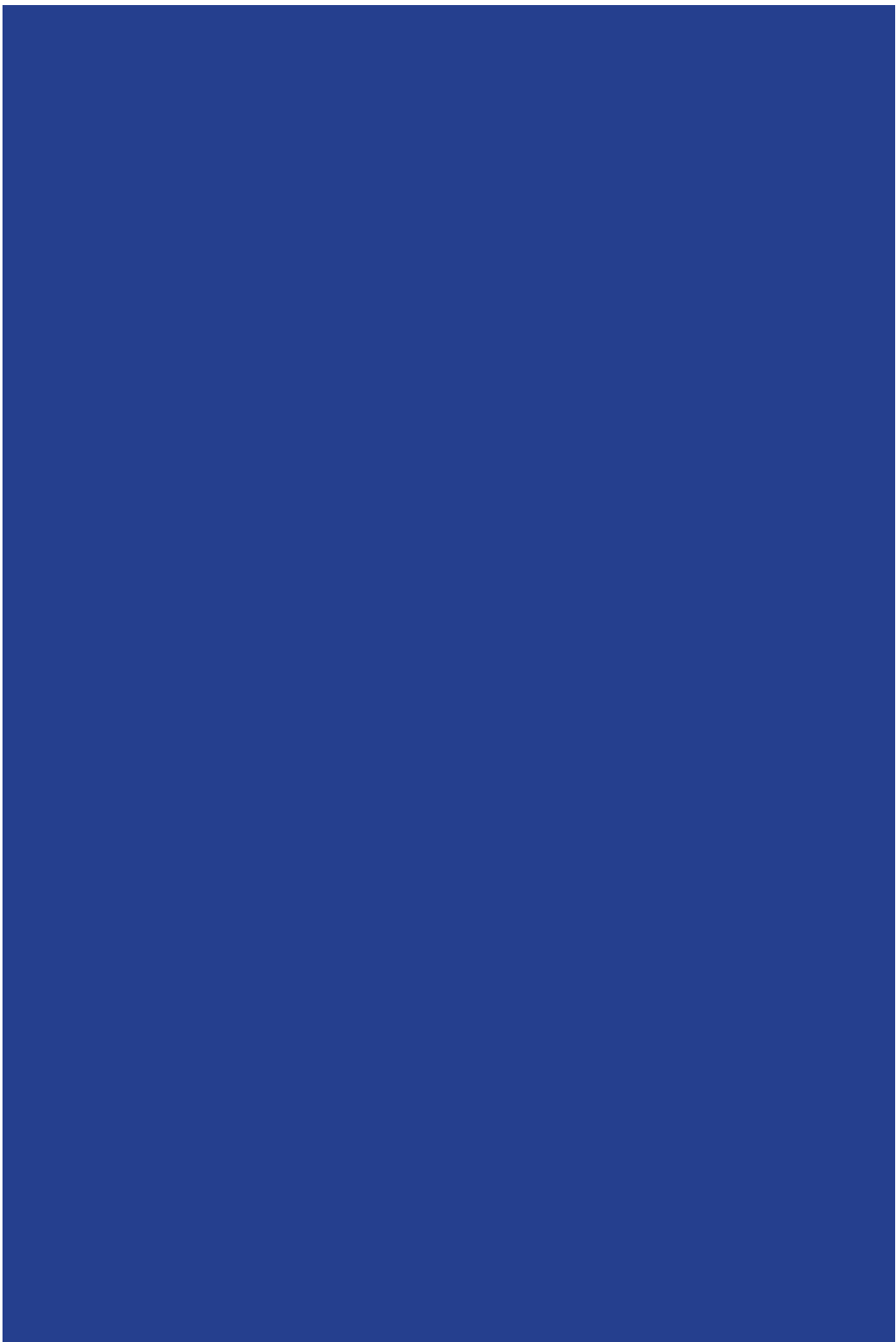
— Volte aqui na próxima semana, vou trazer um presente muito instrutivo para você.

— Obrigado Sr. Avelino, se me lembrar, eu volto. Então desejo que o Senhor e sua família, tenham todos um feliz ano novo.

— Obrigado, o mesmo desejo pra você e sua família. Que Deus lhe abençoe.

Sempre sorrindo, pegou as sacolas com as compras e saiu. Enquanto voltava pra casa, ia pensando, “Sr. Avelino é uma pessoa muito legal, parece que já o conhecia há muito tempo”.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 16/08/2023.



O Poder Oculto do Evangelho

A EXEMPLO DA VEZ ANTERIOR, quando José Luiz chegou para o trabalho, Ana Vitória já devia ter chegado a sua casa. Sr. Avelino não perderia a oportunidade para lembrar-lhe de que: “Deus ajuda, aquele que cedo madruga”, foi falando:

— Ana Vitória esteve aqui essa manhã, toda sorridente, perguntando-me, como havia sido meu Natal, então perguntei-lhe se tinha ganhado algum presente do namorado, respondeu-me que não, que o namorado havia se esquecido.

José Luiz já estava chateado por não a ter visto, mais chateado ficou com que o pai acabara de dizer, Sr. Avelino percebeu que falou o que não deveria, imediatamente tentou consertar, dizendo:

— Estou brincando, disse-me que nem namorado ainda tinha, para consolá-la, pedi que voltasse aqui na próxima semana, que eu lhe daria um presente.

— Verdade? O que o Senhor está pensando dar a ela?

— Isso terá que ver com seus próprios olhos, venha todos os dias bem cedo para o trabalho, então verá.

José Luiz sorriu, parece ter gostado da estratégia do pai. Para ver Ana Vitória, não se importaria levantar todos os dias, bem cedo.

Na próxima semana, José Luiz passou levantar bem cedo, e ir para o trabalho juntamente com o pai, todos os dias. Preocupado perguntou-lhe, se já havia providenciado o presente, Sr. Avelino o tranquilizou dizendo que sim.

Na quarta-feira pela manhã, Ana Vitória acompanhada de Viviane, foram até a mercearia de Sr. Avelino comprar algumas coisas. Quando passavam pelo caixa, cumprimentaram o comerciante, que lhe perguntou:

— Essa mocinha é sua irmã?

— É sim, seu nome é Viviane.

Quando estavam para sair, Sr. Avelino chamou pelo filho dizendo:

— José Luiz trás aqui, o presente que prometi a Ana Vitória.

— Achei que o Senhor estava brincando, não precisava fazer isso.

José Luiz chegou até o caixa onde elas estavam com o pai, educadamente as cumprimentou com um sorri-

so, pegando nas mãos das duas, e entregou o pequeno objeto ao pai. Sr. Avelino, o entregou a Ana Vitória, dizendo:

— Não é bem um presente, mas acho que vais gostar.

Ana Vitória pegou o objeto, meio encabulada, conseguiu dizer: — Obrigado Sr. Avelino, não precisava se incomodar.

— Abre para ver do que se trata.

Ana Vitória um pouca trêmula, conseguiu desembrulhá-lo com dificuldade. Era um exemplar do Livro, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, caprichosamente encadernado. Com lágrimas nos olhos, olhou para José Luiz, depois para Sr. Avelino, e conseguiu dizer:

— Muito obrigado Sr. Avelino, Deus lhe abençoe, prometo que vou começar ler, hoje mesmo.

Sr. Avelino e José Luiz, se emocionaram ao vê-la tão feliz, com lágrimas nos olhos. Ambas pegaram as sacolas com as compras, Ana Vitória abraçada ao presente, se despediram e foram embora.

Como prometeu, depois de fazer suas obrigações, em casa, Ana Vitória pegou seu Evangelho, entrou em seu quarto, passou a tarde toda lendo. Gostou tanto, que deliberou que quando os pais chegassem do trabalho à tarde, mostraria, e explicaria a eles como tudo aconteceu. Sr. Miguel e Dona Márcia apesar de acharem estranho a filha ter ganhado aquele Livro, desconhecido para eles, mas perceberam que se tratava de um Livro Espírita. Não a repreenderam, o pai lhe disse apenas:

—À noite depois do jantar, vamos nos reunir lá na sala, você vai ler em voz alta, algumas páginas desse Livro, para sabermos do que se trata, caso não gostar, amanhã mesmo vou até sua mercearia, lhe falo umas boas verdades, devolvo-lhe o Livro, e todos dessa casa, estarão proibidos de pôr os pés naquela mercearia.

Diante da decisão do pai, Ana Vitória sentiu-se insegura, apesar de ela ter gostado daquilo que leu, seus pais poderiam não gostar. Conhecendo o pai, como conhecia, arrependeu de ter mostrado a eles, poderia fazer um escândalo na mercearia, só por causa de um Livro. Mas agora não tinha mais jeito, seria como Deus quisesse.

Depois do jantar, todos se acomodaram no sofá da sala, Ana Vitória com o Evangelho nas mãos, decidiu que iria ler as mesmas páginas que já havia lido. O pai a percebeu procurando o que iria ler, disse:

— Me dê o Livro.

Ela o entregou, ele o fechou, abriu aleatoriamente, e disse: — Leia a partir daqui.

Então ela tomando de volta o Evangelho, passou ler: No Capítulo IX – Bem-aventurados os Mansos e os Pacíficos – Um Espírito Protetor – Bordeaux, 1863

“O orgulho vos leva a vos julgardes mais do que sois, a não aceitar uma comparação que vos possa rebaixar, vos considerardes, ao contrário, de tal maneira acima de vossos irmãos, seja na finura de espírito, seja no tocante à posição social, seja ainda às vantagens pessoais, que o menor paralelo vos irrita e vos fere. E o que acontece, então? Entregai-vos à cólera.

Procurai a origem desses acessos de demência passageira, que vos assemelham aos brutos, fazendo-vos perder o sangue frio e a razão, procurai-a, e encontrareis quase sempre por base o orgulho ferido. Não é acaso o orgulho ferido por uma contradita, que vos faz repelir as observações justas e rejeitar, encolerizados, os mais sábios conselhos? Até mesmo a impaciência, causadas pelas contrariedades, em geral pueris, decorre da importância atribuída à personalidade, perante a qual julgais que todos devem curvar-se.

No seu frenesi, o homem colérico se volta contra tudo, a própria natureza bruta, aos objetos inanimados, que espadaça, por não o obedecerem. Ah, se nesses momentos ele pudesse ver a sangue frio, teria horror de si mesmo ou se reconheceria ridículo. Que julgue por isso a impressão que deve causar aos outros. Ao menos pelo respeito a si mesmo, deveria esforçar-se, pois, para vencer essa tendência que o torna digno de piedade.

Se pudesse pensar que a cólera nada resolve, que lhe altera a saúde, compromete sua própria vida, veria que é ele mesmo a sua primeira vítima. Mas ainda há outra consideração que o deveria deter: o pensamento de que torna infeliz todos que o cercam. Se tem coração, não sentirá remorsos por fazer sofrer as criaturas que mais ama? E que mágoa mortal não sentiria se, num acesso de arrebatamento, cometesse um ato de que teria que recriminar-se por toda a vida.

Em suma: a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas se impede que se faça muito bem, e pode

levar fazer-se muito mal. Isso deve ser suficiente para incitar os esforços por dominá-la. O espírita, aliás, é incitado por outro motivo: o de que ela é contrária à caridade e à humildade cristãs.”

Depois continuou lendo na sequência, mais algumas instruções dos Espíritos, até quando Sr. Miguel fez um sinal, de que poderia encerrar a leitura. Assim que ela parou, ele perguntou-lhe:

— Sr. Avelino pediu-lhe alguma coisa, como por exemplo, que fosse a sua igreja?

— Somente pediu que lesse o Livro, que iria gostar.

— Não percebi nada de impróprio no que leu, pelo contrário, achei muito esclarecedor. Mas amanhã à tarde vou dar uma passada por lá, para que explique algumas coisas, sobre essa sua religião.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 16/08/2023.

Iniciativa Louvável

NA TARDE DO DIA SEGUINTE Sr. Miguel, ficou observando ao longe, quando percebeu que Sr. Avelino iria fechar a mercearia, aproximou-se, cumprimentou-o, e disse que gostaria conversar com ele. Sr. Avelino terminou seu trabalho, e o convidou a sentarem em um banco próximo. Assim que sentaram, Sr. Avelino perguntou do que se tratava:

Sr. Miguel um pouco atrapalhado, começou dizendo: — Minha filha Vitória, apareceu com um Livro Espírita lá em casa, dizendo que havia ganhado do Senhor. Não sei se o Senhor sabe, eu e minha família, somos todos católicos. Ontem à noite nos reunimos, lá em casa na sala, pedi que ela lesse, algumas páginas do Livro, para que todos ouvissem. Ela leu durante uns quinze minutos,

muito pouco compreendi do que leu, mas também não percebi nada de errado. Gostaria saber, com que intenção o Senhor deu a ela aquele Livro?

— Sr. Miguel talvez não saiba, mas o Livro que dei a Ana Vitória, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, retrata algumas passagens do Novo Testamento, interpretado sob a visão de muitos Espíritos Superiores, que permitem ao homem comum entendimento mais realista, dos ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto um esclarecedor de Suas mensagens, que acreditamos ser muito instrutivos para todas as pessoas, independentemente de sua religião, recomendável para as famílias, estudarem o Evangelho em casa. Ao longo de minha vida, tenho presenteado dessa maneira, as pessoas especiais que passo conhecer, foi a maneira mais fraterna que encontrei, para demonstrar minha simpatia para com ela.

Sr. Miguel pareceu ficar satisfeito com as explicações, perguntou: — Quer dizer que podemos estudá-lo em família em casa?

— As famílias que adquirem o hábito de se reunirem em dia e hora pré-estabelecidos, ao menos uma vez por semana, durante meia hora. Lerem um trecho do Evangelho, em sequência, ou aleatoriamente, e comentarem o que entenderam, depois fazerem uma prece de agradecimento. E passam cumprir rigorosamente esse compromisso. Não imaginam os benefícios, e a proteção que recebem.

— Obrigado Sr. Avelino, vou sugerir que façamos isso lá em casa, todas as semanas.

— Caso decidirem praticarem o Evangelho no lar, e o Senhor permitir, terei muito prazer comparecer na primeira reunião para orientá-los, é só me avisarem o dia e a hora, menos às quartas-feiras, que nos reunimos para estudos, na casa de um amigo Sr. Baltazar.

Ambos se levantaram, despediram-se, cada um tomou a direção de sua casa. Chegando em sua casa Sr. Miguel revelou à esposa a conversa que tivera com Sr. Avelino, e falou sobre a possibilidade de começarem praticarem o Evangelho no lar, na segunda-feira.

Por sua vez Sr. Avelino durante o jantar naquela noite, revelou à esposa e ao filho, toda polêmica gerada pelo presente concedido à Ana Vitória. Dona Pérola quis saber quem era essa menina. Coube ao Sr. Avelino explicar, que era uma mocinha muito simpática, que estudava no colégio à noite, por quem José Luiz, tinha uma certa admiração.

José Luiz não contestou, apenas abaixou a cabeça, era a primeira vez que sua mãe ouvia falar sobre Ana Vitória, mas inexplicavelmente fez um comentário intrigante, que não sabemos se partiu dela, ou se foi sugestionada dizer: — Talvez essa seja a razão da resistência de José Luiz, não querer ir estudar fora.

Como não disse nada, seu silêncio confirmou que a mãe tinha razão. Ana Vitória era quem o prendia naquela cidadezinha, e tinha o poder de fazê-lo feliz e sofrer ao mesmo tempo. Mas desde que começou interessar-se pelo estudo da Doutrina Espírita, sentia-se mais preparado para superar qualquer adversidade.

Na segunda-feira pela manhã, Sr. Avelino tinha acabado de abrir seu estabelecimento, uma menina entrou em sua mercearia, aproximou-se dele, e disse: — Meu pai pediu para avisá-lo que começaremos estudar o Evangelho, as oito horas essa noite, gostaria que o Senhor participasse.

Antes que respondesse qualquer coisa, ela se retirou rapidamente. Só então Sr. Avelino lembrou-se da conversa com Sr. Miguel, e reconheceu Viviane, a mocinha que acompanhava Ana Vitória no dia em que lhe entregou o presente. Quando José Luiz chegou para trabalhar, o pai mais que depressa, lhe disse:

— José Luiz acredita que fui convidado ir à casa de Sr. Miguel, essa noite as oito horas, para começarmos o Estudo do Evangelho no Lar. Acontece que não tive tempo, de anotar seu endereço, a irmã de Ana Vitória, deu-me o recado e saiu rapidamente. Você terá de me explicar onde moram, gostaria saber também, quantas pessoas moram lá?

— São cinco pessoas, os pais e três filhas. Eu poderia acompanhá-lo, e participar também do estudo, o que o Senhor acha?

— Não vejo nenhum inconveniente, desde que saiba se comportar.

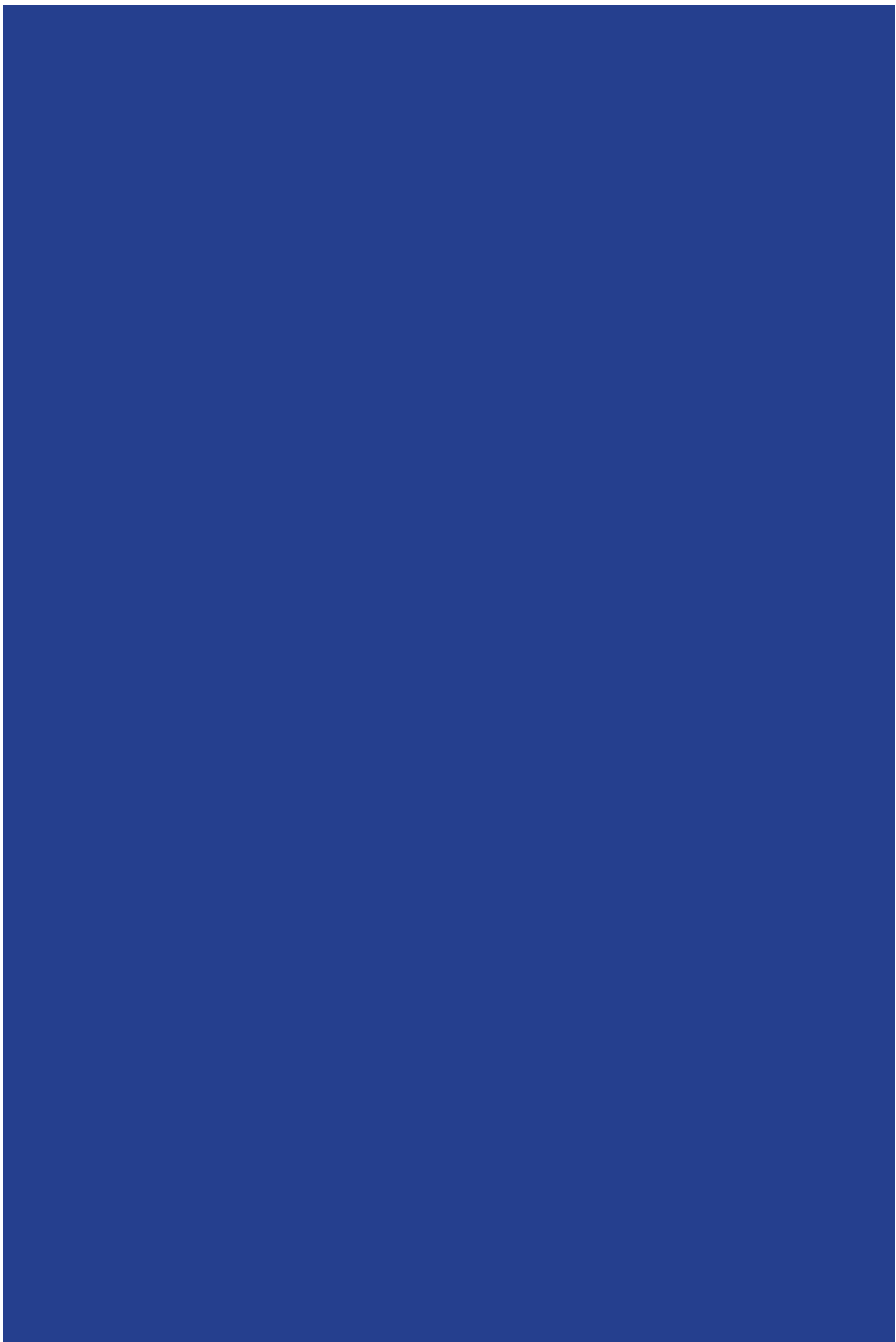
— Prometo que vou apenas, para lhe ensinar o caminho, e estudar o Evangelho.

— Então iremos os dois.

Naquela mesma noite, enquanto jantavam Sr. Avelino revelou à esposa a visita que fariam à casa de Ana

Vitória, e a convidou para participar com eles. Ela pensou, e achou melhor não os acompanhar. Não obstante o marido há muito tempo, insistir para que ela se convertesse à Doutrina Espírita, sentia-se tão bem seguindo a religião católica, que nunca teve coragem, nem disposição mudar-se para outra, mas conhecia muito bem, e respeitava muito o Espiritismo. Antes de saírem pegaram seus Evangelhos, Sr. Avelino pensou por um momento, foi até seu quarto, pegou em uma caixa, quatro exemplares de o Livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, apesar de possuírem encadernação menos sofisticada, mas com conteúdo idêntico, para presentear o restante da família.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 18/08/2023.



Amar é Sofrer no Paraíso

FALTAVAM ALGUNS MINUTOS PARA as oito horas, quando Sr. Avelino acompanhado do filho, chegaram à casa de Sr. Miguel Faustino. Cumprimentaram a todos, e perceberam que o ambiente já estava preparado. Adentraram à sala, e antes de iniciarem, Sr. Avelino tomou a palavra, e esclareceu:

— Tive a liberdade de trazer mais quatro exemplares, do Evangelho, para presentear os demais componentes da família, apesar de terem acabamento mais simples, do que presenteei Ana Vitória, o conteúdo é idêntico, assim todos poderão acompanhar a leitura.

Levantou-se e entregou a cada um o seu presente, depois começou explicar:

— Como não sabia onde moravam, convidei meu filho José Luiz para ensinar-me o caminho, e participar do Evangelho, ele já esteve aqui entregando gás. Antes de começar, recomenda-se que se coloque um jarro com água para fluidificar, e copos para todos tomarem depois do encerramento. Faça-se primeiramente uma prece singela, antes de iniciar o estudo. Como ainda não conhecem a disposição das lições, aconselharia que começássemos, pelo primeiro capítulo, leremos um pequeno trecho e comentaremos, todos podem, e devem contribuir com aquilo que entenderem. Como esse é o primeiro Evangelho que se realiza nesse lar, farei a prece de abertura, depois José Luiz vai ler um trecho do primeiro Capítulo, comentaremos, no final farei a prece de encerramento e serviremos a água fluidificada.

Dona Márcia perguntou-lhe: — Por que não trouxe também sua esposa?

— A convidamos, mas ela não pode vir. Apesar de ela ser católica como vocês, participa do Evangelho no lar, todas as sextas-feiras lá em nossa casa, e é uma leitora assídua dos Livros Espíritas, mas prefere continuar sendo católica, o que respeitamos naturalmente.

Depois de meia hora de leitura e trocas de ideias, onde quase todos contribuíram com seus pareceres, Sr. Avelino fez uma linda prece pedindo que a água fosse fluidificada, que nela fosse colocado o medicamento, que cada um necessitava, depois agradeceu aos benfeitores espirituais presentes, e deu por encerrado o Evangelho daquela noite. Levantou-se colocou um pouco de água

fluidificada em cada copo, distribuiu para que todos tomassem. Todos demonstravam estarem muito felizes.

Dona Márcia, perguntou ao dirigente: — Poderia servir agora, um suco de limão, e uns biscoitos de polvilho que fizemos?

Sr. Avelino sorrindo disse: — Isso não é necessário, mas também desconheço que não seja permitido que se faça.

Ana Vitória, com seus modos gentis, foi até a cozinha, trouxe o suco e os biscoitos, e todos tomaram e comeram. Depois de se despedirem, Sr. Avelino e José Luiz voltaram para casa. Sem não antes, ouvirem os agradecimentos pelos Evangelhos doados, e pelas orientações que passaram.

A família de Sr. Miguel estava satisfeita e feliz, com a realização daquele estudo Evangélico em sua casa, Ana Vitória aproveitando o clima sugeriu: — Poderíamos mudar o dia de nosso Evangelho, para o sábado ou domingo, assim eu e Viviane poderíamos participar, quando as aulas recomeçarem.

Sr. Miguel ficou pensando, e concluiu; — É verdade, deveria ter pensado nisso. Então passaremos realizar o Evangelho no mesmo horário, já a partir do próximo sábado, concordam?

Todos concordaram.

Dissemos que a família de Sr. Miguel estava feliz. Mais feliz estava Sr. Avelino, que ao longo de sua vida espírita, já havia distribuído à título de doação, mais de uma centena de Evangelhos, pela primeira vez sentia que

os beneficiados, dariam a ele a devida atenção, e procurariam conhecê-lo, caso isso acontecesse, todo seu esforço não teria sido em vão.

Quanto aos comportamentos de Ana Vitória e José Luiz, por mais atento que fosse o observador, nada perceberia, agiram como se não se conhecessem. Enquanto José Luiz lia o texto no Evangelho, ela acompanhava a leitura, olhando concentrada para o Livro aberto em suas mãos, quando Sr. Avelino começava explicar, ela ora olhava para ele, ora para o livro, mas não ousava olhar diretamente para os olhos de José Luiz, como fazia no colégio. Ele um pouco menos zeloso, enquanto o pai dava suas explicações, olhava discretamente para o rosto bonito de Ana Vitória, sem chamar atenção dos demais. Exceto no momento que se despediram para irem embora, à exemplo do pai, pegou também na mão de todos, e apertou a mão de Ana Vitória, como se dissesse, “Continuo gostando muito de você”. Ela percebeu, e lhe sorriu docemente.

Enfatizamos no princípio, que o amor não correspondido, provoca muitos sofrimentos. Não obstante o amor entre José Luiz e Ana Vitória ser recíproco, não deixava de fazê-los sofrer, o fato deles terem que agirem como desconhecidos, para não chamarem à atenção dos pais dela, provocava um misto de felicidade e sofrimento, devido às incertezas do que poderia ver acontecer no futuro, só o fato de pensarem que de repente tudo aquilo poderia resultar em nada, os entristeciam. Por essa razão, José Luiz se recusava ir estudar em outra cidade, e Sr. Avelino, ao contrário da esposa Dona Pérola, compreendia a situação do filho.

Viviane a Espevitada

O QUE SR. AVELINO PENSOU QUE seria apenas uma empolgação passageira do filho, estava se revelando grande interesse. Às férias estavam expirando, com o apoio do pai, José Luiz havia vencido a resistência da mãe, iria continuar ajudando o na mercearia, e estudando à noite. O incrível que nesse período de férias, não deixou de comparecer em nenhuma quarta-feira, na casa de Sr. Baltazar, para o estudo de o Livro dos Espíritos. Na última quarta-feira, que antecedia às férias, José Luiz depois do estudo, sugeriu, caso os quatro concordassem, mudar o dia das reuniões para o sábado, ele se comprometeria continuar participando dos estudos.

A solicitação de José Luiz pegou a todos de surpresa, inclusive ao pai, o que de certa forma comoveu a todos.

Sr. Avelino antes de opinar, preferiu ouvir primeiramente a opinião dos amigos, como todos concordaram, depois de muitos anos, as reuniões para os estudos Espíritas, passariam ser realizadas todos os sábados, a partir das sete horas e meia, da noite, com duração de uma hora. Sr. Avelino não demonstrava, mas percebia que desde começou estudar a Doutrina, o filho tinha amadurecido muito, em termo de posicionar-se diante das dificuldades.

E as aulas começaram, agora Ana Vitória ia todos os dias à noite, acompanhada da irmã Viviane, que era ainda uma menina de treze anos, apesar de mais jovem que a irmã, seus modos diferiam em muito, mais esprevidada, e descompromissada, os pais a conheciam muito bem, e sabiam que teriam bem mais dificuldade em mantê-la sob controle, então recomendaram a Ana Vitória, que a vigiasse para que não cometesse nenhum deslize, sua reputação junto aos professores, quando estudava de manhã, não era das melhores. O que de certa forma refletia seu atraso escolar, já havia reprovado algumas vezes. Na primeira semana, Ana Vitória a surpreendeu na hora do intervalo, conversando a sós com um menino um pouco mais velho que ela. Quando voltavam para casa, Ana Vitória investida da autoridade que os pais lhe outorgaram, a repreendeu energicamente, dizendo que seria pela última vez, que na próxima vez os seus pais ficariam sabendo.

No dia seguinte durante o intervalo, lá estava Viviane novamente conversando a sós, com o mesmo menino, porém não lhe disse nada, Viviane pensou que a irmã nada tinha visto. No dia seguinte pela manhã, Ana Vitó-

ria relatou tudo para a mãe, e pediu exoneração do cargo de vigiar a irmã. Dona Márcia retirou Viviane da cama, limitou-se dar-lhe uns beliscões, e um sermão, disse-lhe que dessa vez não contaria ao pai, e a levou para o trabalho, para ajudá-la na faxina.

Enganam-se quem pensa que Viviane se emendou, todos às noites durante o intervalo, Ana Vitória, via a irmã conversando com o mesmo rapazinho, mas não mais a denunciou à mãe, porque sabia que ela teria sérios problemas com o pai. Passado uns dias, como Ana Vitória, não disse mais nada à mãe, Dona Márcia a perguntou sobre a irmã, como não conseguia mentir, disse a verdade. Dona Márcia ficou possessa, e assim que o marido chegou do trabalho, a denunciou.

Naquela mesma noite Sr. Miguel foi ao colégio, posicionou-se em local estratégico escuro, onde através da grade poderia ver perfeitamente a movimentação dos alunos, no pátio do colégio. Viviane como sempre fazia, encontrava o namoradinho, se isolavam e ficavam conversando com certa intimidade, quando a sirene do colégio tocava, saíam de mãos dadas em direção às salas de aula. Sr. Miguel presenciou na íntegra o namoro da filha há menos de trinta metros de distância, abobalhado com o que viu, voltou pra casa, contou tudo em detalhe à esposa, sentou-se e ficou esperando as filhas. Dona Márcia com lágrimas nos olhos, pediu ao marido:

— Miguel não a castigue, faça com ela o que disse que faria com Ana Vitória, caso ela começasse namorar. Retire a da escola e leve à para trabalhar na lavoura com

você, e os trabalhadores. Bater não vai resolver, já é uma mocinha, vai piorar ainda mais.

Sr. Miguel teve quase duas horas para refletir, à princípio sua intenção era aplicar-lhe uma boa surra, diante das lágrimas e do pedido da esposa, decidiu acatar seus conselhos. Assim que as duas adentraram à sala, estranharam as presenças dos pais as esperando, Ana Vitória um pouco assustada, perguntou:

— Aconteceu alguma coisa mamãe?

Sr. Miguel demonstrando uma calma, que não possuía, respondeu pela esposa:

— Aconteceu sim, estive lá no colégio de vocês, e pude ver com meus próprios olhos, durante o intervalo, a Vivi conversando sozinha com um moleque, e quando tocou a sirene, saírem de mãos dadas em direção às salas. Minha vontade seria dar-lhe um corretivo exemplar, mas decidi ouvir o conselho de sua mãe. A partir de amanhã, levantará na mesma hora que costumo me levantar, e irá trabalhar ao meu lado o dia todo. Escola agora, somente se um dia provar que criou vergonha em sua cara.

Deixou as três na sala, entrou em seu quarto e fechou a porta. Dona Márcia visivelmente emocionada, disse à filha: — Eu lhe avisei que seria assim.

— Não estou nem aí. Achei foi até bom, não gosto de estudar mesmo. Nem fazer faxina.

Dona Márcia não disse nada. Mas pensou consigo mesmo: “Essa menina vai nos dar muito trabalho”. Entrou em seu quarto, e foi fazer suas orações.

Assim que as duas entraram para o quarto, Viviane disse à irmã: — Tudo por sua causa, não tenho culpa se não gosta de namorar.

Cinco horas da manhã era o horário que Sr. Miguel e Dona Márcia levantavam todos os dias úteis da semana, ela coava o café, preparava o almoço, colocava em uma marmita térmica, ele enchia uma garrafa térmica com água fria, despedia da esposa, entrava em seu ônibus, dava partida e se dirigia para um ponto, onde os trabalhadores o esperavam. Nesse dia bastou a mãe entrar no quarto, Viviane se pôs de pé, não disse nada, vestiu calça comprida e blusa, ambas bem grosseiras, calçou um chinelo, pegou um lenço grande, para cobrir a cabeça do sol, e sua marmita, e entrou no ônibus do pai.

Deveria ser seis horas da manhã, quando o ônibus parou no ponto, Sr. Miguel abriu as portas, entraram oito homens, cinco mulheres, quatro mocinhas e dois rapazinhos, Sr. Miguel anotou o número de trabalhadores numa prancheta, vinte e um trabalhadores.

Assim que todos se acomodaram nas poltronas, Viviane sentou-se ao lado de uma mocinha de sua idade, que se chamava Sandra, e perguntou-lhe:

— O que vamos fazer hoje?

A mocinha respondeu, perguntando: — Vamos colher tomate. Hoje é seu primeiro dia?

— É meu primeiro dia. Como se colhe tomate?

— Apanha-se os maduros e os que estão começando madurar, e coloca os em uma caixa.

— Isso parece ser fácil.

- Você veio sozinha?
- Não, vim com meu pai, o dono do ônibus.
- Então vai ser bem fácil, o mais difícil é carregar as caixas cheias de tomate, mais de vinte quilos.
- Você consegue carregá-las?
- Consigo, mas meu pai é quem as carregam, eu apenas colho e os coloco nas caixas.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 19/08/2023.

Quem Sabe Faz a Hora

COMO JÁ DISSEMOS SR. MIGUEL NÃO apenas dirigia o ônibus, quando chegava nas lavouras, se misturava aos trabalhadores e trabalhava o dia todo. Nesse primeiro dia, que Viviane a quem ele sempre chamara de Vivi, desde pequena, trabalharia ao seu lado, primeiro passou-lhe algumas instruções, como deveria proceder para colher os tomates, os maduros e os meio maduros, depois pegaram uma caixa cada um, espécie de caixa de cerveja, construída do mesmo material plástico, leve e resistente, destinado a essa finalidade. Os tomateiros plantados enfileirados em linhas, Sr. Miguel de um lado, Vivi do outro, enquanto o pai havia colhido meia caixa, Vivi havia enchido a sua. Sr. Miguel ficou admirado com a rapidez da mocinha. Ela

buscou outra caixa, e continuou colhendo, assim que Sr. Miguel conseguiu encher sua caixa, Vivi tinha acabado de encher a segunda caixa. Ele não disse nada a ela, mas todos perceberam que Viviane era muito rápida.

Nesse tipo de colheita, como em quase todas as colheitas, o dono da lavoura remunera o trabalhador, conforme sua produção. Nesse seu primeiro dia de trabalho, Viviane colheu o dobro de caixas, de qualquer outro trabalhador, inclusive a seu pai. Chegando de volta à tarde do trabalho, Sr. Miguel a levou para comprar, roupas, calçado, chapéu, adequados para o trabalho na lavoura. Viviane em nenhum momento pediu para voltar à escola. Na verdade, nunca tivera facilidade nos estudos. Em poucos dias a mocinha revelou-se ser uma colhedora excepcional. Ela se destacava em todo tipo de colheita, pimentão, jiló, berinjela, laranja, limão, devido sua disposição e agilidade. Muito bonita, sempre feliz, sorridente, brincando com as pessoas, quando estava trabalhando nas roças, e dentro do ônibus, quando iam e voltavam do trabalho, ela conseguia alegrar todos indistintamente, que estava a sua volta.

Como revelamos, no segundo semestre do ano anterior, Ana Vitória se destacara entre os alunos da sétima série, inexplicavelmente nesse primeiro semestre da oitava série, suas notas declinaram de forma acentuada, que os próprios professores perceberam. O que estaria acontecendo para que isso ocorresse? Ana Vitória passava a tarde toda estudando, e na hora da prova ocorria um branco, e não se lembrava do que havia estudado.

Se antes evitava olhar para José Luiz, depois que o pai proibiu a irmã de estudar, ela se afastou ainda mais, como se fosse algo proibido e pecaminoso. José Luiz percebeu aumentar a indiferença dela, e isso o entristecia. Às vezes se arrependia de não ter ouvido os conselhos da mãe e se mudado. Então passou dedicar-se mais aos estudos, das matérias do colégio, e da Doutrina Espírita, cada vez mais se convencendo que só valeria à pena amar uma pessoa, quando é correspondido, e não se sentia mais amado por Ana Vitória.

O episódio ocorrido com Viviane, de o pai retirá-la da escola devido seu namorico, e levá-la para trabalhar com ele na lavoura, foi interpretado por professores e pais de alunos, como um gesto autoritário e prepotente. Mas logo caiu no esquecimento, menos para Ana Vitória, que sentia correr o mesmo risco, caso o pai viesse saber qualquer coisa a seu respeito. Todas essas ocorrências desagradáveis, aliadas às baixas notas, uma espécie de desânimo e desejo de desistir de tudo a envolvia, ao ponto de chegar dizer à mãe, que perdera a vontade de continuar estudando. Se o pai quisesse tirá-la do colégio, e levá-la para trabalhar na lavoura, não mais se importaria. Dona Márcia descartou essa possibilidade, e disse que o pai não deveria saber que estava pensando essas coisas.

Não obstante os acontecimentos desfavoráveis ocorridos, na família de Sr. Miguel e Dona Márcia, naquele início de ano, chegaram pensar em parar com o Evangelho no Lar aos sábados, mas Ana Vitória os convencera, que o que havia acontecido não tinha nada a ver com o

Evangelho no Lar, e sim com a forma errada deles procederem, e graças a ela continuaram perseverando.

À medida que o tempo passava mais Sr. Miguel e Vivi se entendiam, e ela se tornava ainda mais eficiente. Passados alguns meses, Sr. Miguel recebeu em sua casa a visita de um proprietário rural, descendente de japoneses, Sr. Massami Fuji, necessitava de trabalhadores por alguns dias para colherem cebolas. E depois da colheita, efetivarem o plantio de uma nova área. Sr. Miguel permanecera por quase dois meses levando os trabalhadores para a propriedade de Sr. Massami.

A família de Sr. Massami Fuji era pequena composta por ele, a esposa Sara Fuji, e o filho Carlos Fuji, com apenas dezesseis anos. Poderíamos considerar a família Fuji, classe média alta, eram proprietários de um pequeno sítio, mas muito produtivo, camioneta nova, dois tratores pequenos seminovos. Quando dissemos que Viviane era espevitada não exageramos, mesmo na presença do pai, ela conseguiu se envolver às escondidas com o filho de Sr. Massami. Que convenceu ao pai, conversar com Sr. Miguel, para deixar Viviane aprender operar trator, que ela levava muito jeito pra coisa. Sr. Miguel não viu nenhum inconveniente, e Viviane começou passar o dia todo com Sr. Massami e o filho Carlos, trabalhando com os tratores. Quando terminaram os trabalhos, Carlos convenceu ao pai contratar Viviane para continuar trabalhando com eles. Os três foram conversar com Sr. Miguel, que nada desconfiou, e deliberou que fossem até sua casa, para ouvir também a opinião de sua esposa Dona Márcia. No

domingo a família fugi, foi até a casa de Sr. Miguel na cidade. Diante da proposta de salário irrecusável, e da euforia de Viviane, os pais concordaram. Viviane pegou suas coisas, e foi morar e trabalhar com os Fuji.

Em alguns finais de semana Viviane vinha visitar os pais, e demonstrava estar muito feliz com seu trabalho, e com os patrões, que também gostavam muito dela. Aparentemente ninguém tinha conhecimento do romance secreto entre Carlos e Viviane, porque acontecia na calada da noite. Mas era perceptível o bom relacionamento entre ela e a família Fuji. Apesar de não ter completado quatorze anos, era considerada ótima profissional, e ela gostava do que fazia, e da vida rural que levava.

Ao contrário de Ana Vitória, Viviane era extrovertida, alegre, descompromissada, gostava de andar bem arrumada, e tomar saquê com os Fuji. Conversando com a irmã mais velha, a questionou se não gostava de namorar?

Ana Vitória desconversou, não quis falar sobre suas particularidades, nem sobre seus sentimentos, então Viviane pediu segredo à irmã. Demonstrando estar muito segura de si, revelou tudo sobre sua vida particular. Que antes mesmo de se mudar já se relacionava às escondidas com Carlos Fuji, os pais dele fingiam que não sabiam, mas certamente aprovavam, ou não a tratariam como a uma filha, ela trabalhava muito, mas tinha tudo que queria, e eram muito felizes.

Foi o suficiente para sensibilizar a irmã. Que teve um acesso de choro, e conseguiu dizer apenas que era muito infeliz. A irmã a abraçou e pediu que desabafasse com ela o

que sentia. Então Ana Vitória revelou-lhe, o amor que sentia por José Luiz, o rapaz que participara junto com o pai, no primeiro Evangelho realizado em sua casa, que esse amor havia começado no exato momento que o conheceu, há quase dois anos atrás, mais exatamente no primeiro dia que foi ao colégio, e por medo do pai impedi-la de continuar estudando, renunciara o desejo de levar adiante o romance, mas não conseguira esquecê-lo. Então Viviane lhe disse:

— Minha irmã sei que você é muito mais inteligente que eu, mas não abriria mão de um grande amor por nada, isso eu nunca faria. Nada nos pode fazer mais felizes nesse mundo, que viver um grande amor, nem riqueza, nem profissão. Você ainda é jovem, não troque sua felicidade, somente para não magoar os pais. Os pais que amam os filhos, desejam vê-los felizes e não infelizes, pense nisso.

— Meu medo é que ele se canse de me esperar, e passe gostar de outra pessoa. Cada dia que passa, estou sentindo mais insegura, ele me parece mais distante, e sinto amá-lo cada vez mais.

— Sabe como se chama isso que está sentindo? Covardia. Para conseguir o que se deseja, tem que lutar. Nunca brinque com os sentimentos das pessoas, você pode até fazer ela sofrer, mas poderá perdê-la para sempre.

Aquelas palavras ditas por uma menina de quatorze anos, com aquela segurança, fizeram Ana Vitória acreditar, que ela poderia estar certa, a irmã era bem mais determinada que ela.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 20/08/2023.

O Local Mais Apropriado

NAQUELE DOMINGO À TARDE, Ana Vitória se arrumou adequadamente, disse à mãe que iria até a casa de uma amiga. A mãe não disse nada, muito raramente ela saía de casa. Apertou a campainha do portão da casa de Sr. Avelino. Dona Pérola veio abrir o portão, Ana Vitória a cumprimentou com educação, perguntou:

- Gostaria saber se José Luiz se encontra?
- Vamos entrar, José Luiz saiu, mas não deve demorar.
- Obrigado, quando voltar, diz a ele que estive aqui, que preciso conversar com ele, à propósito meu nome é Ana Vitória.
- É você, Ana Vitória? Muito prazer conhecê-la, sou a mãe de José Luiz, chamo-me Pérola.

— O prazer é todo meu conhecê-la.

Quando estava para sair, Sr. Avelino apareceu no portão, ao vê-la, a cumprimentou com carinho, e a convidou para entrar.

— Obrigado Sr. Avelino, só queria falar com José Luiz, mas ele não se encontra.

— José Luiz foi visitar Sr. Baltazar, em sua casa, ele não se encontra muito bem de saúde.

— Obrigado Sr. Avelino, sei onde fica, vou passar lá. Até mais.

Quando Sr. Avelino falou o nome de Sr. Baltazar, imediatamente se lembrou que morava ao lado da casa de sua amiga Joice, e não ficava distante. Em poucos minutos chegava em frente à casa, bateu palmas, José Luiz abriu a porta e deparou-se com Ana Vitória. Ela estava muito bonita, a olhou nos olhos, não acreditando que era ela que estava ali, Ana Vitória lhe disse:

— Boa Tarde José Luiz, passei em sua casa, seu pai me disse que estava aqui, tenho algumas coisas para lhe dizer.

— Vamos entrar, quero que conheça Sr. Baltazar.

Ana Vitória o acompanhou, sentado em uma poltrona, na sala, estava Sr. Baltazar, como já o descrevemos, um Senhor octogenário, cabelos grisalhos, aparentando estar um pouco debilitado pelo problema de saúde, como disse Sr. Avelino, mas muito simpático, e sorridente, que ao ser apresentado para Ana Vitória disse:

— É um prazer muito grande conhecê-la pessoalmente, José Luiz fala-me muito sobre você, sem-

pre me disse que era muito bonita, mas não imaginava que fosse tanto.

Surpresa e um pouco embaraçada com o que acabara de ouvir, ela disse: — Obrigado Sr. Baltazar, falando assim o Senhor me confunde, não imaginava que José Luiz, falava sobre mim ao Senhor.

— José Luiz confia em mim, e sabe que tudo que me diz, levarei comigo para o túmulo, penso que as coisas que me disse sobre você, só o fez, por não conseguir dizê-las a você.

José Luiz disse: — Sr. Baltazar falando assim o Senhor me compromete, diante de Ana Vitória.

— Essa é justamente minha intenção, comprometê-los para sempre.

José Luiz e Ana Vitória, riram de Sr. Baltazar. Então José Luiz convidou para que sentasse ao seu lado no sofá. Ela sentou-se e para disfarçar, falou: — Sr. Avelino deve ter se enganado, disse-me que o Senhor não estava muito bem de saúde, mas pelo que estou vendo, está bem até demais, brincando desse jeito.

— Sabe por que estou dizendo essas coisas? Por sentir que é uma oportunidade que Deus, está me concedendo para fazer uma coisa boa, aproximar vocês dois.

Sem perceber Ana Vitória, disse: — Foi exatamente para isso que vim procurar José Luiz.

José Luiz, mais que depressa respondeu: — Há quase dois anos esperava que esse dia acontecesse, dois anos é muito tempo para se esperar, não é Sr. Baltazar?

Sr. Baltazar deu seu parecer, revelando que sabia o que estava dizendo: — Na vida nada acontece ao acaso, tudo tem o momento certo para se iniciar, infelizmente também chega o dia da separação, caso as pessoas desejarem se reencontrarem, Deus é tão bom que permite que isso aconteça. Eu e minha esposa Anita, vivemos felizes por quase sessenta anos, ela partiu há mais de cinco anos, mas não vejo a hora de reencontrá-la.

Ana Vitória perguntou: — O Senhor acredita que isso será possível?

— Não só acredito que é possível, como tenho certeza, se ela desejar encontrar-me, como eu desejo, as Leis de Deus, são tão perfeitas que permitirão que isso aconteça, eu acredito nas Leis Divinas, assim como Naquele que as criou.

— Vocês não tiveram filhos Sr. Baltazar?

— Tivemos somente dois filhos, são formados, casados, moram com suas famílias em São Paulo, depois que a mãe partiu, não mais nós vimos, às vezes nos falamos por telefone. Não os procuro para não os incomodar.

José Luiz perguntou: — Por que o Senhor acha que os incomodariam?

— Talvez pelo fato deles não virem me ver.

José Luiz perguntou novamente: — O Senhor nunca me falou muito sobre seus filhos, eles também são espíritas?

— Não, talvez seja uma das razões deles não virem me ver. Quando eu e seu pai começamos estudar a Doutrina Espírita aqui em casa, logo depois da morte de minha esposa, eu disse a eles, percebi que não gostaram.

Depois de conversarem mais um pouco sobre Doutrina Espírita, Ana Vitória entendeu que aquele local, e a presença de Sr. Baltazar eram apropriados, para esclarecer as razões que a levaram proceder daquela maneira com José Luiz, até esse dia, tomou a palavra, e foi dizendo:

— Quando nos mudamos para Laranjal, tinha quatorze anos, pedi aos meus pais que gostaria continuar estudando, concordaram desde que não me envolvesse em namoros. Em meu primeiro dia de aula, conheci José Luiz, ele quis namorar-me, para continuar estudando não aceitei namorá-lo, por saber que meus pais não permitiriam. No início desse ano minha irmã começou estudar à noite, mesmo sabendo o que lhe aconteceria, arrumou um namoradinho, meus pais a retiraram da escola, e passou levá-la para trabalhar com ele nas lavouras, até que ela conseguiu um emprego de tratorista, no sítio de uma família nissei. Achei que meus pais foram muito duros com minha irmã, desde então venho perdendo o desejo de continuar estudando. Conversando com minha irmã hoje, disse-me que foi a melhor coisa que lhe aconteceu, agora está muito feliz. Então decidi não obedecer mais aos meus pais. Caso José Luiz, ainda queira namorar-me, não importo deixar a escola e ir trabalhar na lavoura como fez com minha irmã Viviane.

José Luiz emocionado, também resolveu falar: — Quando concluí o primeiro colegial no ano passado, meus pais quiseram que fosse estudar onde mora meu irmão João Pedro, para me preparar melhor para o vestibular. Para agradar meu pai, mesmo contrariando

a vontade de minha mãe, comecei estudar com eles a Doutrina Espírita, e pedi mais um ano para mudar-me daqui. Foi o tempo que concedi para que você, também se decidisse sobre nós. Caso nesse prazo não me procurasse, agora em janeiro já estava decidido, eu iria deixar tudo e me mudaria. Como disse esperar dois anos é muito tempo, mas como justificou Sr. Baltazar, com sua respeitada sabedoria, que nada acontece antes do devido prazo. Gostaria de saber do Senhor, o que sugere que façamos, para que não contrariemos as Leis Divinas?

— Meus queridos José Luiz, que o conheço desde que era um menino e usava calças curtas, e Ana Vitória que a conheci pessoalmente hoje, mas a conheço desde que ouvi José Luiz falar sobre você. Enquanto vocês dois falavam, estava torcendo e até imaginando que recorreriam a mim para ajudá-los, e acredito que Espíritos amigos me socorreram, para que pudéssemos ajudá-los da melhor maneira possível, sem magoarem vossos pais, nem desobedecerem a Deus.

Sr. Baltazar respirou fundo, e continuou: — Nós os aconselhamos, quando saírem de aqui irem os dois até a casa dos pais de Ana Vitória, revelarem tudo a eles. Que se amam e desejam com o consentimento deles namorarem sério, caso eles permitirem, também continuarem estudando. Nós garantimos que concordarão com as duas petições.

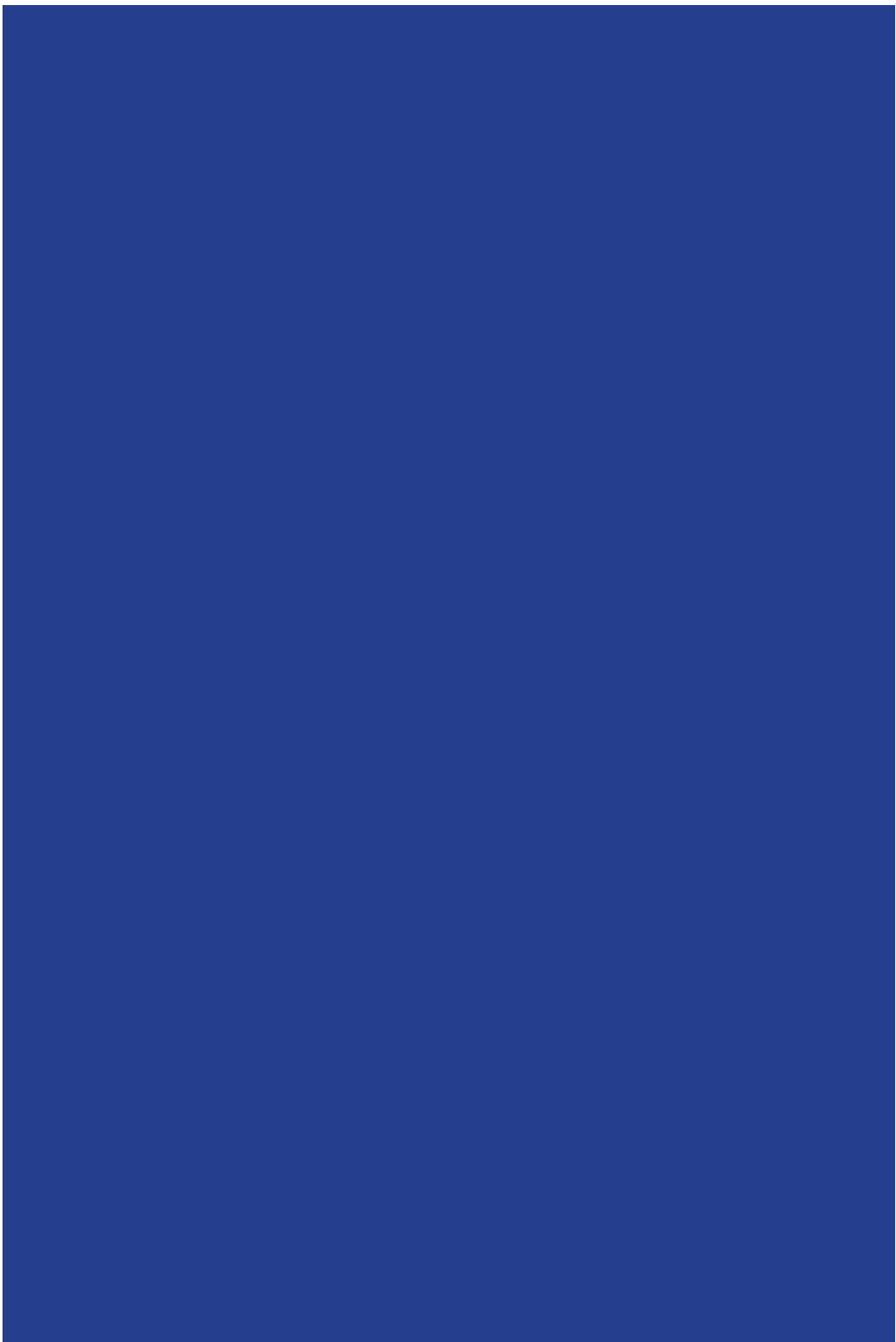
Ana Vitória perguntou: — Como o Senhor pode garantir que concordarão?

— Se continuarem estudando Doutrina Espírita, conhecerão essa e muitas outras respostas, que os ajudarão à não magoar às pessoas, nem contrariar as Leis de Deus.

José Luiz perguntou: — E quanto aos meus pais, como reagirão?

— Também garantimos que reagirão, da mesma maneira que os pais de Ana Vitória.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 21/08/2023.



Filhos, como Sabê-los, se Não os Ter

NAQUELA TARDE, QUANDO SOL já declinava em direção ao poente, José Luiz e Ana Vitória, despediram-se de Sr. Baltazar, e saíram andando juntos em direção à casa dela. Ambos estavam visivelmente inseguros, Sr. Miguel era um homem educado, mas imprevisível. Chegaram ao portão da casa, ela o convidou para que entrasse, e se sentasse no sofá. O pai e a mãe conversavam na área dos fundos, ela foi até lá, e pediu que viessem até a sala. Ambos a acompanharam ao verem José Luiz sentado no sofá, o cumprimentaram pegando em sua mão. José Luiz era um rapaz não muito alto, mas relativamente forte, já havia completado dezoito anos, esperou que todos se sentassem, e começou dizendo:

— Sr. Miguel conheci Ana Vitória assim que ela começou frequentar o colégio, há dois anos, gostei muito dela, na ocasião falei em namorá-la, explicou-me as condições impostas pelos pais para que continuasse estudando, como não pretendia parar de estudar, não aceitou minha proposta. Nesse período não me interessei por nenhuma outra pessoa, porque continuava gostando dela, e percebi que ela também não se interessou por ninguém. Agora a procurei novamente e reiterei meu pedido. Ela disse-me que aceitaria, desde que vocês permitissem, então propus vir até aqui para conhecer vossa opinião. Quanto aos meus pais, já comuniquei a eles meu interesse em Ana Vitória, como o Senhor sabe, meu pai tem grande consideração para com toda sua família.

Sr. Miguel percebeu que o rapaz tinha falado tudo que queria, então disse: — Ana Vitória sempre foi uma filha muito obediente, e demonstrara muita vontade em estudar, mas não sabemos até onde podemos ajudá-la. Ela tem a mesma idade da mãe, quando começamos namorar, como acredito que vocês dois são jovens responsáveis, um namoro sério e respeitoso, não atrapalharia vossos estudos. Vocês têm nosso consentimento, de preferência que seja aqui em nossa casa.

— Obrigado Sr. Miguel e Dona Márcia, meus pais ficarão muito felizes em saber, faremos tudo ao nosso alcance para nunca os magoar ou decepcioná-los. Agora começarei pensar mais seriamente em nosso futuro. Se me derem licença, agora vou para casa, contar aos meus pais.

José Luiz um pouco atrapalhado, mas demonstrando estar muito feliz, despediu-se pegando na mão de todos. Ana Vitória o acompanhou até o portão, e lhe disse em voz baixa: — Amanhã nos falamos no colégio.

José Luiz era a felicidade em pessoa. A orientação recebida de Sr. Baltazar, naquele ambiente impregnado de bons fluídos, foi fundamental para que tudo transcorresse da melhor maneira possível. Um dia Deus o abençoaria e haveria de ser pai, e se espelharia nos valores e na conduta sensata de Sr. Miguel. Porque o que os pais mais desejam, é a felicidade de seus filhos.

Chegando em casa, logo na entrada, foi interceptado pelo pai, que lhe perguntou: — Ana Vitória o encontrou?

O sorriso de José Luiz falou por ele, disse apenas: — Encontrou-me, vou tomar um banho, depois nos falamos.

Durante o jantar na presença do pai e da mãe, José Luiz relatou minuciosamente, toda tentativa de relacionamento com Ana Vitória, desde o princípio, sua decisão de não mais aceitar a imposição dos pais, mesmo sabendo o risco que correria, a conversa com Sr. Baltazar, seus conselhos, depois a visita e a conversa sincera com Sr. Miguel e Dona Márcia, e o consentimento do namoro. Era perceptível a felicidade de José Luiz, Sr. Avelino ouvia com interesse o relato do filho, sua mãe um pouco indiferente. Terminada a conversa e o jantar, antes de deixarem à mesa, Dona Pérola, perguntou:

— O que pretende fazer agora, casar-se?

Pelo tom irônico da mãe, resolveu dizer-lhe o que realmente desejava fazer: — Pretendo apenas namorar a pessoa que amo, e começar ser feliz. No futuro só Deus sabe o que acontecerá, o que sei é que estou muito feliz, e não permitirei que impeçam minha felicidade.

— E quanto se mudar para ir estudar, onde seu irmão mora?

— Deus vai orientar-me o que devo fazer.

Estávamos no início do mês de dezembro, o ano letivo estava terminando, mais algumas provas, depois as férias de final de ano. Ao contrário do ano anterior, Ana Vitória ainda lutava para ser aprovada, não conseguia entender às razões de toda aquela dificuldade, não era por falta de estudar. Mas de uma coisa ela estava segura, o estudo não era mais sua prioridade, acreditava encontrar em seu namoro com José Luiz, a felicidade que precisava.

Bastaram alguns dias da semana que se iniciara, quase todos os alunos do colégio, tinham conhecimento do namoro entre José Luiz e Ana Vitória, era visível e contagiante a felicidade deles. O medo e a insegurança de antes, provocados por aquele sentimento reprimido, desapareceram repentinamente. O sorriso um tanto desaparecido dos lábios de Ana Vitória, reapareceu tornando a ainda mais bonita. O mesmo acontecendo com José Luiz, para quem vivia calado, pensativo, isolado pelos cantos, agora sempre sorridente ao lado da namorada.

Na sexta-feira depois da aula, José Luiz acompanhara Ana Vitória até sua casa, e a convidara participar dos estudos espíritas no sábado, na casa de Sr. Baltazar, e que

ela estendesse o convite aos seus pais, caso eles desejassem também participar. Ana Vitória disse que conversaria com eles, e no sábado à tarde lhe mandaria a resposta. Na manhã do sábado ela transmitiu aos pais o convite do namorado, seu pai disse que até depois do almoço decidiria. Aconteceu de antes do almoço, receberam a visita de Viviane que ficaria até no domingo, então Sr. Miguel deliberou que ficaria para outra oportunidade, que no sábado à noite aproveitariam a presença de Vivi, e fariam em família o Evangelho em casa. Ana Vitória escreveu um bilhete sucinto, pediu à Lili, que fosse até a mercearia de Sr. Avelino e entregasse ao namorado. Sem esquecer de convidá-lo, se possível dar uma passadinha em sua casa, depois do estudo, e dar em seu nome, um abraço em Sr. Baltazar.

Na tarde daquele sábado, Ana Vitória e Viviane se fecharam no quarto, e conversaram demoradamente. Desde que se mudara para a casa dos Fuji, Viviane se transformara em outra pessoa, em termo de amadurecimento, e essa mudança não passara despercebida aos seus pais. Ana Vitória a agradeceu pela conversa sincera, que tiveram no domingo anterior, que a encorajou fazer o que fez, e disse à irmã, que estava se sentindo muito mais feliz agora. Viviane perguntou à irmã, se tinha revelado alguma coisa sobre ela aos pais, Ana Vitória disse que jamais trairia sua confiança. Viviane disse a ela, que à noite depois do Evangelho, revelaria tudo a eles. Então Ana Vitória a questionou, se não estaria se precipitando. Que em sua opinião, o mais sensato seria conversar esse assun-

to tão delicado e sério, com a presença de Carlos Fuji, de preferência que ele revelasse aos seus pais, tudo que acontecera, e assumiria a responsabilidade que lhe competia, e o que pretendia fazer para contornar a situação, certamente seus pais relevaria com mais facilidade. Ela considerara a sugestão, disse que repensaria sua decisão. Depois de pensar um pouco, Viviane agradeceu a irmã, disse que deixaria para a próxima semana, e envolveria os pais de Carlos também no imbróglio.

À noite depois do estudo na casa de Sr. Baltazar e do Evangelho na casa de Sr. Miguel, José Luiz passou por lá, cumprimentou e conversou com todos, sempre muito formal e educado, antes das dez horas, foi para sua casa. Felizmente Viviane nada comentou, sobre sua situação constrangedora com o filho do patrão. Que apesar de ser um bom rapaz, honesto e trabalhador, tinha apenas dezesseis anos, eram duas crianças inconsequentes.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 22/08/2023.

Carlos e Viviane, Casal Precoce

NAQUELA SEMANA LÁ NA PROPRIEDADE rural de Sr. Massami Fuji, Viviane disse ao seu namorado que suspeitava estar grávida, Carlos Fuji em sua inocência, começara andar de um lado para outro, esfregando sua vasta cabeleira com as mãos. Parou e perguntou à Viviane, como ela tinha permitido que isso acontecesse. Viviane em sua simplicidade, lembrou-lhe que o havia prevenido, quando disse que tinha esquecido de comprar os preservativos, e que por uma só semana não tinha problema. Carlos fora até à presença do pai, e pedira a camioneta emprestada, sem dizer para que, levou a namorada até uma outra cidade vizinha. Foram até uma boa farmácia, fizeram o teste de gravidez, e o resultado foi positivo, Carlos coçou a cabeça novamente, esperaram

algumas horas, foram até uma outra farmácia, repetiram o teste, e o resultado foi o mesmo. Carlos desistiu de coçar a cabeça, voltaram para casa, e à noite revelaram ao Sr. Massami e à Dona Sara, que Viviane estava grávida, e eles seriam avós.

Os pais de Carlos quiseram saber como aquilo poderia ter acontecido. Coube à Viviane explicá-los que Carlos se esquecera de comprar os preservativos. Ela o preveniu, mas ele continuou indo todas as noites em seu quarto, naquela semana, e foi assim que aconteceu.

No domingo Ana Vitória estranhou que até a hora do almoço, Viviane não havia aparecido como prometera, eram duas horas da tarde, a camioneta de Sr. Massami parou em frente à casa de Sr. Miguel. Os dois casais desceram da camioneta, Viviane abriu o portão e os quatro entraram, e foram muito bem recepcionados, por toda família Faustino. Aquela visita surpresa, naquela hora intempestiva, certamente tinha uma razão, somente Ana Vitória conhecia a razão. Todos se acomodaram no sofá da sala, e em cadeiras, depois de conversarem um pouco. Sr. Massami um tanto desconfortável, revelou verbalmente o motivo da visita, e para que ninguém duvidasse do que acabara de dizer, passou o resultado dos dois testes, às mãos de Sr. Miguel. O mais engraçado que enquanto Sr. Massami dava as explicações, Carlos com a cabeça abaixada, esfregava sua vasta cabeleira negra com as mãos.

Sr. Miguel ainda atordado com o impacto da revelação, disse:

— Não sabia que estavam namorando.

Dona Sara, dissimulada reforçou: — Nem nós sabíamos de nada, mas já dormiam juntos há muito tempo.

Dona Márcia preocupada, perguntou: — E o que faremos agora?

Sr. Massami apresentou a solução: — Vamos casá-los, vocês assinam por Viviane, nós assinamos pelo Carlos. Ela tem somente quatorze anos, e ele dezesseis, mas a criança que vai nascer, não tem nenhuma culpa.

Todos fizeram silêncio, talvez cada qual estava procurando entender, como era simples resolver um problema que à princípio parecia de difícil solução, Sr. Miguel quebrou o silêncio, e desabafara: — Desde o início tive o pressentimento, que não iria dar certo.

Sr. Massami discordou, com os seguintes argumentos: — Pelo contrário, tudo estava indo muito bem, depois que Viviane passou trabalhar com a gente, nossa produção aumentou muito. Essas coisas acontecem, nasceram um para o outro, os dois combinam em tudo, estão sempre juntos, nunca brigam, vão ser muito felizes.

Dona Márcia balançou a cabeça, não concordando, e disse: — São ainda duas crianças.

Mas Sr. Massami era muito prático, e otimista ao extremo, não via nenhuma dificuldade: — Podem ficarem tranquilos, providenciaremos tudo, arcaremos com todas as despesas, mas fazemos questão que todos compareçam ao casamento, marcaremos a data, a festa será lá em nossa casa, podem convidarem quem quiserem.

Diante do acontecido, e das circunstâncias, Sr. Miguel e Dona Márcia, não tinham muita coisa a fazer, a

não ser rezar, para que tudo desse certo. Dona Márcia lembrou-se de um detalhe, falou: — Pelo menos o vestido de noiva de nossa filha, fazemos questão de mandar fazer por nossa conta.

Ninguém se opôs à exigência de Dona Márcia.

Conversaram mais um pouco, Dona Márcia com ajuda das filhas, providenciara um suco de limão, e serviu a todos, juntamente com biscoitos de polvilho, especialidade da casa, depois se despediram, Vivi estava feliz, abraçara os pais e os beijaram repetidas vezes, depois às irmãs. Quando se foram, Dona Márcia entrou em seu quarto, deitou em sua cama, chorou bastante, mas no fundo sentia que tudo iria depender da filha, e ela estava bem mudada.

À tarde Ana Vitória recebera a visita de José Luiz, sentaram-se no sofá da sala, ela o passou contar tudo em detalhe, o que tinha acabado de acontecer dentro daquela sala. Tudo muito trágico e hilário, ao mesmo tempo. O incrível que ele conhecia há muito tempo, e muito bem, Sr. Massami, Dona Sara, e Carlos, fregueses na mercearia do pai. Não podia acreditar que aquele rapazinho, iria ser pai em pouco tempo. Quanto à idoneidade da família Fuji, era inquestionável, gente muito honesta e trabalhadora, o único inconveniente, Carlos e Viviane eram ainda muito jovens, despreparados, para tanta responsabilidade.

Antonio Martinez Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 22/08/2023.

Mais um Ano Promissor para Família Faustino

EM UMA DE SUAS VISITAS À CASA DE Sr. Baltazar, José Luiz lhe falou sobre o desfecho favorável, da conversa que tivera com os pais de Ana Vitória. Que agora eram namorados, e estavam muito felizes, apesar dos comentários feitos pela sua mãe. Sr. Baltazar lhe fez uma confidência também. Que algum tempo atrás, tinha deliberado que faria um testamento. Fora até um Cartório, e pedira para redigi-lo, depois registrá-lo. Retirou de uma gaveta, um envelope, que estava aberto, e continha um documento, passou às mãos de José Luiz para que o lesse.

Nesse testamento Sr. Baltazar declarava, ser sua legítima vontade, doar depois de sua morte, seu único bem, a casa em que morava, para ali ser implementado em ca-

ráter vitalício, um espaço destinado a trabalhos e estudos Espíritas, especificamente à Doutrina Espírita, codificada por Alan Kardec. E confiava essa tarefa aos seus amigos, seguidores e adeptos, desse entendimento Doutrinário, Sr. Avelino Pietro, ao filho José Luiz Pietro, ao Sr. Moacir Jesus Carvalho, e ao Sr. Roberval Moreira, e aos futuros membros que viessem compartilhar desse mesmo entendimento.

José Luiz quis saber por qual razão, estava lhe revelando aquele testamento, quando o mais correto seria mantê-lo lacrado em sigilo. Sr. Baltazar justificou-se, dizendo por ele ser o mais jovem, e ter o pressentimento que seriam ele e Ana Vitória, quem no futuro conduziriam aquele trabalho.

José Luiz não disse nada, mas considerou um tanto profético aqueles pressentimentos de Sr. Baltazar, porque ele mesmo não imaginava como seria seu futuro. Talvez por força das circunstâncias, fosse até obrigado a se mudar para uma outra cidade, a relação dele com Ana Vitória estava apenas começando, portanto, muitas coisas poderiam acontecer, que viessem impedir que ele estivesse à frente daquele trabalho. Mas preferiu não dizer nada.

O imóvel de Sr. Baltazar apesar de ser bem localizado, necessitaria de algumas adaptações, para que ali abrigasse uma casa espírita, onde pudessem receber um público maior, mas já era uma promessa, que no futuro Laranjal teria uma Casa Espírita, onde poderiam à medida de seus recursos, atender às pessoas necessitadas. Assim que José Luiz revelou em caráter confidencial,

à Ana Vitória a decisão de Sr. Baltazar, ela lhe revelou o imenso desejo de frequentar, e se inteirar dos conhecimentos da Doutrina Espírita, para poder ajudar às pessoas. Essa declaração da namorada, sensibilizou José Luiz, e o fez acreditar que Sr. Baltazar, poderia estar certo em seus pressentimentos.

Conversando com seu pai, José Luiz declarou que o contrariava a ideia de se mudar, para uma outra cidade, principalmente agora que estava namorando Ana Vitória. Mesmo sabendo que estaria desagradando a mãe. Sr. Avelino lhe confortou, dizendo que cada pessoa tem o seu livre arbítrio, que não devemos renunciar àquilo que desejamos, para agradar a outrem. Não obstante sua mãe Dona Pérola, ser uma pessoa bem mais instruída que o pai, seu conhecimento espiritual, estava muito aquém do dele. Seu pai o compreendia melhor, e isso colocava sempre os dois em posição contrária. Não sabemos se por ciúmes do marido e do filho, demonstrava uma certa resistência em aceitar Ana Vitória, na vida do filho. Comentando com o pai, esse procedimento que naturalmente a mãe, deixava transparecer, o pai concluiu: — Sua mãe possui apenas o verniz da religiosidade, falta-lhe a essência, aceitar as pessoas como elas são. Isso já lhe falei mais de uma vez, ela sempre se ofende, por considerar-se detentora da verdade, quando na verdade se recusa conhecê-la.

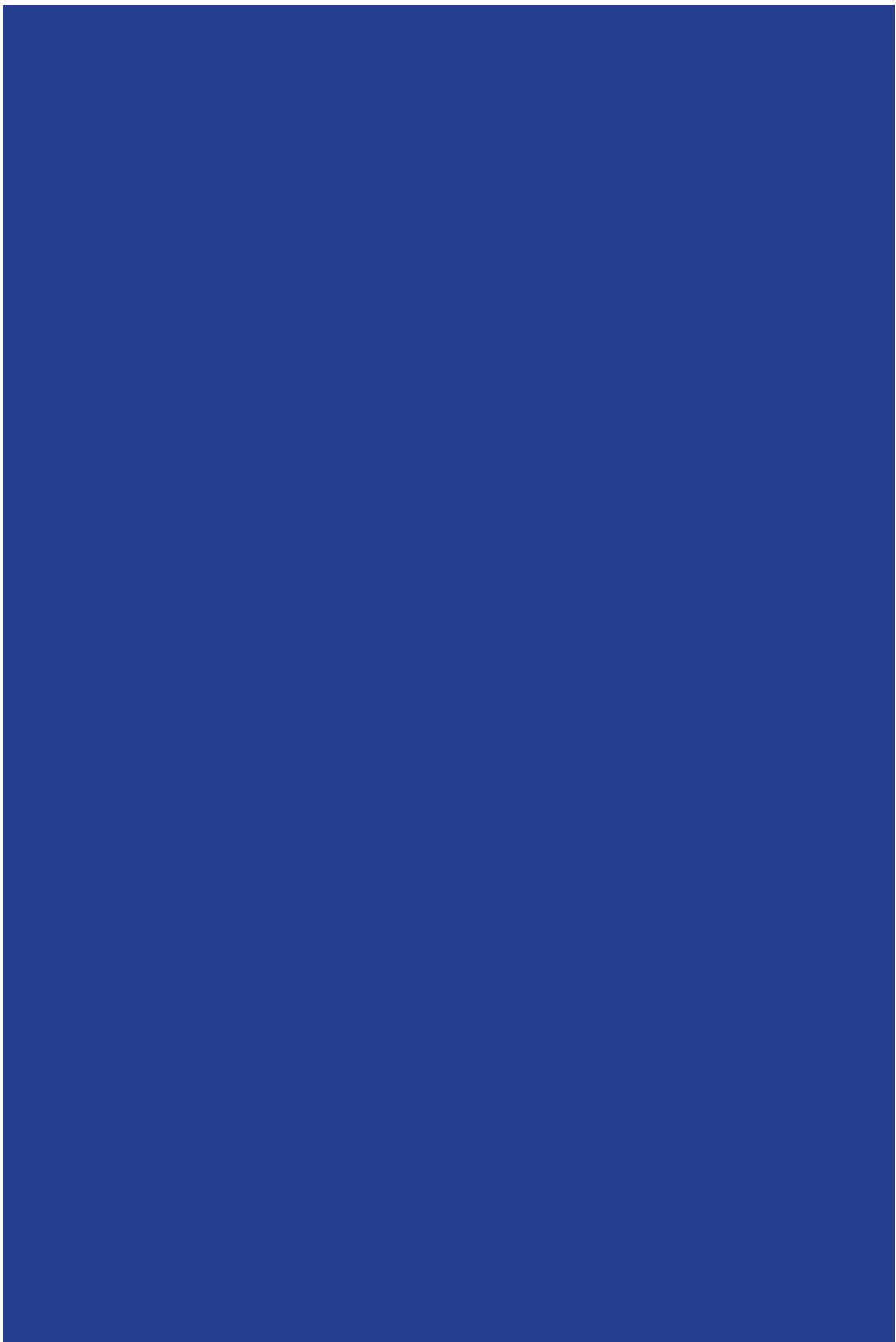
Naquele domingo que Dona Pérola conheceu pessoalmente Ana Vitória, a tratou muito bem, até a convidou para entrar e esperar pelo filho. Depois que ficou sabendo

do que estavam namorando, mudou completamente seu procedimento, atribuindo a ela uma série de acusações, que estaria atrapalhando e prejudicando o futuro do filho, como se ele não tivesse autonomia sobre seus atos, e o que pretendia de sua vida.

Havia terminado o ano letivo, José Luiz no próximo ano, cursaria o terceiro e último ano colegial, Ana Vitória o primeiro ano do curso colegial. Faltava apenas uma semana para o Natal. Viviane acompanhada de seu futuro esposo, vieram até a casa dos pais, informar que seu casamento ocorreria no final da segunda semana do mês de janeiro, e procurar uma costureira para confeccionar seu vestido de casamento. Dona Márcia acompanhada das três filhas, saíram com essa finalidade. Carlos Fuji ficou na companhia de Sr. Miguel, seu futuro sogro. Sr. Miguel já havia conversado com Carlos, nos tempos que lá trabalhara, sobre assuntos relativos aos serviços. Aproveitou e começou questioná-lo como seria sua vida com Vivi, depois do casamento, se continuariam na casa dos pais. Então Carlos lhe explicou que existia uma outra casa menor, no sítio, próxima à casa dos pais, onde iriam morar, inclusive já estavam reformando à casa, e já haviam comprado alguns móveis, e eletrodomésticos, até o dia do casamento estaria tudo organizado. Sem que perguntasse, Carlos revelou ao sogro, que continuariam trabalhando com o pai, e receberiam um percentual sobre o lucro líquido das lavouras, e administrariam seus gastos e rendimentos, sem precisar pedir nada aos pais, que ele e Viviane já possuíam uma boa poupança, depositada no Banco.

Aquelas informações colhidas de forma despre-
tensiosa, permitiram Sr. Miguel, formar um conceito
completamente diferente sobre o futuro genro, em sua
nova visão percebeu que o japonêsinho tinha tino em-
preendedor, sem saber ele, que por trás de todas essas
conquistas, tinha tudo a ver com a interferência, e a fir-
meza de Viviane, nas negociações com Sr. Massami, ela
sim tinha visão de futuro e tino empreendedor, e o futuro
sogro percebeu isso logo que ela começou trabalhar com
eles. Tanto que fizeram vistas grossas do envolvimento do
filho com ela, e admitiu abertamente na casa de Sr. Mi-
guel, que depois que Viviane passou trabalhar com eles,
sua produção havia aumentado substancialmente.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 23/08/2023.



Nada Acontece Por Acaso

NESSE MESMO DIA DONA PÉROLA, recebeu uma ligação telefônica de seus parentes, avisando que seu pai, Sr. Hermínio, havia falecido, esse Senhor tinha setenta e cinco anos, já viúvo há alguns anos, e morava em uma cidade não muito distante, com a outra filha mais jovem. Sr. Avelino fechou sua mercearia, alugou um carro de praça, acompanhado da esposa e do filho, foram ao velório do sogro. Sem não antes passar na casa de Ana Vitória, para avisá-la do acontecido.

Enfatizamos o falecimento de Sr. Hermínio, para justificar que esse acontecimento, interferiria significativamente nas vidas dos pais de José Luiz. Não diríamos que Sr. Hermínio fosse um homem rico, mas muito pre-

vidente, com sua morte, as duas filhas herdariam uma boa quantia em dinheiro. Sua reserva financeira permitiria que vivesse ainda por muitos anos, sem depender financeiramente das filhas, e genros.

No velório do corpo de Sr. Hermínio, compareceram as duas filhas, os dois genros, os sete netos, os casados com seus cônjuges, e os cinco bisnetos, muitos parentes das partes dele, como de sua finada esposa, e muitos amigos e conhecidos, por ter sido um antigo morador daquela localidade, muito conhecido e querido por todos. A causa da morte deveu-se a um infarto fulminante, estava ele muito bem, levando sua vida normalmente, de repente foi surpreendido pelo ataque súbito.

Depois do sepultamento todos se despediram, aqueles que moravam fora, retornaram para suas localidades. Dona Pérola estava particularmente arrasada, porque intencionava passar o Natal que se aproximava, ao lado do pai.

Faziam exatamente dois anos, que Sr. Miguel Faustino deixara a cidade onde morara, muitos anos, e veio morar com a família em Laranjal. Como dissemos vendeu tudo que tinha, juntou suas economias, conseguiu comprar para morar, uma casa modesta, no final de uma rua, e um ônibus velho para trabalhar. Foram dois anos difíceis, com ajuda da esposa Dona Márcia, e a colaboração das filhas, conseguiram guardar algum dinheiro. Conversando com a esposa, disse que gostaria muito comprar uma casa melhor, localizada em lugar mais centralizado, mas suas economias eram insuficientes para isso. Dona Márcia sugeriu trocar o ônibus, por outro mais moderno, menor,

econômico, apropriado para realizar o trabalho que fazia, que não desse tantas despesas com oficinas. Sr. Miguel refletiu e concluiu que não seria uma má ideia. Aproveitaria o recesso de final de ano, iria com seu ônibus e levaria a família para passar o Natal com os parentes, onde moraram, depois de pesquisar bastante, as garagens, trocou seu velho ônibus, por outro bem mais novo e apropriado. Passado o Natal a família Faustino, retornou para casa em Laranjal, a bordo do novo ônibus.

Como dissemos Dona Pérola herdou metade da reserva econômica, que o pai economizou pensando que teria uma velhice prolongada, o que infelizmente não ocorreu. Como o dinheiro lhe pertencia, queria investí-lo da melhor maneira que imaginava, na formação do filho caçula, José Luiz. Mas ele se recusou peremptoriamente, em sua opinião seria um contrassenso usufruir-se, de um benefício não concedido aos seus três irmãos mais velhos. Sugeriu que ela investisse na ampliação do negócio do pai, mas ela se recusou, alegando que o marido não teria competência para gerir algo maior. Sr. Avelino lhe agradeceu pela consideração, e lhe disse que não queria nenhum centavo de seu dinheiro, que fizesse o que bem desejasse com ele. Criando assim uma situação de desentendimentos, e melindres nunca vivenciado pela família, nem mesmo quando passaram por dificuldades financeiras. Quem acredita que o dinheiro sempre soluciona os problemas, às vezes também os criam.

O casamento de Viviane se aproximava, gentilmente convidou Ana Vitória e José Luiz para compor a

equipe de seus quatro casais de padrinhos. José Luiz por sua vez, convidou aos pais, para participarem da cerimônia religiosa e da comemoração na residência de Sr. Massami, Sr. Avelino aceitou imediatamente, Dona Pérola declinou-se do convite, dizendo que não iria, uma grande decepção para ele, perante a namorada, que já havia desconfiado que a mãe do namorado, não estava satisfeita com o namoro do filho. Pelo fato dela ter se insinuado mais de uma vez, vontade de visitar sua mãe, e ele nunca a convidara. Não seria por esse capricho irrelevante, que o casamento de Viviane e Carlos, sofreria qualquer prejuízo. Sr. Massami e Dona Sara, convidaram uma boa parcela dos habitantes de Laranjal, independentemente da posição social, principalmente à colônia japonesa, e aos trabalhadores rurais.

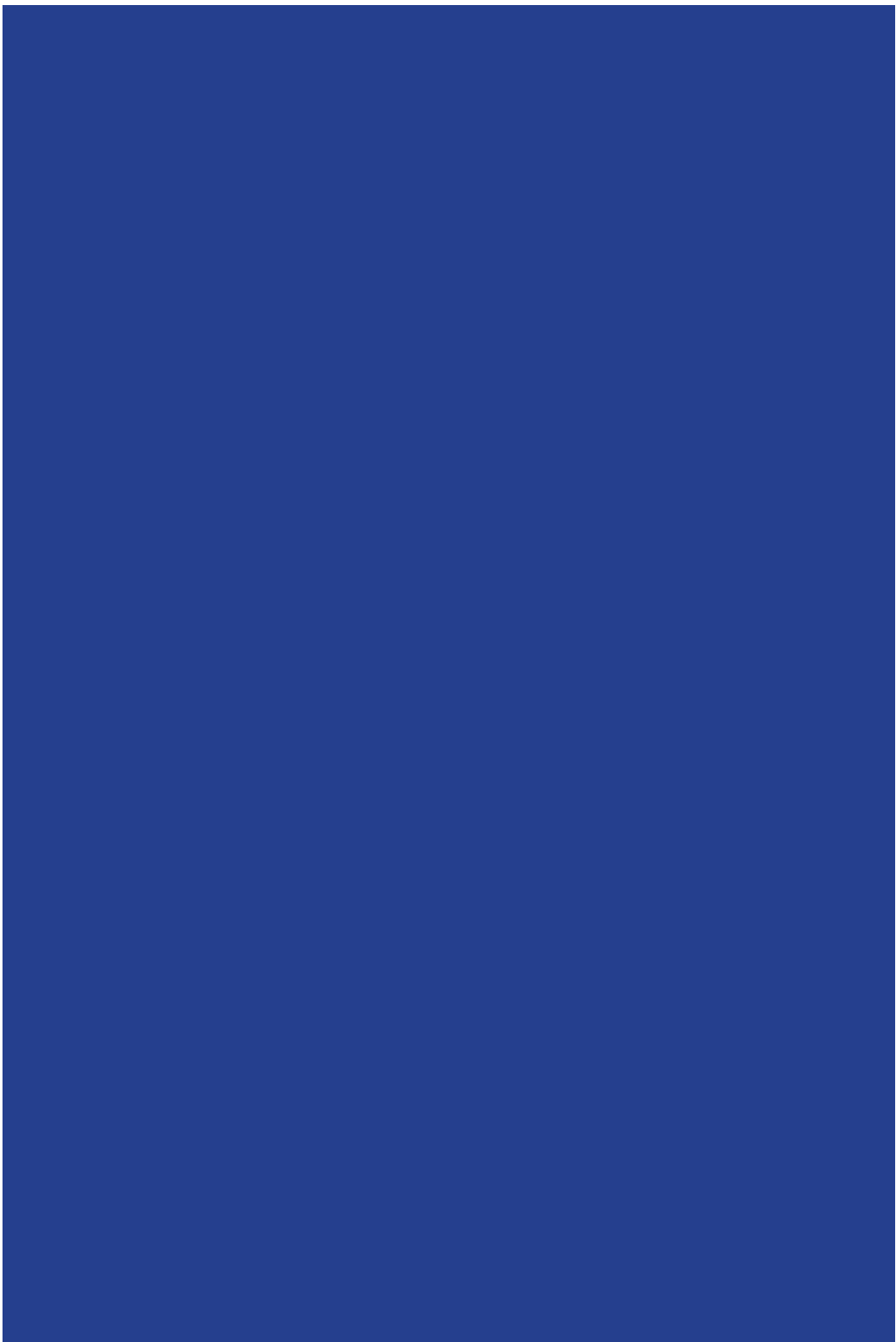
O casamento de Carlos e Viviane, aconteceu em um dia de sábado, pela manhã no Civil, como se os pais de Carlos estivessem firmando um compromisso com os pais de Viviane, e os dois testemunhando. À tarde no religioso, a Igreja pequena não coube a maioria dos convidados. Depois da cerimônia, foi necessária uma frota de ônibus para levar os que não possuíam condução para ir, inclusive o ônibus do pai da noiva, foi muito útil. Carlos e Viviane estavam muito elegantes, e muito felizes, José Luiz sempre sorridente ao lado de Ana Vitória, que apesar de estar muito bonita, aparentava preocupada, depois que José Luiz, fora forçado a lhe mentir, dizendo que a mãe não estava bem de saúde, naquele dia, por isso não comparecera ao casamento.

O espaço do quintal da casa de Sr. Massami, relativamente grande, tornou-se pequeno para acomodar tantos convidados, em compensação a fartura de comida e bebida, extrapolara à demanda. Sr. Massami justificava, dizendo que por Carlos, ser seu único filho, era sua obrigação fazer uma grande comemoração, não se importando com o trabalho e os gastos que teria, para ele um dia muito especial em sua vida.

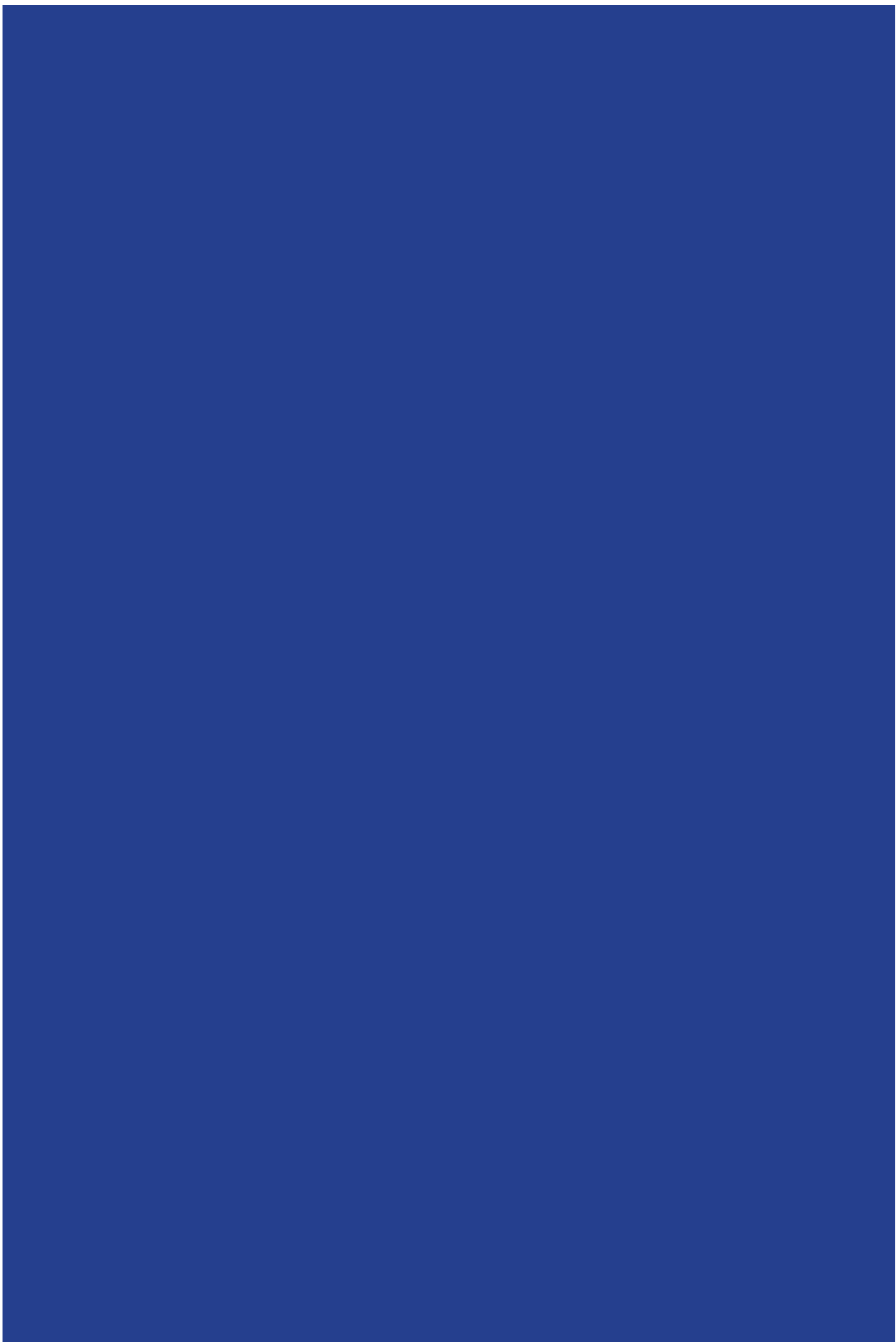
Sr. Miguel e Dona Márcia, se emocionaram muito durante a cerimônia religiosa, não conseguindo conter as lágrimas, com as palavras do celebrante, que não deixou de perceber que se tratava de um casal, demasiadamente jovem.

Dessa forma como recomendara o cerimonial, Carlos Fiji e Viviane Faustino Fuji, de conformidade com as Leis vigentes, constituíra uma família, que não demoraria muito, seria consolidada e abençoada com a chegada daquele que involuntariamente acelerara todo o processo de união. Como disse Sr. Baltazar, nada acontece por acaso, e tudo tem o momento certo para que aconteça. Analisando mais minuciosamente, o curto espaço de tempo que fora necessário, para que Carlos e Viviane definissem seus sentimentos, e de uma maneira até inconsequente, apostaram todas as suas fichas, naquela relação, nos faz concluir pela veracidade das frases citadas por Sr. Baltazar, muito consideradas nos meios Espíritas.

Antonio Martinez Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 24/08/2023.



Parte II



Retorno à Casa Paterna

A MANEIRA SUNTUOSA COMO DONA Pérola se empenhou, para que José Luiz deixasse a casa paterna e fosse estudar fora, não logrou o menor êxito, muito pelo contrário, o rapaz decidiu que não se mudaria, continuaria estudando à noite, e ajudando o pai na mercearia durante o dia. Podemos atribuir essa resistência, ao seu namoro com Ana Vitória.

Um novo ano se iniciara e a vida aos poucos, voltava à rotina. Numa cidade pequena como Laranjal, os jovens preferem ao período de aulas, que propriamente durante às férias, por não se ter o que fazer, nem aonde ir durante à noite. Às vezes José Luiz saía, pedalando a bicicleta da mercearia, ia até a casa da namorada, mas logo retornava. Ou ia até a casa de Sr. Baltazar, para saber se estava tudo bem com

sua saúde, conversavam um pouco, e voltava para casa. Sua mãe não tinha ainda digerido sua decisão, de não se mudar, alimentava esperança de que a qualquer hora acontecesse um fato novo, e ele declinasse de sua deliberação.

Depois do casamento de Viviane, todas às vezes que iam à cidade, ela acompanhada do marido, passavam na casa dos pais, deixavam algumas caixas com verduras e legumes, que para não se perder, Dona Márcia distribuía com algumas vizinhas. Não obstante Vivi, estar grávida de poucos meses, continuava trabalhando normalmente, e os recém-casados pareciam ainda mais felizes.

Se Dona Pérola esperava que acontecesse um fato novo, acontecera. Sr. Miguel, Dona Márcia, e Ana Vitória passaram frequentar regularmente, todos os sábados, à casa de Sr. Baltazar, e participarem dos estudos espíritas. O que agradara muito toda equipe, principalmente José Luiz e Sr. Avelino.

As aulas recommçaram e ia indo tudo muito bem. Uma noite, José Luiz teve um sonho muito estranho com Sr. Baltazar, levantou mais cedo que de costume, e revelou ao pai, pegara a bicicleta e foi até lá, bateu na porta da casa, depois na janela do quarto, como não obteve nenhuma resposta, muito abalado, voltou até sua casa, e disse ao pai, em seguida ligou ao Serviço de Saúde, e para Delegacia de Polícia para que fossem abrir à porta. Em poucos minutos adentraram à casa de Sr. Baltazar, e encontraram seu corpo sem vida, sobre à cama, provavelmente morrera dormindo. Confirmado o falecimento pelos Servidores da Saúde Pública, José Luiz visivelmente chocado, lem-

brou-se dos dois filhos de Sr. Baltazar, de posse de um número, foi até um telefone público, e avisou um de seus filhos, o que se chamava João Batista, que se encarregou avisar ao irmão.

Sr. Avelino se absteve de abrir sua mercearia, e juntamente com o filho, e alguns amigos, se ocuparam nos preparativos do funeral. Quando os dois filhos chegaram, desacompanhados de seus familiares, o corpo já estava sendo velado, no Velório Público. Com o sepultamento previsto para o final daquela tarde, no cemitério local. Foram muito bem recebidos pelos amigos de Sr. Baltazar, que lhes relataram como tudo acontecera. Sr. Baltazar já havia completado oitenta e quatro anos, sempre muito saudável e lúcido, há pouco tempo começou sentir alguns incômodos, mas recusou-se incomodar aos filhos, que há mais de cinco anos não vinham visitá-lo. Apesar de ter sido muito bem assistido pelos profissionais da saúde, do serviço público local. Dizia sem nenhum receio, que seu prazo estaria expirando, e isso lhe bastava, e sentia-se feliz, porque logo reencontraria sua Anita.

Depois do sepultamento, os filhos João Batista, e Paulo de Tarso, perguntaram ao Sr. Avelino, quanto teriam que pagar pelas despesas do funeral? Sr. Avelino assessorado pelo filho, disse-lhes que Sr. Baltazar havia deixado uma reserva em dinheiro para essa finalidade, que não precisariam se preocupar.

Quando estavam para irem embora, o filho mais velho João Batista, disse ao Sr. Avelino, na presença de José Luiz, que voltariam depois de alguns dias, para venderem

os objetos de valor da casa, desocupá-la e colocá-la à venda. Só então José Luiz, revelou a eles e ao pai, que talvez, isso não seria possível. Que Sr. Baltazar o havia confiado, que mandara redigir um testamento, e registrado em Cartório, e nesse testamento teria autorizado uma destinação específica para seu imóvel, cujo teor ele desconhecia. Que o mais sensato, talvez seria que fossem antes, ao Cartório se informarem do teor desse documento.

O filho mais jovem Paulo de Tarso, que era advogado, indignado fez um comentário no mínimo infeliz, dizendo: Que aquela atitude era bem própria de um velho gagá, que certamente não estaria em pleno uso de suas faculdades mentais, não seria difícil torná-lo sem efeito. Como àquelas horas, o Cartório estava fechado, pernoitariam, e no outro dia iriam conhecer esse documento.

Ambos deliberaram que pousariam no único hotelzinho da cidade, provavelmente por medo de dormirem na casa que foi do pai. Sr. Avelino horrorizado com o posicionamento dos filhos, omitiu-se em oferecer-lhes pouso em sua casa, não por falta de hospitalidade, mas por indignação, de presenciar tanta desconsideração com o pai, que os havia criado, educado, e lhes proporcionado, formação acadêmica.

No dia seguinte pela manhã antes que o Cartório abrisse, passaram na mercearia de Sr. Avelino, para que José Luiz os acompanhassem. José Luiz se recusou ir, pediu ao pai que os acompanhassem, ele ficaria na mercearia. Sr. Avelino, os acompanharam até o Cartório. Lá chegando foram convidados pelo cartorário, entrarem em uma sala privativa,

e se sentarem. Foi até um arquivo de aço, trancado à chave, retirou um envelope que estava lacrado, abriu o, antes de ler o documento principal, passou um atestado de sanidade mental, assinado por médicos competentes, que atestava que naquela data, há mais de dois anos atrás, Sr. Baltazar estava em pleno domínio de suas faculdades mentais. Depois que verificaram o atestado, o Cartório pediu permissão para ler o teor do documento, que tinha em mãos, sem não antes mostrá-los a chancela de registro, daquele estabelecimento que concedia, fé pública àquele documento.

O testamento bem sucinto, continha poucas cláusulas, que revelara praticamente o que já sabemos, e mais algumas irrelevantes como: Que nenhum objeto existente na casa, deveria ser retirado, ou vendido, à não ser para fins de doação. Que todos os impostos e obrigações públicas estariam quitadas, e obrigatoriamente deveriam transferi-lo para o nome da Instituição jurídica, legalmente constituída para as atividades de divulgação dos ensinamentos da Doutrina Espírita, da qual ele pertencia. Que todo dinheiro remanescente, caso viesse sobrar após o sepultamento de seu corpo, fosse utilizado para essa finalidade. Depois de lido pausadamente todo teor do documento, entregou uma cópia de igual teor, para os filhos de Sr. Baltazar, e outra para Sr. Avelino, e deu-se por encerrada a audiência.

Quando saíram do Cartório, João Batista consultou seu relógio, disse que precisavam ir embora, sem não antes perguntar ao Sr. Avelino: Em sua opinião, quanto achava que valeria o imóvel do pai?

Sr. Avelino, pensou um pouco, respondeu: — Aqui em Laranjal, os imóveis são relativamente muito baratos, principalmente os antigos, talvez o preço de um bom carro, como o vosso.

Despediram-se de Sr. Avelino, sem darem ao trabalho de o levarem de volta à mercearia, que ficava à duas quadras. Sem dizerem mais nenhuma besteira.

Antonio Martines Brentan
São Sebastião do Pontal - MG, 25/8/2023.

Conheça a Verdade

JOSÉ LUIZ NÃO IMAGINARIA QUE Sr. Baltazar se ausentaria assim tão rapidamente. Como ele mesmo acreditava, que nada ocorre ao acaso, e que tudo tem seu momento para se iniciar, como também para se encerrar, não queiramos questionar esses acontecimentos. A verdade é que o momento exigia dele, uma postura digna, da posição que naquele específico momento se encontrava. Sr. Baltazar em um momento muito especial, de sua vida, como se estivesse falando inspirado por Entidades Superiores, lhe revelara que num futuro não muito distante, ele e Ana Vitória estariam à frente daquele trabalho, sem que dissesse nada a ela, ou à outra pessoa, em poucos dias voluntariamente ela havia se inserido ao grupo, trazendo consigo os pais. Renunciar

àquela missão, seria perante a espiritualidade, declarar-se indigno do amor daquela que sabia que amava intensamente. Decidira que ao lado de sua amada, abraçariam àquela missão como um sacerdócio que não poderiam desconsiderar, que certamente assumiram, em algum momento, e lugar, que não conseguiria se lembrar. E o plano incompreensível haveria manipulado os maiores esforços, para que tudo aquilo ocorresse, eles se encontrassem, se apaixonassem, e juntos realizassem o que espontaneamente propuseram. E não uma simples obra do acaso. Em troca receberiam o maior e precioso tesouro que se possa conquistar nessa breve existência, vivenciarem um grande amor, e serem muito felizes, trabalhando na seara do bem, ajudando às pessoas.

No primeiro sábado que sucedeu o falecimento de Sr. Baltazar, estivera presente ao estudo, Sr. Avelino, José Luiz, Sr. Moacir, Sr. Roberval, Sr. Miguel, Dona Márcia, e Ana Vitória. Portanto sete pessoas encarnadas, mas se nossos olhos pudessem ver, um número bem mais expressivo de Espíritos, que todas as reuniões compareciam para também haurirem os conhecimentos ali estudados. Durante à prece inicial, Sr. Avelino bastante comovido, mencionara a ausência física do mentor daquele trabalho, que há mais de um lustro, no começo todas as quartas-feiras, depois que José Luiz passou integrar o grupo, com anuência de todos passaram ser realizadas aos sábados. Sr. Baltazar era o primeiro a chegar e o último deixar a sala de estudo, pelo fato de morar ali. Depois da prece emocionada, realizada por Sr. Avelino, José Luiz assumiu o

comando da reunião, colocando todos à par dos acontecimentos que até então, somente ele e o pai, conheciam. Para surpresa de todos, leu de forma bem cadenciada, o teor do testamento deixado por Sr. Baltazar. Depois com a voz embargada, fez uma declaração que de certa forma, seria uma espécie de compromisso que assumiria perante aquele pequeno grupo, e à Espiritualidade presente:

“— Há algum tempo quando Sr. Baltazar começou sentir que não estava muito bem, vim visitá-lo, então revelou-me a existência desse testamento, então quis saber dele, por que revelara justamente a mim, e não a um outro integrante do grupo. Que talvez o mais correto seria mantê-lo em sigilo, e torná-lo público somente depois de seu falecimento. Fez-me uma confissão que me imputava certa responsabilidade. Disse que me escolheu por ser o mais jovem do grupo, mas não era somente por isso, que tivera alguns pressentimentos e via-me ao lado de Ana Vitória à frente dos trabalhos que seriam implementados por essa casa espírita no futuro. Como estivesse outorgando-nos responsabilidade para que conduzíssemos seu futuro. O mais incrível que nunca comentei com ninguém essa confissão, por considerar desnecessário, intempestiva, e até mesmo profética, de repente percebi que Ana Vitória interessou-se pelos ensinamentos da Doutrina, como se algo estivesse conduzindo a também nesse sentido. Apesar de fazer pouco mais de um ano que passei frequentar e estudar a Doutrina Espírita, sinto um vínculo muito forte que me prende a ela, dando-me a certeza de que aqui encontrarei todas as respostas que necessito, e minha fe-

licidade futura estaria aqui. Estive pensando seriamente dar a minha vida essa direção. Inclusive contrariando o desejo de minha mãe, que gostaria que estivesse fazendo um bom curso preparatório, para tornar-me um profissional importante.”

Ana Vitória muito timidamente e com dificuldade, começou dar seu testemunho:

“-Começo acreditar que as coisas não acontecem por acaso, no Natal do ano anterior a esse, que passou, ganhei um Livro “O Evangelho Segundo o Espiritismo” do Sr. Avelino, portanto há pouco mais de um ano, meu pai até estranhou o presente, pelo fato de sermos católicos, foi pedir algumas explicações ao Sr. Avelino, que o esclareceu sobre seu conteúdo, sugeriu-nos que fizéssemos o Evangelho no Lar. Religiosamente passamos estudá-lo todos os sábados, às vezes até por mais de uma hora. Apesar de terem surgido alguns problemas em nossa família, perseveramos com o estudo do Evangelho no lar, e Graças a Deus, conseguimos superá-los. Tanto que sentimos necessidade, aprofundar nossos conhecimentos, por essa razão estamos aqui”

Sr. Moacir que quase nunca falava, disse:

“-Minha esposa Dona Sueli, sempre demonstrou vontade participar dos estudos aqui da casa, mas como só tinha homens participando, sentia-se constrangida, agora que Dona Márcia e Ana Vitória começaram participar, criou coragem, começará participar a partir do próximo sábado”

Sr. Miguel também quis dizer o que sentia:

“-Sempre fomos católicos, como disse ao Sr. Avelino, respondeu-me que não estava sugerindo que mudássemos de religião, e sim que conhecêssemos o Evangelho, sempre tive dificuldade compreender às coisas, nesse último ano aprendi muita coisa que não sabia, deixei de fazer coisas que antes fazia, por não compreender”

Sr. Avelino pediu a palavra e esclareceu:

“-Falar sobre Religiões é complicado, cada pessoa possui um nível de entendimento e necessidades, particularmente a Doutrina Espírita tem seu compromisso apenas com a verdade, e nem todos estão preparados para conhecê-la, muitos a criticam sem se darem ao trabalho de conhecê-la. As Leis Divinas são iguais para todos, são justas, perfeitas, imutáveis, eternas, incorruptíveis e autoaplicáveis. Conhecê-las e respeitá-las nem todos estão dispostos, exigem renúncias, resignação, comprometimento, e até mesmo sacrifícios. Nem todos estão dispostos submeterem a elas, preferem ignorá-las. Como estamos estudando o “Livro dos Espíritos”. Que é um Livro de perguntas e respostas, e contempla todos os assuntos, que nos orienta sobre todos os aspectos que devemos compreender, da melhor maneira como devemos proceder, trouxe três exemplares, para Sr. Miguel, Dona Márcia e Ana Vitória, no próximo sábado trarei um para Dona Sueli, para que possam melhor acompanharem”. Como todos devem terem percebido, desde que comecei estudar e compreender os ensinamentos da Doutrina Espírita, doar livros foi a maneira que encontrei para que outras pessoas tivessem acesso a esses conhecimentos, se

Deus e a Espiritualidade permitir, pretendo fazê-lo pelo restante de minha vida.

José Luiz retomou o comando dizendo:

“-Toda Codificação da Doutrina Espírita está pautada nos Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Cristo, que foram reveladas pelos Seus Apóstolos. Mas segundo esses Apóstolos, Jesus Cristo disse, que não poderia revelar todas as coisas, por que os homens da época, não estariam preparados para conhecê-las. Só as compreenderiam quando conseguissem se elevarem em Sabedoria, Moral e Justiça. Que quando isso ocorresse, pediria a DEUS, para que fosse enviado aos homens, O Espírito de Verdade, que lhes revelaria tudo que Ele não pode dizer e ensinar. E quanto mais o homem se elevasse em Sabedoria, Moral e Justiça, mais coisas lhes seriam reveladas. Jesus Cristo cumpriu Sua Promessa, através da Terceira Revelação. Infelizmente nem todos os homens procuraram conhecê-la, por estarem ainda despreparados para conhecê-la”

José Luiz fez uma pausa, e continuou: — Nesse sábado deixaremos de estudar o Livro dos Espíritos, a partir de segunda-feira, me dedicarei à medida do possível, providenciar a documentação pertinente a criação de nossa Casa Espírita, que acredito não depender de muitos recursos financeiros. O dinheiro que sobrou de Sr. Baltazar, não é muito, mas acredito suficiente para fazermos uma pequena adaptação aqui na casa, construiremos um pequeno salão, onde será possível comportar um número maior de pessoas. Enquanto não construirmos o salão, continuaremos estudando o Livro do Espírito,

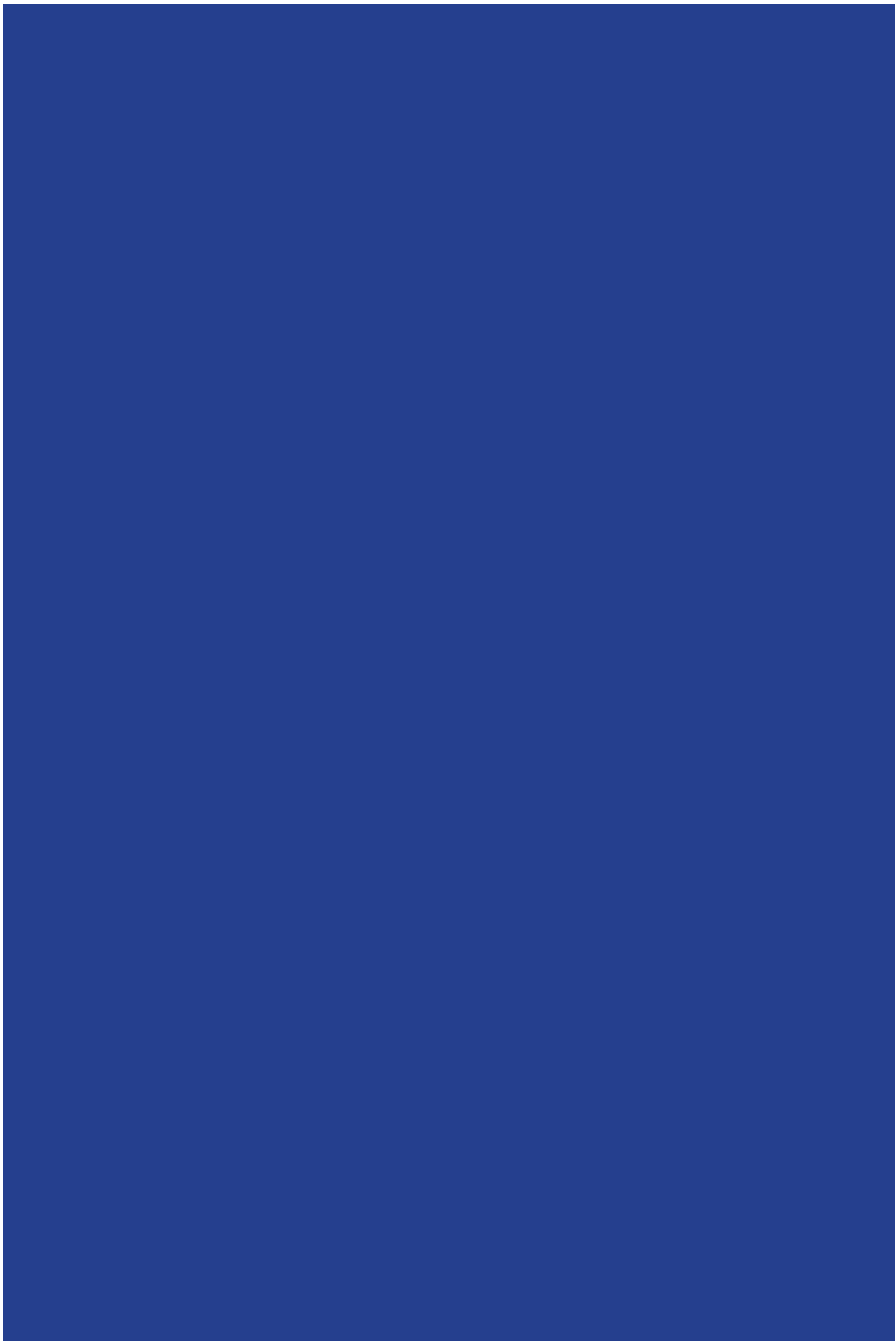
nesse espaço. Quando o salão estiver pronto, continuaremos estudando, mas também pretendemos convidar palestrantes, ou mesmo nos prepararmos, para abordar assuntos específicos para reforçar nosso aprendizado, sobre suicídio, aborto, paternidade, alcoolismo, drogas, regeneração, que o espírita necessariamente precisa conhecer.

Agora gostaria que alguém se oferecesse, para fazer a prece de encerramento.

Ana Vitória levantou-se, pediu para que todos fechassem os olhos, e pensassem no Mestre, Jesus Cristo, E orou com devoção e humildade, A Oração do Pai Nosso, que Ele nos ensinou, e pediu que orássemos.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 26/08/2023.



O Dinheiro Não Compra Tudo

ENQUANTO VOLTAVAM PARA CASA Sr. Miguel, Dona Márcia, e Ana Vitória, andavam calados, pensando na coragem de Sr. Baltazar, doar sua casa, com tudo dentro, para uma futura Casa Espírita. Sr. Miguel perguntou à filha, se Sr. Baltazar não tinha filhos?

— Quando estive em sua casa pela primeira vez, estava na companhia de José Luiz, disse-nos que tinha dois filhos, eram casados, moravam em São Paulo, mas desde que a mãe morreu há mais de cinco anos, não vieram mais para visitá-lo, que pelo entendi, pelo fato dele ser espírita.

— Eles vieram para o velório e sepultamento do pai?

Dona Márcia que tinha ido na companhia de Ana Vitória, ao velório, respondeu: — Vieram somente os

dois, não trouxeram as esposas, nem os filhos, muita gente percebeu e acharam muito falta de consideração.

Sr. Miguel tirou suas conclusões: — Se eram implicados com o pai, devido ele ser espírita, depois do testamento, devem odiar ainda mais o espiritismo.

Ana Vitória fez uma observação intrigante: — Quem imagino que também não gosta nenhum pouco do espiritismo, é Dona Pérola, mãe de José Luiz, o fato dele se recusar estudar fora, e agora cuidar de uma Casa Espírita, deve deixá-la muito insatisfeita. Tenho impressão de que também não deve aprovar nosso namoro.

Sr. Miguel comentou: — Sr. Avelino é uma pessoa completamente diferente da esposa, pela maneira como se refere a ela, se sente inferiorizado.

Quando Sr. Avelino e José Luiz chegaram em casa, José Luiz foi diretamente para seu quarto, Dona Pérola assistia televisão na sala, como ela ainda não tinha conhecimento, o marido lhe entregou para que lesse, a cópia do testamento de Sr. Baltazar, e foi para seu quarto. Ela desligou o aparelho e passou ler o documento, diríamos que Sr. Avelino seria o segundo homem, na hierarquia do espiritismo local, com o falecimento de Sr. Baltazar assumiria a responsabilidade. Entrando em seu quarto, perguntou ao marido:

— Não me diga agora, que você vai assumir o comando?

Sr. Avelino já havia se deitado, respondeu apenas: — Não, Sr. Baltazar ainda em vida, sugeriu que José Luiz ocupasse seu lugar.

— Mas José Luiz não pode aceitar essa loucura.

— Já aceitou. Eu lhe darei todo meu apoio.

Dona Pérola saiu do seu quarto, foi até o quarto do filho, bateu na porta, ele disse que podia entrar. Ela entrou, acendeu a luz, e foi falando:

— Seu pai me disse que você vai assumir a responsabilidade, pela criação dessa Casa Espírita?

— Já assumi minha mãe, amanhã explicou tudo a Senhora.

— E o curso que disse que faria?

— Nunca disse que faria nenhum curso, isso foi a Senhora quem disse.

Dona Pérola apagou a luz, saiu do quarto, e fechou a porta, sem não antes dizer: — Isso é tudo culpa de seu pai, um homem fraco, sem futuro.

Voltou à sala, sentou-se no sofá, e ficou pensando, o que tinha feito para merecer aquele castigo, justamente agora que possuía o dinheiro para ajudá-lo se formar. Os filhos também sabem ser ingratos com os pais, quando querem, corrigiu, com a mãe, por que está fazendo isso para agradar justamente ao pai. Depois de ficar um tempo pensando, entrou no quarto de visitas, e foi tentar dormir.

No domingo José Luiz levantou-se um pouco mais tarde, não encontrou ninguém em casa, provavelmente sua mãe tinha ido à missa, e o pai à mercearia, tomou apenas uma xícara de café, foi até a mercearia e encontrou tudo fechado, perguntou a um Senhor na rua, se não havia visto o pai, disse tê-lo visto indo em direção à casa de Sr. Baltazar. Foi até lá e o encontrou com uma prancheta nas mãos, talvez plane-

jando o melhor local para se construir o salão. Ao ver o filho chegando, lhe entregou a prancheta com o esboço daquilo que seria o salão da Casa Espírita. José Luiz analisou o croqui, percebeu que era exatamente o que havia imaginado, como se Sr. Baltazar houvesse planejado com antecedência, deixando espaço reservado para essa finalidade. De posse de uma trena, mediram o espaço disponível, quase quarenta metros quadrados, o suficiente para se construir um bom salão, entregariam o projeto a um bom construtor, que faria o cálculo e o orçamento, de quanto lhes custariam para executá-lo. José Luiz comentou com o pai, que talvez o dinheiro disponível não seria suficiente. Sr. Avelino, o tranquilizou dizendo que completaria o que faltasse. José Luiz disse que talvez não seria necessário, caso vendessem alguns objetos de maior valor, existentes na casa.

Quando retornavam o pai lhe perguntou sobre o que a mãe lhe dissera, na véspera. José Luiz desabafou com o pai:

— Não sei se o Senhor percebeu, mais a insatisfação de mamãe tem outros motivos, desde que comecei namorar Ana Vitória, ela percebeu que não mais me mudaria, então cismou que poderia nos separar, se utilizou desse argumento para pressionar-me, como agora possui dinheiro pensa que pode comprar-me. O testamento de Sr. Baltazar, só veio contribuir com minha deliberação. Agora tenho duas razões para não me mudar. E ela terá que aceitar, querendo ou não. O pior que ela responsabiliza o Senhor, pelas minhas decisões.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 27/08/2023.

Mudança de Estratégia

A TARDE COMO DE COSTUME TODOS os domingos, José Luiz com a bicicleta da mercearia, ia até a casa de Ana Vitória, conversava com Sr. Miguel, com Dona Márcia, depois ele e a namorada pegavam duas cadeiras, levavam até o quintal, sob à sombra de uma mangueira passavam o restante da tarde conversando.

Nesse domingo Ana Vitória lhe perguntou, como sua mãe tinha recebido a informação, de que ele estaria à frente da abertura da Casa Espírita, José Luiz muito prático e honesto revelou à namorada, todas as suas impressões sobre o que mãe pensava, sobre seu namoro, e a decisão de tornar-se um espírita de verdade:

— Como já lhe disse, assim que conclui o primeiro ano colegial, meus pais queriam que me mudasse para morar com meu irmão João Pedro, para estudar. Como havia lhe conhecido, pedi mais um ano para mudar-me, depois começamos namorar, disse ao meu pai para convencê-la que não mais me mudaria. Com a morte de meu avô materno, minha mãe herdou uma certa quantia, então passou pressionar para que me mudasse, que usaria esse dinheiro para custear meus estudos. Disse a ela que não aceitava, sugeri que investisse seu dinheiro, na ampliação da mercearia de meu pai, ela se recusou. Desde então ficamos divididos, de um lado eu meu pai, do outro ela, quando meu pai disse a ela, que atendendo uma solicitação que Sr. Baltazar me fizera ainda em vida, para que estivesse à frente da abertura da Casa Espírita, percebeu que não conseguiria o que desejava, sinceramente o clima lá em casa não é muito bom.

— Fala-me a verdade, no dia do casamento de Viviane, sua mãe não estava doente, ela se recusou participar, não foi?

— Infelizmente para não estragar sua alegria, tive que mentir, ela não quis ir, não disse à razão. Meu pai pediu-me para que não insistisse.

— Ela não gosta de mim?

— Ela nem te conhece. Minha mãe não gosta nem dela mesma. E de uns tempos para cá, começou humilhar meu pai, penso que não gosta de ser pobre. Apesar de ela maltratá-lo, e considerá-lo incompetente para os negócios, sinto que gosta muito dela.

— Talvez se conhecesse os ensinamentos da Doutrina Espírita, ela mudaria.

— Há muitos anos meu pai luta para conseguir isso, acho que até já se cansou, e desistiu.

— Se você soubesse, como meu pai se modificou para melhor, de uns tempos para cá, você não acreditaria. Eu e mamãe nem conversávamos com ele, devido ao medo que tínhamos, até Vivi que está morando fora, há algum tempo percebeu e comentou. O marido de Vivi, o Carlos Fuji, fez o que fez, e papai o adora e seus pais.

— Comecei estudar sobre Regeneração, quando me sentir preparado pretendo fazer uma preleção sobre esse assunto, vou fazer tudo ao meu alcance, para conseguir levar minha mãe para assistir, o desconhecimento prejudica muito as pessoas.

— Quando concluir o segundo grau, pretende parar de estudar?

— Ainda não sei ao certo, mas gostaria imensamente que você me ajudasse decidir. Uma coisa tenho certeza, não pretendo sair de seu lado. A ideia de ampliar o negócio de meu pai, seria justamente para continuar trabalhando com ele. Talvez assumir os negócios da mercearia, para que ele começasse descansar, passear, libertá-lo daquela rotina.

— Você disse isso a sua mãe?

— Não disse, pensei que talvez fosse pior.

— Talvez esteja enganado, ela vai se aposentar logo como professora, então terão liberdade para juntos realizarem essas coisas.

— Vou conversar com meu pai primeiro, talvez você esteja certa.

Naquela mesma noite, conversando com seu pai, José Luiz aventou a possibilidade de utilizarem o dinheiro da mãe, não para ampliar os negócios da mercearia, como pretendia no início, mas encerrarem suas atividades, fechá-la, abrirem um novo supermercado, no prédio que estava para alugar bem do outro lado da rua, na condição dele assumir a administração, enquanto o pai ficaria menos compromissado, mais livre para fazer o que desejasse. A reação de Sr. Avelino foi radical, dizendo:

— Não meu filho, como já disse a ela, não quero nenhum centavo de seu dinheiro. E posso muito bem continuar administrando minha mercearia, como sempre fiz, desde antes mesmo que você nascesse, não imaginava que também me considerava um senil incompetente, como sua mãe.

— Desculpa-me, meu pai, nunca considerei isso sobre o Senhor, muito pelo contrário, minha vida toda o vi dedicar-se àquela mercearia, sem nunca ter tirado um dia de descanso ou férias, sempre cumprindo seus compromissos em dia. Penso que está na hora do Senhor começar descansar, e eu assumir suas funções, afinal sou jovem e não pretendo me mudar. Quando abrirem um supermercado, naquele prédio da frente, nossa mercearia não sobreviverá.

— Se você quiser tentar não lhe impedirei, mas deixe-me fora disso, quanto assumir a administração do supermercado talvez ela confie mais em você, do que

a mim, e estou disposto em ajudá-lo naquilo que puder, estou bastante cansado para começar qualquer novo desafio. Mas quero que fique bem claro, para ela, que esse é um desejo seu, não meu.

No dia seguinte pela manhã, quando o pai já havia saído para mercearia, José Luiz procurou sua mãe, e disse que queria ter uma conversa séria com ela. Dona Pérola deixou o que estava fazendo, sentou-se à mesa com o filho, José Luiz disse-lhe:

— Estive pensando há alguns dias, cheguei à conclusão de que papai está cansado, desmotivado e precisa descansar, revelei a ele o que estava pensando fazer, ele concordou, desde que assumisse toda responsabilidade, e ele estaria disposto em ajudar-me naquilo que estivesse ao seu alcance. Como a Senhora sabe, o prédio da mercearia é alugado, rescindiríamos o contrato de aluguel da mercearia. Alugaríamos o prédio da frente, que é cinco vezes maior, e foi projetado para funcionar ali um supermercado, transferiria tudo que existe na mercearia para lá, investiríamos o capital que a Senhora recebeu de herança, em prateleiras, mercadorias, e equipamentos necessários, contrataríamos alguns funcionários, e abriríamos nosso supermercado, se não fizermos isso, alguém vai fazer, e se isso acontecer, nossa mercearia não vai sobreviver. Agora só depende de a Senhora confiar em mim, ou não.

— Você acha que vão abrir um supermercado, no prédio que acabaram de construir em frente à mercearia?

— Conversei com o proprietário do prédio, construiu para essa finalidade, levou-me para conhecê-lo, pedi

preferência para alugá-lo, disse que conversaria com meus pais, e daria nossa resposta ainda hoje, caso a gente não queira, colocará uma placa “Aluga-se” na porta.

Os argumentos de José Luiz eram consistentes e verdadeiros, quando abrissem um supermercado ali em frente, Sr. Avelino poderia fechar sua mercearia, certamente perderia a maioria de seus fregueses. Dona Pérola abaixou a cabeça, refletiu alguns instantes, e deliberou:

— Pode alugar o prédio, lhe entregarei todo dinheiro da herança e minhas economias, para que abra nosso supermercado.

— Obrigado mamãe, prometo que não vai se arrepender.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 27/08/2023.

Tal Pai, Tal Filho

I MEDIATAMENTE JOSÉ LUIZ TELEFONOU para o proprietário, pediu que viesse à mercearia do pai, para conversarem sobre o aluguel do prédio, e foi para lá. Quando Sr. Fonseca, um velho conhecido de Sr. Avelino chegou, José Luiz já havia notificado o pai, da situação. Não foi difícil chegarem em um acordo, foram até um escritório e mandaram redigir o contrato de locação. Em seguida procurou o órgão competente, para dar início à documentação para criação de uma nova pessoa jurídica em nome de José Luiz Pietro. Em poucos dias o prédio recém-construído, ostentava em sua fachada em letras coloridas e garrafais “Super Mercado Pietro”.

Quando se tem dinheiro, as portas se abrem, e tudo se encaminha em passos bem rápidos. Muito bem assesso-

rado, José Luiz Pietro, em menos de um mês, um veículo ambulante de comunicação anunciava pelas ruas da pequena cidade, a inauguração de um novo Super Mercado em Laranjal, com estacionamento próprio, o mais bem localizado, o mais moderno, o mais bem informatizado, o mais suprido, e principalmente, o mais barateiro. A velha mercearia de Sr. Avelino havia fechado às portas, depois de mais de duas décadas, tinha encerrado suas atividades.

Agora José Luiz era o primeiro a chegar, e o último a sair, Sr. Avelino com sua vasta experiência com fornecedores, e seu carisma pessoal, ficara exclusivamente encarregado desse departamento, sentado em uma mesa no escritório com ar condicionado, ao lado da mesa do filho, que abandonou a velha bicicleta, para ocupar a função de gerente geral, afetos aos funcionários, organização, controle de gastos e principalmente relacionamento com a clientela, cinco caixas registradoras, entregadores e alguns funcionários, garantiam o pleno funcionamento, e os bons serviços do Super Mercado. Infelizmente José Luiz foi forçado abandonar o colégio, às vezes ia até lá buscar a namorada, e acompanhá-la até sua casa.

O que não deixaram de continuar realizando todos os sábados, impreterivelmente agora às oito horas da noite, a reunião para os estudos da Doutrina Espírita, na sala no interior da casa, enquanto do lado externo, a construção do salão ganhava corpo. Como sempre Sr. Avelino se encarregava de fazer a prece de abertura, e cada vez mais, José Luiz e Ana Vitória demonstravam, entendimento mais cristalino sobre os assuntos em pauta, talvez por

serem espíritos mais sintonizados, com as exigências de uma fase que se aproxima, menos comprometidos com expiações e resgates. Faz-se oportuno mencionar que apenas oito pessoas perseveraram nos estudos.

Por sugestão de Ana Vitória, Sr. Miguel e Dona Márcia, convidaram a família de José Luiz para num domingo irem almoçar em sua casa. O distanciamento de Dona Pérola incomodava a moça, alguém tinha que fazer um gesto para aproximação, foi a maneira que ela encontrou para descobrir, se a mãe do namorado, tinha alguma coisa de concreto contra o namoro deles.

Dona Pérola melhor que ninguém, entendeu o significado daquele convite, se não aceitasse, seria uma declaração explícita daquilo que pensava. Como estava muito satisfeita com o desempenho do filho, frente ao novo Super Mercado, seu lado hipócrita a forçou aceitar, para não o decepcionar. Não obstante ser uma casa modesta, de pessoas humildes e simples, a atmosfera do ambiente não poderia ser melhor, a alegria e a harmonia entre os pais e as filhas, e a sinceridade de como foram acolhidos, a fez sentir-se inferiorizada, vendo o filho e o marido compartilharem da mesma alegria deles. Sentiu-se diferente dos demais, entre àquelas pessoas, era sem dúvida a mais infeliz, por não possuir a mesma simplicidade.

Mais comovida sentiu-se quando todos sentados à mesa, para almoçarem. Ana Vitória levantou-se e proferiu uma sincera prece de agradecimento, por todos aqueles alimentos que estavam sobre aquela mesa, não se esquecendo de pedir que não faltasse sobre as mesas de todos

os lares, e que Deus abençoasse todas as mãos, que colaboraram para que eles chegassem até ali, e a natureza que os produziu. E todos agradeceram.

O almoço simples, saudável, composto de vários pratos, cereais, verduras, legumes, e proteínas animais, muito bem-preparada e temperadas, com ótimo sabor. Explicou Sr. Miguel, que depois que sua filha Vivi se casou com Carlos Fuji, nunca mais deixaram de consumir verduras e legumes, produzidos no sítio, e trazidos gratuitamente em quantidade.

Sr. Avelino perguntou a Sr. Miguel e Dona Márcia, como estava indo o casamento deles. Sr. Miguel respondeu: — Como disse Sr. Massami, e estou começando acreditar, nasceram um para o outro, estão sempre juntos, nunca brigam, e estão sempre felizes.

Dona Márcia, completou: — Estamos sabendo que Viviane e Carlos, há algum tempo começou fazer todas as semanas, o Evangelho no Lar, utilizam o Livro que ganhou do Senhor, naquela noite aqui em casa.

Sr. Avelino disse: — Se é assim, estão muito bem protegidos, que perseverem, Deus os abençoe.

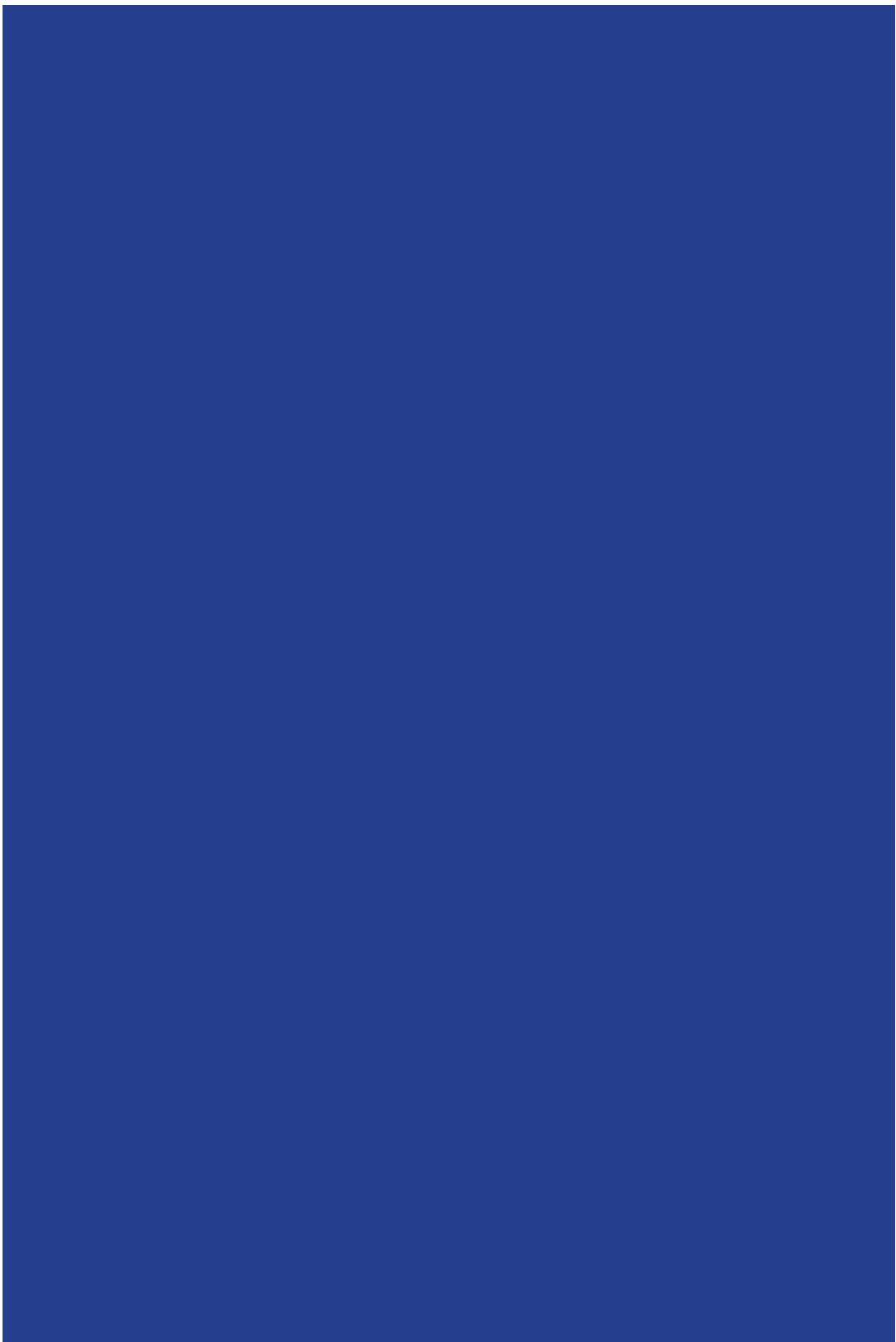
Depois do almoço Ana Vitória na maior simplicidade, convidou Dona Pérola para conhecer seu quarto, tudo muito simples, mas muito bem arrumado, duas camas de solteiros, onde ela e Liliane dormiam, um guarda-roupa pequeno, uma cômoda, e uma mesa pequena com luminária, onde costumava fazer seus trabalhos de escola, sentaram-se na cama, conversaram algumas coisas sem muita importância, Dona Pérola elogiou seu quarto,

dizendo ser bonito e organizado, Ana Vitória agradeceu com um sorriso tímido, esperou que ela dissesse, ou perguntasse, qualquer coisa sobre seu namoro com José Luiz, como não disse nada, levantaram e Ana Vitória foi assumir o que a mãe estava fazendo, para que ela fosse conversar com a visita.

Depois de conversarem um pouco, Sr. Avelino e Dona Pérola, agradeceram o almoço, dizendo que estava muito bom, como José Luiz disse que ficaria mais um pouco, se despediram e foram embora.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 28/08/2023.



Casa Espírita

Chico Xavier

AS VEZES UM PEQUENO E SIMPLES gesto, fala mais que as palavras, Dona Pérola retornou, sensibilizada, percebeu que para ser feliz, às vezes não se necessita muitas coisas, existem pessoas que se satisfazem com muito pouco, sentir-se infeliz por não se ter aquilo que desejaria, não deixa de ser uma visão limitada, dos valores capazes de gerarem felicidade. O que significa possuir uma casa enorme, luxuosamente mobiliada, se seus ocupantes viverem em conflito permanente. O que representa uma mesa farta, se não tivermos saúde para consumir aqueles alimentos. Quando nossa percepção começar dissipar o nevoeiro de nossas incompreensões, perceberemos que valorizamos muito, o pouco que não temos, e valorizamos pouco, o muito que dispomos. O primeiro

mandamento preconizado pela Doutrina Espírita é “Amai-vos”, o segundo “Instrui-vos”.

Um salão de alvenaria simples, com quarenta metros quadrados, não representa uma obra muito grande, e demorada para executá-la, quando uma equipe de trabalhadores, se propõem construí-lo em pouco tempo, foi muito rapidamente que construíram o salão onde funcionaria a primeira Casa Espírita de Laranjal, com a venda de alguns objetos de maior valor, existentes na casa de Sr. Baltazar, foi possível adquirir uma mesa relativamente grande, e mais de trinta cadeiras de madeira, com esse mobiliário simples mais essencial, o salão estava apto a ser inaugurado. Toda Casa Espírita, que se preza necessita ter seu próprio nome. Dentre tantos nomes ilustres do Espiritismo nacional, democraticamente pelo grupo, fora escolhido aquele que se revelou ser o menor de todos, o mais humilde, o mais caridoso, através de seu trabalho, e de sua dedicação e perseverança, se tornou o maior deles, o mineiro Francisco Cândido Xavier, que segundo sua vontade, gostava ser chamado, simplesmente de Chico.

José Luiz contratou o mesmo veículo de comunicação, que anunciou a inauguração de seu Super Mercado, para agora, percorrer todas as ruas de Laranjal, e convidar a população em geral para inauguração naquele sábado, às oito horas da noite, da Casa Espírita Chico Xavier.

Como havia prometido, José Luiz se preparou, para fazer sua primeira palestra pública, sobre o tema “Regeneração”, e envidaria todos os esforços para que sua mãe Dona Pérola comparecesse, como de fato conseguiu.

Quanto à população local, todos foram convidados, infelizmente nem todos compareceram, mas esse fato era previsível, mesmo assim o salão ficou pequeno para abrigar os que compareceram. Colocaram todas as cadeiras na rua, em frente à Casa Espírita Chico Xavier, orientaram que os mais idosos se sentassem, os demais permaneceram de pé, agrupados em volta das cadeiras.

Primeiramente Sr. Avelino como sempre, fez sua prece de abertura, agradecendo a Deus, e a Espiritualidade, que permitirá a realização de um velho sonho, principalmente de Sr. Baltazar que proporcionou as condições para que isso fosse possível. Que onde quer que estivesse, haveria de saber que seu sonho fora realizado. A criação da Casa Espírita Chico Xavier. Que se iniciava naquele dia, e duraria para sempre, para as futuras gerações prosseguirem aquele trabalho que ele havia idealizado, e começado, que os conhecimentos da Doutrina Espírita, deveriam estar presente em todas as comunidades, e que se servissem deles todos que necessitassem, que em sua opinião todos indistintamente necessitam, porque o saber nunca é demais para ninguém.

Depois José Luiz fez uma preleção sobre Regeneração, que teria demorado uns quarenta minutos, que não conseguimos reproduzi-la na íntegra, começou explicar que nosso Planeta estaria passando por um período de transição, e entraria em uma nova fase.

José Luiz começou dizendo:

“— Meu nome é José Luiz Pietro, acho que todos me conhecem, nasci e cresci nessa pequena cidade, meu pai

Sr. Avelino Pietro, minha mãe Dona Pérola Pietro, ambos aqui presentes, como todos sabem, meu pai espírita há muitos anos, comecei estudar a Doutrina Espírita, há mais de um ano. O assunto que vou discorrer, fala sobre Regeneração, esse tema é muito conhecido nos meios espíritas, amplamente divulgado nas mídias sociais. Há algum tempo venho me preparando, para melhor dizer, o que consegui compreender, por entender que ninguém possa alegar desconhecer esse assunto. Mas para quem já estudou Doutrina Espírita, esse assunto faz parte da Codificação da Terceira Revelação, revelada há quase dois séculos. Quando esclarecido as questões da pluralidade das existências, e dos mundos habitados.

Faz-se oportuno esclarecer que a Doutrina Espírita tem compromisso, apenas revelar a verdade, à medida que vamos nos apropriando dessas verdades, compreendemos o quanto DEUS é bom, e previu tudo isso em SUAS Leis igualmente sábias, e perfeitas. Quando JESUS, disse que na casa do pai havia muitas moradas, e que nenhuma ovelha se perderia. O Homem, talvez não tenha compreendido direito à época, porque a pluralidade das existências e dos mundos habitados, não foram devidamente compreendidos, como o foram depois do advento da terceira revelação, também quando disse que muitos seriam chamados e poucos seriam os escolhidos. Sem explicar minuciosamente, como sabemos agora, que os que aqui não permanecessem, renasceria em mundos compatível ao seu nível evolutivo, e lá continuariam tentando livrar-se de suas velhas dívidas e imperfeições, até torna-

rem-se aptos renascerem em mundos mais purificados. Assim como nosso Planeta no passado, recebera Espíritos de outros mundos, para que pudessem avançar em sua evolução. Para quem deseja conhecer mais profundamente esse assunto, recomendamos a leitura do Livro “Os Exilados de Capela”, do escritor Edgar Arnonnd, que relata quando numa distante época do passado, nosso planeta teria recebido, espíritos exilados de um planeta chamado Capela, localizado na constelação do cordeiro.

O Planeta Terra já ingressou nessa fase de transição, JESUS, profetizou que muitos seriam os chamados, mas poucos seriam os escolhidos. Em um Mundo Regenerado, tudo que for mal, ou conter fragmentos que venham desobedecer a DEUS, que contrariar SUAS Leis, será alijado para mundos inferiores. Essas Leis Divinas, possuem em Sua essência os atributos de DEUS: Sabedoria Suprema, Justiça Suprema, Perfeição Suprema, São em essência: Infalíveis, Imutáveis, Incorruptíveis. Existiu desde o princípio e existirá para toda eternidade. E essa impressão está em evidência no cerne de sua mensagem. Isso significa para o homem que continuar aqui? Que muitas coisas aqui existentes e praticadas, deixarão de existir. Outras que até então não fazemos devido uso, passarão fazer parte de nosso cotidiano. Onde ficaremos nessa história? Como disse JESUS: “Cada um segundo, suas próprias Obras” “HÁ quem muito foi dado, muito será cobrado” Quem serão os herdeiros do Planeta Terra? “Apenas os Bens Aventurados”. Isso estaria acontecendo porque o nosso Planeta teria atingido idade cronológica, para que ocorresse. Infelizmente nem

toda população terrena, teria evoluído em sabedoria, moral e justiça para fazer parte da população desse novo mundo.

As razões desse assunto ser novidade para muitos, deve-se ao desinteresse das pessoas conhecerem, e não acreditarem. Esse processo levaria algumas décadas para ser concluído, mas já estaria em curso”, ...

Como dissemos a preleção de José Luiz demorara cerca de quarenta minutos, mas a maioria dos presentes, não tinham noção do que ele estava falando, por faltarlhes informação, digamos, pelo fato de não se interessarem se informar. Encerrada a palestra, foi cumprimentado por alguns, por ter sido sua primeira fala ao público, que na avaliação desses, saiu-se muito bem, pelo fato de ter se preparado bem.

Ato contínuo Ana Vitória com a voz um pouco trêmula, proferiu umas poucas palavras de agradecimento. Depois pediu que todos fechassem seus olhos, para ouvirem a Oração do Pai Nosso, que um tanto emocionada, teve até dificuldade para concluí-la.

Para agradecer a presença de todos, José Luiz informou que seria servido refrigerantes com os salgadinhos, que Dona Márcia e Ana Vitória se deram ao trabalho de fazer, e trazer para homenagearem à comemoração da inauguração da Casa Espírita Chico Xavier.

E convidou a todos que desejassem, comecem participar dos Estudos, todos os sábados às oito horas da noite, agora no salão da Casa Espírita Chico Xavier.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 28/08/2023.

José Luiz, Tino Empreendedor

O SUPERMERCADO DE JOSÉ LUIZ estava superando as expectativas, o faturamento médio diário, estava sendo superior ao faturamento mensal da mercearia de Sr. Avelino, isso significava que o se levava um mês para vender na mercearia, vendia-se em apenas um dia no Supermercado. Não obstante os gastos serem bem elevados, o lucro líquido era significativo. José Luiz começava fazer alguns planos para o futuro, e nesses planos Ana Vitória estaria inserida. Por enquanto seria inconveniente revelá-lo, mas pelos últimos procedimentos da mãe, sentia que ela não colocaria mais nenhum empecilho, principalmente depois da visita de seu irmão João Pedro, que revelou à mãe que se formaria no final do ano, que o salário que passaria ganhar como

contador, no escritório que trabalhava era desanimador. Não afastava a possibilidade de procurar algo melhor.

Dona Pérola para consolá-lo, utilizou sua própria situação, dizendo-lhe que depois de lecionar por mais de vinte e cinco anos, se aposentaria com um salário, se tivesse que pagar aluguel, não daria para sobreviver com o que lhe sobraria. Ambos concordaram que José Luiz, não havia feito nenhuma besteira, ter deixado os estudos, e montado seu próprio negócio.

Sr. Miguel também estava muito satisfeito com o negócio que fizera, trocar seu ônibus velho, grande, problemático, que consumia muito petróleo, por outro quase novo, menor, mas que atendia perfeitamente suas necessidades, mais econômico, que dificilmente apresenta qualquer problema mecânico, permitirá dobrar seus rendimentos mensais. Conversando com a esposa Dona Márcia, não via mais necessidade de ela continuar com as faxinas, se às coisas continuassem daquele jeito, com certeza no final do ano conseguiriam trocar a casa que moravam, por outra melhor, mais bem localizada. Dona Márcia lhe disse, que por segurança, continuaria com as faxinas até no final do ano, que a partir do próximo ano, se ocuparia apenas com sua nova casa.

Outro que não reclamava, e estava muito satisfeito com sua nova condição, era Sr. Avelino, seu salário fora estipulado em um percentual sobre o lucro líquido do Supermercado, pelo filho, seu único trabalho atender aos vendedores dos fornecedores, permanecia o tempo todo sentado em uma confortável cadeira, ao lado de sua

mesa, dentro do escritório, ao sabor do ar condicionado, acompanhando pelo computador, a movimentação dos estoques das mercadorias, quando não tinha ninguém para atender, e se sentia entediado, ficava passeando pelo interior do Supermercado, conversando com os fregueses, funcionários, e amigos.

José Luiz era o único que não tinha salário, optou por aplicar todo rendimento em novas mercadorias, e melhoramentos, tornando-se rapidamente o preferido da população, e o líder em vendas. Não obstante ser ainda muito jovem, estava se revelando um bom patrão, ótimo comerciante, desde os dez anos de idade trabalhara na mercearia, e aprendera muito observando o pai.

Dona Pérola era na verdade, espécie de quotista majoritária, à medida que o patrimônio do Supermercado crescia, seu capital investido crescia na mesma proporção, a estratégia de José Luiz consistia em ir adquirindo gradativamente essas quotas, e num futuro não muito distante, tornar-se proprietário único do negócio. Exatamente como a mãe desejava, obter seu capital de volta, devidamente corrigido, que de certa forma, não desagradaria nenhum de seus outros três filhos.

Ana Vitória não conseguia entender o que estava lhe acontecendo, depois daquele segundo semestre excepcional da sétima série, nunca mais conseguiu a mesma performance, durante a oitava série enfrentou sérias dificuldades, correndo até o risco de não ser aprovada, o primeiro semestre do primeiro ano colegial, estava sendo muito difícil. Aquele seu desejo de se tornar professora

no futuro, perdera completamente o entusiasmo. Depois que o namorado abandonou o colégio, devido seu trabalho no Supermercado, perdeu ainda mais o ânimo de continuar estudando. Um fato novo começou acontecer em sua vida, no princípio não disse a ninguém, por não entender o que significava. Durante o dia quando estava sozinha em casa, ou na companhia de Liliane, sua irmã mais nova. Sentia uma espécie de leso, sonolência, sentava-se numa mesa que havia em seu quarto, abria seu caderno, e escrevia deliberadamente coisas que não compreendia. Conversando com o namorado, revelou-lhe o que estava acontecendo, mostrou-lhe as coisas que havia escrito inconscientemente. José Luiz leu várias vezes, não conseguiu interpretar o teor das três mensagens. Observou que as caligrafias das escritas eram diferentes umas das outras, comparou com as de seus cadernos, sua caligrafia destoava completamente.

Não disse nada a ela, mas tirou suas conclusões, pediu seu caderno emprestado, e levou para casa, mostrou ao pai. Sr. Avelino analisou bem as três mensagens, e as caligrafias, e confirmou as conclusões do filho. Tratava-se de mensagens psicografadas, mas o teor era inteligível, palavras soltas, sem expressar um pensamento que fizesse sentido.

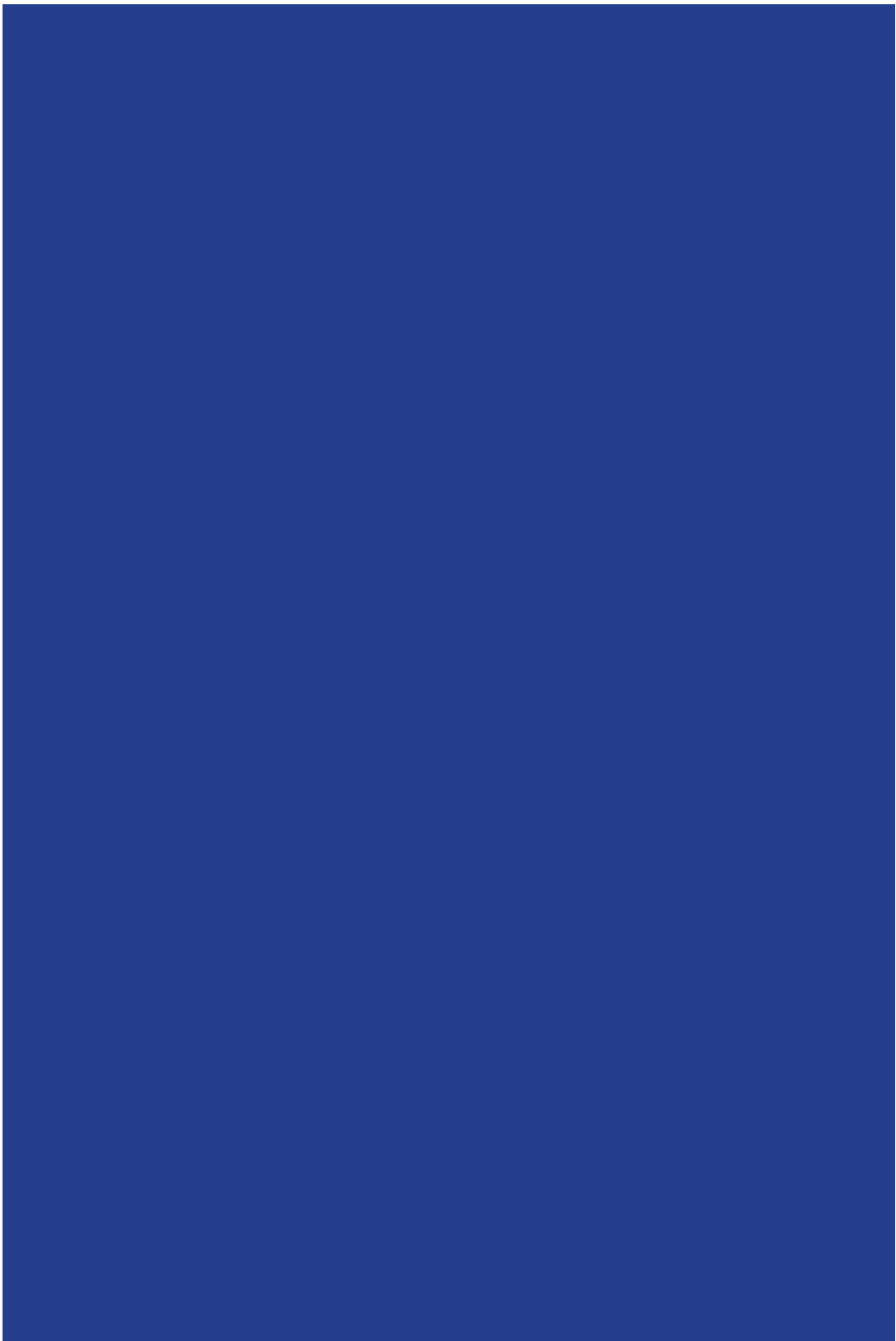
Segundo deduções de Sr. Avelino, Ana Vitória estaria tendo surtos mediúnicos, sem compreender, entrava em estado de transe parcial, como demonstrava certa resistência, a entidade comunicante não conseguia exercer pleno domínio sobre ela, e sua mensagem saía truncada,

e inteligível, não conseguindo transmitir o que pretendia. Talvez se nesses momentos, recebesse auxílio de alguma corrente magnética, conseguiria sintonia mais favorável, para que ocorresse boa comunicação.

Faz-se oportuno esclarecer que Sr. Avelino não era médium, apenas um estudioso dos ensinamentos Doutrinários, e dos fenômenos mediúnicos, mas fazia sentido, e poderia estar certo em suas deduções.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 30/08/2023.



Mediunidade de Ana Vitória

NO SÁBADO À NOITE NA CASA Espírita Chico Xavier, antes do estudo, Sr. Avelino com a anuência do filho, fez um pequeno comentário, sobre o que estaria acontecendo com Ana Vitória, para surpresa dela e de seus pais. Dizendo que se tratava de um fenômeno natural, conhecido como mediunidade, próprio de algumas pessoas, que à medida que fossem trabalhados, iam se desenvolvendo. E o ambiente de uma Casa Espírita, era propício para que se manifestasse, caso ela sentisse qualquer coisa, durante o estudo, para que não ficasse com medo, que o grupo faria uma corrente magnética para auxiliá-la na comunicação, deixariam caderno e lápis de prontidão, na eventualidade dela vir sentir qualquer coisa.

Sr. Avelino como sempre fez sua prece de abertura, depois começaram realizar o estudo das perguntas e respostas, do Livro dos Espíritos. Todos perceberam quando Ana Vitória, mudou seu semblante, levantou-se, como se estivesse sonambúlica, foi até a mesa onde estava o caderno e o lápis, sentou-se na cadeira, fechou os olhos, pendeu a cabeça do lado, todos com as mãos estendidas, a envolveram em um círculo, e puseram-se em orações. Ana Vitória pegou o lápis, esfregou o com força, contra a folha do caderno, e tombou inconsciente sobre a mesa. José Luiz e Dona Márcia começaram abaná-la, depois de alguns minutos levantou a cabeça, como se estivesse acordando. Olhou para todos a sua volta e perguntou o que havia acontecido?

Sr. Avelino perguntou-lhe se não se lembrava de nada. Balançou a cabeça dizendo que não, então explicou que o médium, é como se fosse um receptor de rádio, quando não ocorre sintonização perfeita, a mensagem não chega, e a entidade se retira. Mas no princípio era assim mesmo, e o procedimento utilizado pela equipe de apoio, ocorreu conforme recomendado, quem sabe na próxima vez daria certo. Ana Vitória tomou um pouco de água, todos voltaram a suas cadeiras, e prosseguiram o estudo. O restante daquela reunião Ana Vitória, permaneceu calada, parecia cansada, meio sonolenta.

Na hora de saírem Sr. Avelino retirou de um armáriozinho o Livro dos Médiuns, pediu que Ana Vitória o levasse, e sem nenhuma pressa, começasse estudá-lo. José Luiz ao lado dos pais dela, acompanhou a namorada até

sua casa, que ficava algumas quadras distantes, chegando lá despediram-se, voltou para casa.

Durante aquela semana, Ana Vitória se encontrava sozinha em casa, sentiu algo anormal, foi até a mesa de seu quarto, teve alguns momentos de ausência, e quando voltou ao normal, percebeu dois nomes escritos em seu caderno, como se fossem assinaturas personalizadas “Josefina Fagundes Oliveira” e “José Luiz Pietro”. Não seria necessário dizer que Ana Vitória ficou muito apavorada, quando deduziu que fora ela inconscientemente quem os escrevera, muitas coisas se passaram em sua cabeça, mostrou aos pais quando chegaram à tarde, sem entenderem o que significavam aqueles nomes juntos. À noite foram os quatro até a casa de Sr. Avelino. Chegando lá foram todos muito bem recebidos por Dona Pérola, Sr. Avelino e o filho, sentaram-se no sofá da sala, então Ana Vitória entregou ao namorado o caderno. Como eram relativamente novos na cidade não conheciam muita coisa. José Luiz olhou para os nomes escritos no caderno, e não entendeu o que poderia significar, passou para seu pai, Sr. Avelino pegou o caderno, ficou analisando as assinaturas, e não conseguiu decifrar, nem deduzir o que significava aqueles nomes juntos. Dona Pérola pegou o caderno, mal bateu os olhos nas assinaturas do caderno, lembrou-se:

— Josefina Fagundes Oliveira, fora uma Senhora contratada para cuidar da casa, e de José Luiz, quando era ainda muito pequeno, e Dona Pérola tinha que sair para lecionar, era conhecida apenas como “Zefina” trabalhara uns três anos com eles, depois sentiu-se doente, foi se

tratar em uma outra cidade, acabou falecendo. Dona Pérola sentiu-se muito emocionada, lembrou-se de alguma coisa, pediu para Dona Márcia e Ana Vitória para acompanhá-la até seu quarto. Retirou do guarda-roupas, uma valise pequena, bastante surrada, onde continha muitos papéis e fotografias antigas, despejou seu conteúdo sobre sua cama, e passou procurar alguma coisa, não demorou encontrou uma fotografia de Zefina com José Luiz em seu colo, bem no alpendre daquela mesma casa. Deveria ter na época quarenta anos, era viúva, seu marido havia falecido poucos anos depois que se casaram, mas não chegaram ter filhos, e José Luiz em seu colo, um garotinho de pouco mais de dois anos de idade. Para surpresa de todos, atrás da fotografia, em preto e branco, que deveria medir 12 x 8 cm, escrito pelas mãos da própria Zefina “Josefina Fagundes Oliveira e José Luiz Pietro”.

Imediatamente deixaram o quarto, e com a fotografia em mãos, já na sala, todos verificaram que as duas escritas a do caderno e na fotografia, eram idênticas. Naquela sala ninguém era perito no assunto, mas era indiscutível a autenticidade das duas escritas, ao ponto de todos irem às lágrimas, principalmente Dona Pérola, que tinha muita dificuldade para acreditar. Aquela seria a primeira de muitas outras, provas incontestes que a mediunidade de Ana Vitória, ajudaria revelar, de que os mortos ainda vivem.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 31/08/2023.

Nada Acontece por Acaso

NINGUÉM MELHOR QUE DONA Pérola assimilou aquela mensagem, entendeu que foi dirigida, justamente para ela, que estava fazendo enorme esforço para convencer-se, que os ensinamentos da Doutrina Espírita, teriam capacidade de mudar a visão das pessoas sobre a melhor maneira de interpretar, e conduzir à vida, e a própria morte. A palestra de José Luiz no dia da inauguração da Casa Espírita, pode até ter sido inteligível para muitos, mas ela percebeu perfeitamente o conteúdo da mensagem. O tempo para as pessoas redimirem-se de velhos hábitos e credences estaria se esgotando. A morte é um agulhão, que pode nos surpreender a qualquer momento, por isso devemos estar preparados. Relembrando das conversas, dos tem-

pos quando Zefina trabalhava em sua casa, quando ela dizia que era muito comum encontrar o marido em seus sonhos, e que se sentia muito feliz ao seu lado, e quando morresse iria reencontrá-lo. Dona Pérola discordava, e até zombava dela, agora compreendia que quando desconhecemos, determinados assuntos, o melhor seria não tecermos comentários, sem conhecimento de causa.

Não obstante Dona Pérola já ter lido muitos livros espíritas, nunca se dispôs conhecer as Obras Básicas, apesar de tê-la guardada em seu guarda livros, presente do marido que caprichosamente havia presenteado a ela e aos filhos. Decidiu que no próximo sábado os acompanhariam, e começaria estudar e compreender o Espiritismo de Kardec, que na verdade Alan Kardec, fora apenas um instrumento muito eficiente, utilizado por uma plêiade de Espíritos Superiores, para revelá-lo aos homens.

Quando no dia seguinte Dona Pérola, disse ao marido e ao filho que no sábado começaria participar dos estudos espíritas, ambos ficaram muito felizes. José Luiz refletiu por alguns instantes, concluiu que ninguém tinha mais mérito naquela decisão da mãe, que sua namorada, quando envidou esforços para aproximar-se dela, convidando para irem almoçar em sua casa, que a encorajou participar da inauguração da Casa Espírita, e a espiritualidade agora colaborava através de Ana Vitória, para que decidisse de espontânea vontade, participar dos estudos.

Já dissemos algumas vezes, que as pessoas procuram as Casas Espíritas, levadas por dois motivos, por amor, ou pela dor. Essa frase expressa uma grande verdade, e

é muito conhecida nos meios espíritas. Foi exatamente o que Sr. Avelino quis fazer entender, em sua prece de abertura, no dia da inauguração da Casa Espírita Chico Xavier, quando disse que em todas as comunidades deveriam existir Casas Espíritas, diria que funciona como um pronto socorro, para socorrer as almas necessitadas, em nossa humilde opinião, entendemos que todos o somos, indistintamente necessitados, o bálsamo que encontramos em uma Casa Espírita, não obtemos através de indulgências ou milagres, mas conscientização, e mudança de posturas, que a grande maioria dos males que nos afligem, procedem de nós mesmos, colhemos somente aquilo que semeamos.

Tempos melhores virão, chegará um tempo em que a população do Planeta Terra, não conviverá com tantas injustiças, dores e sofrimentos. Quando o homem estiver evoluído em sabedoria, moral e justiça, conhecerão e praticarão as Leis Divinas. As organizações religiosas criadas pelos homens, muitas vezes com propósitos escusos, como explorá-los e dizê-los o que gostariam de ouvir, não serão necessárias, os homens ouvirão, e obedecerão somente a Deus, e não aos homens, e os cegos deixarão de conduzir aos cegos, e a Terra não será mais um abismo de trevas.

No sábado as oito horas da noite pontualmente, um contingente de dez pessoas comparecia na Casa Espírita Chico Xavier, para continuarem o estudo de o Livro dos Espíritos, compete-nos identificar os que estavam indo pela primeira vez, Dona Pérola, e Liliane. O clima no in-

terior da casa, estava tão receptivo, e harmonioso, que em sua prece inicial Sr. Avelino, que não era médium, mas muito sensitivo, confessou ter a impressão de que a Casa estava recebendo um contingente enorme de espíritos. Não obstante o caderno e o lápis estarem preparados, no caso de alguma manifestação, Ana Vitória nada sentiu. Como dizem, o telefone sempre toca de lá para cá.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 31/08/2023.

Comunicação Bem-sucedida

DEPOIS DAS FÉRIAS DO MEIO DO ano, Ana Vitória que já estava desanimada, não encontrou forças para retornar ao colégio, com o apoio do namorado, seus pais não a forçaram, por perceberem os namorados planejando alguma coisa para seus futuros. Em um domingo à tarde, José Luiz fora visitar a namorada, confidenciaram qualquer coisa sentados no sofá da sala, de repente ela levantou-se foi até onde o pai e a mãe conversavam, pediu que eles viessem até a sala. Chegaram cumprimentaram a José Luiz, sentaram-se, então um pouco constrangido o rapaz falou:

— Sr. Miguel e Dona Márcia, eu e Ana Vitória estivemos pensando, e conversamos na possibilidade de nos casarmos em breve, principalmente agora que ela desistiu

de continuar estudando, gostaríamos de saber o que pensam sobre o assunto?

Sr. Miguel olhou para esposa, e quando se olhavam daquela maneira, automaticamente se entendiam, então falou em nome dos dois: — Quando começaram namorar, sabíamos que isso aconteceria, o que temos a dizer é que apesar de serem muito jovens, os consideramos adultos, e responsáveis, têm nosso consentimento para se organizarem, e realizarem aquilo que desejarem para serem mais felizes.

— Obrigado Sr. Miguel, também os consideramos muito, já conversei com meu pai e minha mãe, sobre casar-me com Ana Vitória, e ouvi deles o mesmo que o Senhor nos disse. Tivemos a liberdade de mandar fazer um par de alianças, e passaremos usá-las a partir desse momento. Quero convidá-los para um almoço em nossa casa no próximo domingo, para juntos marcarmos a data, e definirmos como deverá acontecer a comemoração, local, número de pessoas que convidaremos, essas coisas. Não sei o que pensam sobre o assunto, mas para os espíritas, o casamento no civil, é o suficiente, o compromisso religioso já o temos em nossa consciência.

— Respeitamos a tradição de todas as religiões, se é assim que procedem os espíritas, assim será, porque nós consideramos espíritas de verdade, por convicção.

José Luiz retirou do bolso uma caixinha, contendo um par de alianças, colocou a menor no dedo anelar da mão direita de Ana Vitória, ela tomando da outra a colocou no mesmo dedo, da mão direita do agora seu noivo.

Dona Márcia fez um comentário, que demonstrava o nível de amadurecimento de seus conhecimentos: — Pensando bem, a realização de uma cerimônia religiosa, não assegura nenhuma união conjugal, se fosse assim não existiriam tantas separações. O casamento religioso é praticado mais por ostentação das famílias, e interesses dos noivos em ganharem presentes dos padrinhos.

José Luiz externou seu parecer sob visão de espírita: — Na interpretação espírita, o casamento transcende formalidades, é um compromisso espiritual, que assumimos, cujas finalidades e razões desconhecemos, se conhecêssemos essas razões, os esforços, e os recursos envidados no plano espiritual para que se ocorra uma união conjugal, e cumpra seus propósitos, jamais o transgrediríamos.

No sábado à noite compareceram todos à Casa Espírita Chico Xavier, durante à prece inicial como era praxe sempre Sr. Avelino proferir, agradeceu à espiritualidade pela oportunidade de mais uma noite de estudos, sem se esquecer de agradecer, e pedir as bênçãos de Deus e da espiritualidade, pelo noivado de José Luiz e Ana Vitória, que iriam oficializar no dia seguinte, e marcar a data do casamento, e todas as providências pertinentes. O que de certa forma descontraíu e deixou todos felizes.

À semelhança da vez anterior, durante o estudo, todos perceberam leve alteração na fisionomia de Ana Vitória, ela levantou-se foi até onde se encontrava o caderno e o lápis, sentou-se, todos a envolveram em prece com as mãos

estendidas, ela tomou o lápis, pendeu a cabeça do lado, com os olhos fechados, escreveu no caderno, em letras maiúsculas, um tanto truncada, quase ilegível:

“Nena tô feliz por você! E com o piqueno, agora ficô grande...”

Hermínio Sonera

Assim que Ana Vitória soltou o lápis, desabou a cabeça sobre a mesa, como da vez anterior, Sr. Avelino e José Luiz prevendo que isso poderia acontecer, passaram ventilá-la com abanadores, ela abriu os olhos levantou a cabeça, e viu que havia escrito qualquer coisa no caderno. José Luiz pegou o caderno sem conseguir decifrar a mensagem, passou o caderno para o pai, que conseguiu identificar o comunicante, exatamente seu finado sogro, conhecido por todos onde morava como Hermínio Sonera, em seguida Dona Pérola trêmula de emoção, reproduziu os dizeres acima e explicou:

— NENA, era assim que meu pai e minha mãe me chamavam, quando ainda menina, e minha irmã mais nova NINA, depois que passei frequentar a escola, como não gostava que me chamavam assim, devido minhas colegas, passaram me chamar pelo meu nome, como minha irmã não se importava, continuamos a chamando assim até hoje. PEQUENO, era assim que papai se referia a José Luiz, quando criança, como havia passado muitos anos sem vê-lo, deve ter considerado que AGORA ESTAVA

GRANDE, que tinha se tornado um homem. O motivo de estar feliz, talvez pelo fato de seu noivado amanhã.

Todos ouviram com atenção as interpretações de Dona Pérola, e consideraram que fazia todo sentido, então Sr. Avelino deu seu parecer:

— Meu sogro se chamava Hermínio Sonero, mas seus amigos no trabalho, passaram chamá-lo de Sonera, lá onde morava, e ele não se importava, e até gostava. Apesar de ele saber soletrar as palavras para ler, tinha muita dificuldade para escrevê-las, por falta de praticar. Aprendera escrever muito bem, apenas seu nome. O nome de minha esposa é Pérola Sonero Pietro, como nunca gostou desse nome Sonero, evita usá-lo, e não permitiu que o colocasse em nossos filhos.

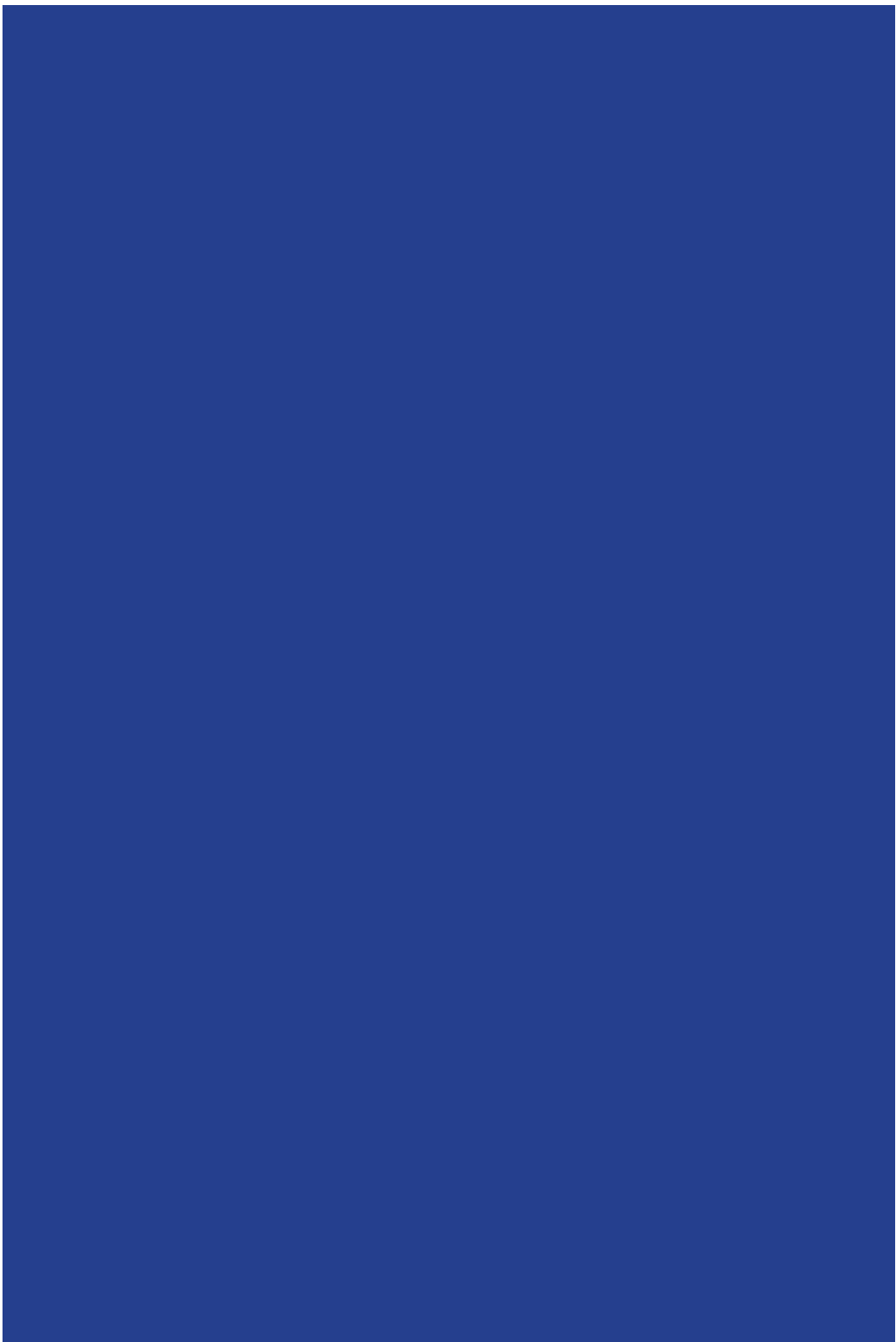
José Luiz perguntou à mãe: — E como se chamava tia Nina?

— Hemínia Sonero Garcia, e os três filhos dela, são Sonero Garcia.

Diante de tantas explicações se esqueceram da médiun, Ana Vitória permanecia prostrada na mesma cadeira, um pouco alheia, ouvindo sem entender, o que estavam falando, mas desconfiava que se referia ao que havia escrito sem saber como acontecera.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 01/09/2023.



A Consumação do Noivado

NO DOMINGO A FAMÍLIA FAUSTINO, menos Viviane que andava um pouco sumida, foram até à casa de Sr. Avelino Pietro, para almoçar como haviam combinado, recebidos apenas pelos pais de José Luiz, Ana Vitória perguntou à futura sogra pelo namorado, Sr. Avelino respondeu que havia ido até o supermercado, buscar alguns ingredientes e refrigerantes. Dona Pérola convidou Dona Márcia a ajudá-la na preparação do almoço.

Sr. Avelino perguntou a Ana Vitória se tinha tido uma boa noite de sono, ela respondeu:

— Para dizer a verdade, consegui dormir muito pouco, pensando nesse nosso encontro de hoje, são tantas coisas que temos que resolver.

— E quanto ao que ocorreu na Casa Espírita ontem?

— Até agora não entendi nada, acho que nem papai e mamãe.

Pegando o papel que estava em uma gaveta, passou explicar a ela, e ao pai, a interpretação de sua esposa, que segundo ele, desconhecia aqueles pormenores sobre seu apelido de infância, e nem se lembrava mais dos detalhes, como o sogro se referia ao neto quando pequeno. Em sua opinião, Dona Pérola foi muito feliz em sua interpretação. Não obstante ter assinado a mensagem, aquelas particularidades somente a esposa conhecia, o que fez reforçar mais a autenticidade da mensagem.

Ana Vitória o questionou, por que estava praticamente ilegível?

Sr. Avelino esclareceu: — Meu finado sogro era o que chamamos, analfabeto funcional, conseguia com dificuldade ler as coisas, aprendeu sozinho, mas nunca aprendeu escrever, a não ser desenhar seu próprio nome. Geralmente espíritos analfabetos, se utilizam de médiuns falantes, que não é seu caso, sua especialidade é a psicografia, médium escrevente. Essa falta de compatibilidade, não permitiu que ele se manifestasse oralmente.

Sr. Avelino continuou esclarecendo: — Quando o médium possui a característica falante, o espírito se utiliza de suas cordas vocais, para através da fala, expressar aquilo que deseja; Quando o médium possui a característica escrevente, se utiliza de suas mãos para escrever aquilo que deseja. Em ambos os casos, tanto a voz como a caligrafia, são as do espírito, é não a do médium. Mas o

médium pode possuir ambas as características, então estará apto atender aos dois.

Nesse momento José Luiz adentrou à sala, trazendo nas mãos algumas sacolas plásticas, com os ingredientes, cumprimentou ao Sr. Miguel, à Ana Vitória, e à Liliane, e foi deixá-los na cozinha. Depois retornou pegando nas mãos do três.

Depois do almoço simples, mais muito bem-preparado e delicioso, sentaram-se em cadeiras em uma enorme área que ficava nos fundos da casa. José Luiz de posse de um bloco de anotações, pediu à noiva para que sentasse à mesa, ao seu lado. Estávamos no final do mês de agosto, a primeira decisão colocada em pauta, por José Luiz, fora a data do casamento, pediu a opinião da noiva. Ela o perguntou:

— O que você sugeria?

— Em minha opinião penso que dois meses, serão suficientes para as providências, um final de semana no final do mês de outubro. O que vocês acham?

Como ninguém se manifestara, questionou à noiva:

— O que você acha?

— Para mim está bem, pode ser último final de semana do mês de outubro.

— Então está decidido, dia vinte e sete de outubro. Agora o número de convidados?

Sr. Miguel deu sua opinião: — Estivemos conversando em nossa casa, achamos inconveniente convidarmos nossos parentes, por serem muitos, e residirem longe, e espalhados, e devido nossa condição de espíritas, vão achar

estranho o casamento somente no civil. Convidaríamos somente a família de Sr. Massami Fuji.

Dona Pérola manifestou-se dizendo: — De nossa parte convidaríamos, nossos filhos que moram fora, e a família de minha irmã Nina.

Sr. Avelino também se manifestou: — Particularmente, gostaria de incluir na lista de nossos convidados, Sr. Moacir e Sr. Roberval com suas esposas.

José Luiz disse: — Gostaria que ficasse bem entendido, que todos os gastos referentes à comemoração, faço questão que sejam exclusivamente por minha conta. Pretendo fechar o supermercado nesse dia, e convidar também, todos nossos servidores. Que segundo meus cálculos, somando todos esses convidados, seriam entre trinta e quarenta pessoas. Agora o local da comemoração?

Sr. Avelino disse: — Se acharem que esse espaço, comportaria esse número de pessoas, estará à disposição para que seja aqui mesmo.

— Não meu pai, para esse contingente de convidados, existe um local apropriado, em uma chácara, próxima aqui da cidade, de um nosso amigo, onde teremos total privacidade, sem chamar a atenção ou incomodar ninguém. Já nos ofereceu sem nenhum custo, estive lá e achei perfeito.

Sr. Miguel observou: — À exemplo do casamento de Viviane, nosso ônibus estará disponível para transportar àqueles que não têm carro próprio.

José Luiz agradeceu, dizendo: — Muito obrigado, e muito bem lembrado, o ônibus do Senhor será de muita

utilidade e serventia. Quanto às providências no Cartório, ficam sob minha responsabilidade. Alguém sugere que resolvemos mais alguma coisa?

Dona Márcia, perguntou: — Quem ficará encarregado de organizar o jantar?

— Não se preocupe Dona Márcia, como já disse, essa parte providenciarei, ou melhor, contratarei uma equipe especializada para organizar tudo, sem envolver nenhum dos convidados. Inclusive para preparar o local, e depois limpar tudo.

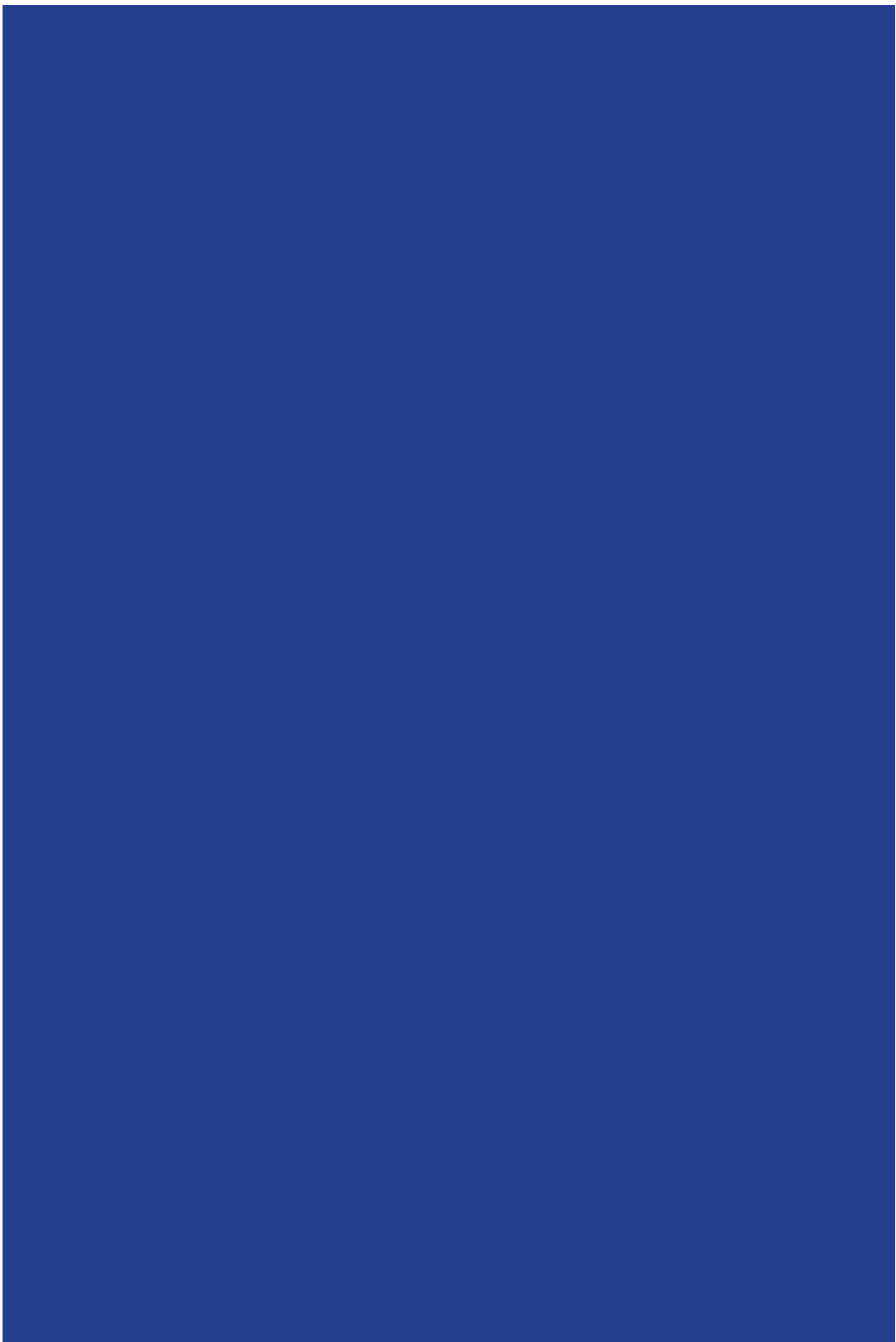
Ana Vitória que até então se ocupava em anotar tudo, perguntou ao noivo: — Só falta agora você dizer, onde iremos morar, depois do casamento?

Todos riram da observação, José Luiz disse apenas: — Isso será uma surpresa, que pretendo fazer a você.

Não havendo por hora, nada mais decidir, deu-se por encerrada a reunião, e consumado oficialmente o noivado de José Luiz Pietro, dezenove anos, e Ana Vitória Faustino, dezessete anos.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 02/09/2023.



Um Nome Polêmico

COMO DISSEMOS QUE VIVIANE estava um tanto sumida, na segunda-feira pela manhã, José Luiz recebeu uma ligação telefônica de Carlos Fuji, pedindo para avisar a família de seu sogro, que naquela madrugada Viviane havia entrado em trabalho de parto, ele havia pegado a camioneta do pai, e acompanhados de sua mãe, a levaram para o hospital de uma cidade vizinha, e antes do dia amanhecer, Viviane através de parto normal, tinha dado à luz a uma linda menina. Que estava tudo bem, com a criança e com a mãe. Que quando saíssem do hospital, levaria a esposa e a filha para casa da mãe em Laranjal, para passar uns dias.

Imediatamente José Luiz, pegou o carro de entrega do supermercado, foi até a casa do futuro sogro,

encontrou somente Ana Vitória, que ficara tão feliz, que deliberou acompanhar o noivo até onde Dona Márcia estava trabalhando, e lhe avisaram do acontecido. A mãe ficara tão emocionada, e abobalhada, que começara chorar de alegria, ao saber que aos trinta e seis anos de idade, já era avó. Tanto que pediu permissão à patroa para ir para casa, que não conseguiria mais trabalhar naquele dia.

A emoção de Sr. Miguel não fora menor quando soube, assim que chegou do trabalho à tarde, queria saber mais informações, que decidiu ir até o supermercado, ouvir de José Luiz, tudo que o genro japonês falara pelo telefone. José Luiz pressionado pelo futuro sogro, muito pouco conseguiu acrescentar, ao que já havia revelado à Dona Márcia, percebendo a felicidade de Sr. Miguel, foi até onde estava seu pai, e confidenciou qualquer coisa, Sr. Avelino concordou com o que o filho o havia pedido, levantou-se de sua cadeira e o acompanhou, chegando até onde estava Sr. Miguel, o cumprimentou e o parabenizou pelo fato de ser avô, assim tão jovem. Então lhe revelou o que o filho lhe pedira.

— Sr. Miguel meu filho me pediu algo que não costumo fazer, mas se tratando de um acontecimento importante como esse, abri um precedente e decidi atendê-lo. Vamos os três até o reservado lá nos fundos, abriremos uma cerveja bem gelada para comemorarmos, o nascimento de sua primeira netinha, não ficaria bem as pessoas veem três espíritas bebendo cerveja.

Enquanto Sr. Avelino e Sr. Miguel se dirigiam ao reservado, José Luiz foi até a geladeira, pegou três cervejas

bem geladas e três copos, e foi para o reservado. Quando Sr. Avelino viu as três garrafas dentro de um cesto de compras, não disse nada, mas limitou-se tomar apenas um copo, depois deu um forte abraço no amigo, e o parabenizou novamente, voltou para fechar o escritório, e ir para casa. José Luiz e seu futuro sogro, ficaram conversando e tomando o restante da cerveja, das três garrafas. Depois muito alegres, saíram do reservado, perceberam que estava tudo fechado, cada um foi para sua casa, já era noite.

Na quarta-feira à tarde, quando Sr. Miguel chegou do trabalho, ouviu dentro do quarto das filhas, o resmungar de uma criança recém-nascida, como a porta estava aberta, entrou e viu Vivi, sentada na cama, amamentando seu bebezinho, não quis abraçar a filha, por estar todo sujo e suado, apenas beijou-lhe a testa, e o rosto da criança, e perguntou:

— Onde estão sua mãe e suas irmãs?

— Foram ao supermercado, comprarem algumas coisas.

— Vou tomar um bom banho, depois volto para abraçá-la, e ver essa bonequinha direitinho.

Depois do banho, voltou ao quarto, Vivi lhe mostrou o rostinho da filhinha, que estava dormindo, mas dava para perceber perfeitamente seus olhinhos puxados, em voz sussurrada perguntou pelo genro, Vivi respondeu: — Foi levar Dona Sara em casa, amanhã cedo estará de volta, para registrá-la.

Sr. Miguel havia comprado duas cervejas e colocado na geladeira, como o genro só voltaria no dia seguinte, as

cervejas também esperariam. Perguntou à filha, como a neta se chamaria, Vivi respondeu:

— Ainda não sei papai, eu e Carlos fizemos um acordo, se nascesse um menino eu escolheria o nome, como nasceu uma menina, ele ainda está se decidindo, como se chamará.

Carlos era muito imaturo para decidir sozinho, como a filhinha se chamaria, recorreu aos pais para ajudá-lo decidir, depois de uma acirrada seleção, mais por influência de Sr. Massami, a netinha se chamaria Midory Faustino Fuji. No momento a família Fuji, democraticamente havia chegado nesse consenso. No dia seguinte pela manhã, quando Carlos saiu para Laranjal, para registrar, e rever a esposa e a filha. Dona Sara refletindo sobre o nome da neta, lembrou-se de um detalhe que a deixou muito enfurecida, e contrariada com o nome escolhido para a netinha, mas já era muito tarde. Quando Sr. Massami, chegou da lavoura para almoçar, quase apanhou da esposa, e teve que inventar uma longa história. Dona Sara lembrou-se que antes dela, o marido quando jovem, namorara por um longo tempo, uma jovem japonesa muito bonita, pertencente a uma família muito rica, chamada Midory Watanabe. Sr. Massami alegou infeliz coincidência, que nem se lembrava mais dessa moça, que na verdade lembrou-se desse nome, devido a sua primeira professora, de quem gostava muito, que se chamava Dona Midory, cujo nome de família não mais se lembrava. O que dessa forma, acabou convencendo e acalmando Dona Sara.

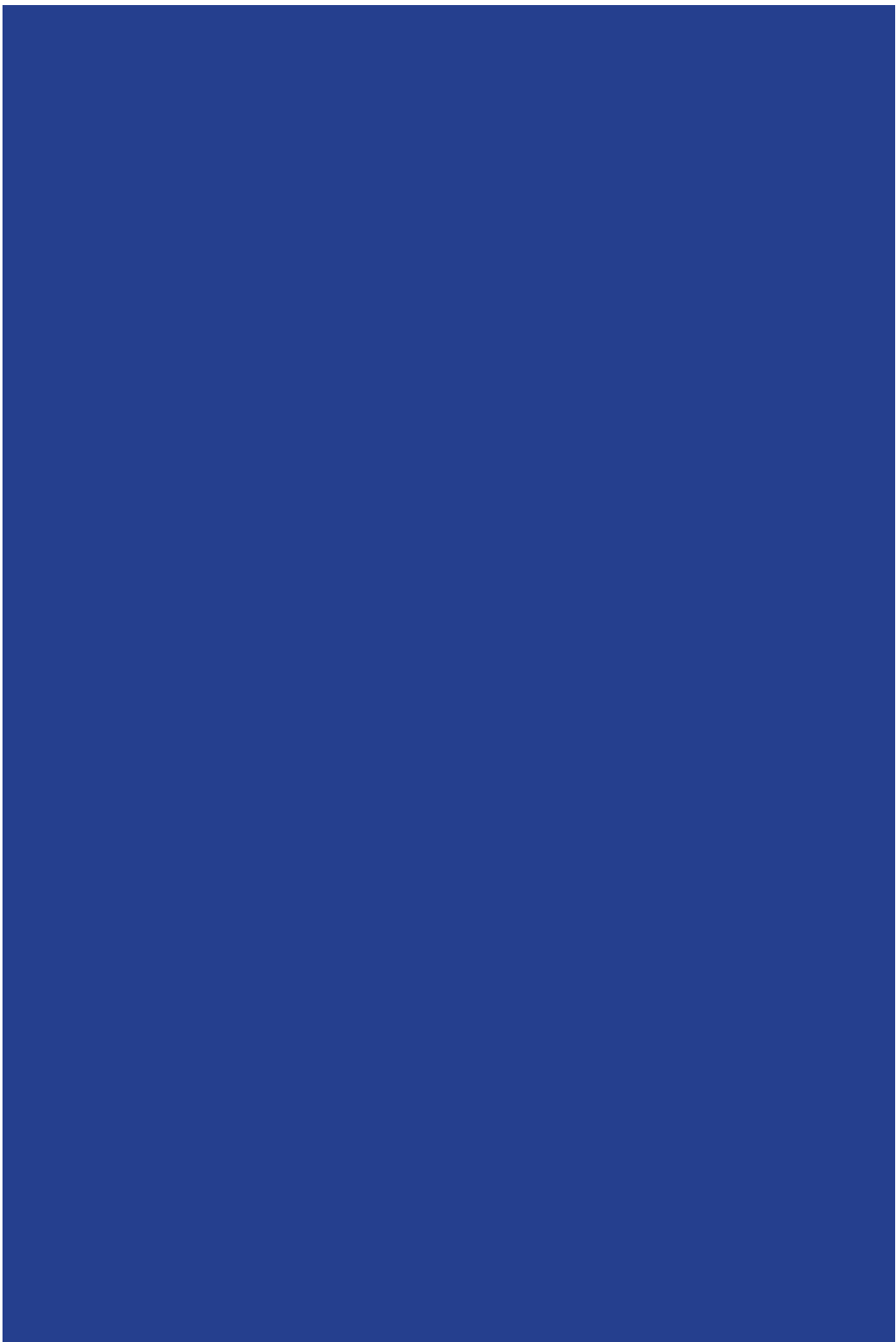
Quando Carlos chegou à casa do sogro, não mais o encontrou, tinha saído cedo para o trabalho, mas trazia em suas mãos, a certidão de nascimento da filha, e entregou à esposa, que ao ler o nome da filha “Midory Faustino Fuji”, disse ao marido:

— Com tantos nomes brasileiros bonitos, escolheu um nome japonês, quero saber por que escolheu esse nome?

Carlos coçou a cabeça, e respondeu: Por que você me disse, se nascesse uma menina, poderia colocar o nome que eu quisesse, então lembrei-me desse nome, para agradar ao meu pai, que segundo ele, teria sido o nome da moça mais bonita que conhecera quando jovem, só não quero que comente isso com minha mãe.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 04/09/2023.



Compreensão da Verdade

QUANDO SR. MIGUEL CHEGOU À tarde encontrou o genro impaciente, o rapaz não tinha o costume de ficar o dia todo parado, dentro de uma casa. O sogro o abraçou e o parabenizou pela filha tão linda, dizendo que devia isso, por ela parecer-se mais com a mãe, do que com o pai. Carlos discordou dizendo que ela tinha mais de japonês, que de brasileiros, até seu nome era japonês. Quando Sr. Miguel soube o nome da neta, não gostou nem um pouco, que Vivi nunca deveria ter permitido a ele, escolher o nome da filha. Então revelou ao sogro as razões que o fez escolher esse nome.

Como disse que só estava esperando o chegar, para retornar para casa, Sr. Miguel o convidou para tomar

um copo de cerveja, Dona Márcia permitiu, desde que Carlos tomasse apenas um copo, devido ter que voltar para casa, dirigindo a camioneta do pai. Disse ao sogro, que qualquer dia voltaria acompanhado pelos pais, para comemorarem de verdade o nascimento de Midory. Sr. Miguel pediu que os convidar para virem no domingo, para almoçarem e comemorarem, que convidaria também José Luiz e seus pais, e Dona Márcia faria um almoço mais caprichado.

Não obstante a casa de Sr. Miguel e Dona Márcia, ser bem modesta, localizada no final de uma rua, a hospitalidade ali reinante impressionava o visitante, devido a simplicidade e a cordialidade, da maneira como recebiam aos amigos. A família Fuji se sentia tão bem na casa dos pais de Viviane, que era como se estivessem em sua própria casa, o mesmo acontecia com José Luiz e Sr. Avelino, pela segunda vez que Dona Pérola comparecia para almoçar na casa dos pais de Ana Vitória, e já havia superado quase que totalmente o desconforto da primeira visita, porque percebera ser ela própria, a vítima de sua suposta superioridade.

Aproveitando aquele momento que as três famílias estavam reunidas, Ana Vitória que já havia comentado com os pais. Depois do almoço, um tanto constrangida formalizou seu pedido a Sr. Massami e Dona Sara, para que fossem os padrinhos de seu casamento. Ambos se sentiram muito honrados com o convite, principalmente quando souberam que seria apenas um casal de padrinhos para a noiva, e outro casal para o noivo, que já havia

convidado sua tia Nina e seu tio Gabriel Garcia, para que fossem os seus. José Luiz se encarregou de dar as devidas explicações, sobre a interpretação da Doutrina Espírita, dos compromissos espirituais que envolvem às uniões conjugais, que transcendem em responsabilidades, as formalidades praticadas pela igreja católica e as tradições.

Sr. Avelino que detinha conhecimento mais abalizado sobre o assunto, reforçou as informações do filho acrescentando:

— Isso não significa que o casamento religioso praticado pela igreja católica, e outras religiões, na visão espírita não tenha sua importância e eficácia. O que nos preocupava, é a falta de comprometimento, que se atribui a ele. A Doutrina Espírita trata esse assunto, como muitos outros, sob um ângulo diferente de visão. Segundo os Espíritos, o fato de eu estar casado com minha esposa, e José Luiz vir se casar com Ana Vitória, não ocorreria por uma mera obra do acaso, e sim por razões que se faziam necessárias que ocorresse, forças e razões que desconhecemos atuaram nos dois planos de vidas, para que fossem consumados. Os filhos que nos foram confiados obedeceram às mesmas razões. Os conhecimentos da humanidade estão muito distantes, para compreendermos que estamos todos comprometidos e submetidos aos desígnios de Leis Soberanas. Como nos ensinou o maior mestre, que passou por esse mundo, JESUS CRISTO, que nenhuma folha cai de sua árvore, sem a permissão do Criador de todas as coisas, DEUS nosso pai. Portanto estamos nesse mundo, na situação que nos encontramos, ao lado

das pessoas que amamos, ou suportamos, por razões que nós mesmos pleiteamos, para quitarmos ou sermos resarcidos dos equívocos cometidos no passado. Quando passamos aceitar os fatos sob essa visão, entendemos que todas às coisas que nos acontecem têm seus propósitos, por essa razão, jamais devem serem banalizadas.

Sr. Massami, já imaginando a resposta de Sr. Avelino, mesmo assim perguntou: — Na eventualidade do casamento de José Luiz e Ana Vitória, não vir se realizar, como está previsto, qual justificativa a Doutrina Espírita apresentaria para esse fato?

— Recomendaria que todos aceitassem resignadamente. No devido momento, se DEUS aprover, conheceríamos às razões. Que nada somos, e nada podemos, diante D'aquele que é Todo Poder, Justiça e Bondade. Na concepção Espírita, aquilo que nos parece ser um mal, talvez seja necessário para se evitar um mal maior. Jurar a DEUS, amar e respeitar uma pessoa, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, até que a morte os separe. Depois romper esse juramento, entendemos, melhor seria, se não o tivesse feito.

Sr. Massami fez uma revelação importante: — Somos católicos desde que nascemos, sinto que nosso entendimento sobre muitos assuntos, seja ainda muito nebuloso, não sei se a culpa é nossa por não procurar compreender, ou dos padres que não se preocupa em nos esclarecer.

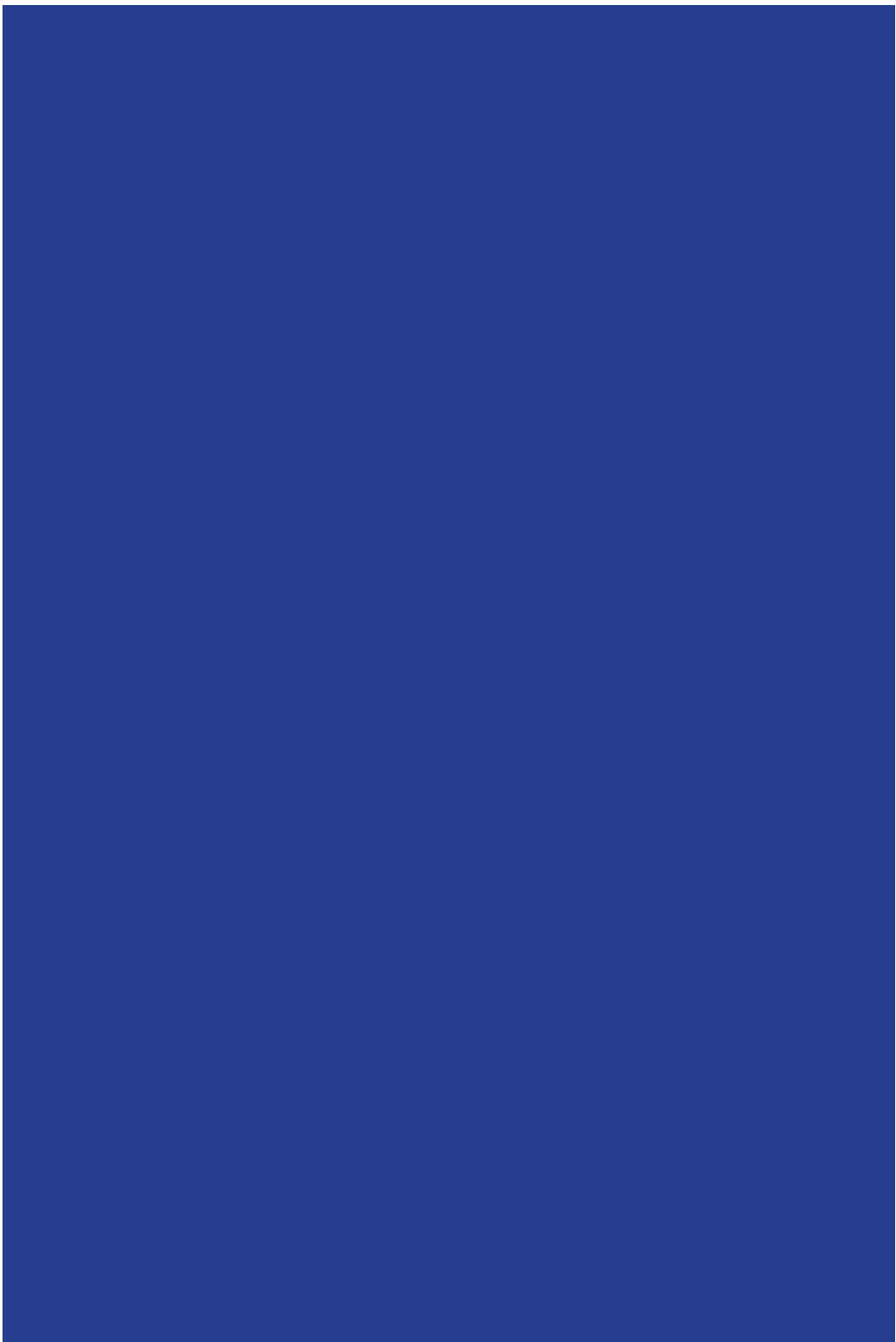
Sr. Avelino justificou-se dizendo: — Também fui católico por quase cinquenta anos, quando comecei estu-

dar a Doutrina Espírita, percebi exatamente isso, que até então, nunca tinha procurado compreender, e minha religião não tinha compromisso em esclarecer-me. Descobri que a culpa era somente minha, por comodismo, deixava-me enganar.

O fato que a comemoração do nascimento da pequena Midory, foi regado com muito refrigerante, patrocinado pelo proprietário do Supermercado Pietro, e uma garrafa de saquê, trazida às escondidas pelo avô paterno, que se emocionou muito quando viu a bonequinha japonesa, que omitiu-se fazer qualquer comentário sobre sua antiga paixão, mas questionou consigo mesmo: “Será que se tornará tão linda, como era Midory Watanabe”?

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 06/09/2023.



O Casamento de José Luiz e Ana Vitória

E NTRE TANTAS PROVIDÊNCIAS, O TEMPO transcorreu rapidamente, e quando deram conta, estavam na última semana do mês de outubro, o primeiro convidado chegar fora o irmão do noivo, acompanhado de sua namorada Marina, que só pelo fato de vir sozinha com João Pedro, denunciava que aquela relação, há muito tinha deixado de ser um simples namoro, conforme adiante será esclarecido. Dona Pérola sem nenhuma razão aparente, ofereceu resistência gratuita ao namoro do filho caçula com Ana Vitória. Preparava seu arsenal para destruir literalmente, aquela relação mal estruturada do filho mais velho, principalmente quando deliberaram que preferiam passarem as noites, em um quarto do hotelzinho da cidade. Aos olhos de Sr. Avelino, apesar de perceber que os atributos de Marina, não chegavam nem próximos aos de Ana Vitória, não via nada de

anormal. Como já dissemos, e ele compreendia perfeitamente que: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”.

Na sexta-feira chegaram os demais convidados da família do noivo, sua tia Nina acompanhada somente do marido Gabriel, os filhos não puderam vir, devido aos estudos, e ao trabalho. E as duas irmãs casadas do noivo, com suas famílias, que ao todo, não eram muitas pessoas, ficaram todos hospedados na casa de Sr. Avelino e Dona Pérola, que era bem grande e confortável.

Como já informamos, no sábado as portas do Supermercado Pietro não abririam, nem haveria à noite, estudos na Casa Espírita Chico Xavier. Todas aquelas pessoas indistintamente, foram convidadas comparecerem ao Cartório, para acompanharem o casamento no civil, e de lá seguiriam para a chácara onde seria realizada a comemoração, como havia previsto José Luiz, não atingiriam quarenta pessoas, o número de participantes. Faz-se oportuno salientar que apesar de Ana Vitória, ser uma moça muito simples, estava devidamente maquiada, elegantemente vestida, que permitiu revelar, o quanto era de fato bonita.

Para um bom observador era visível o desconforto de Dona Pérola, pela simples presença de Marina, para aqueles que não conheciam o estágio daquele relacionamento, imaginavam que fossem recém-casados, devido a postura um tanto ousada dela com o namorado, talvez para deixar em evidência, que o fato de não serem ainda oficialmente casados, ela já fazia parte da família. Intencionalmente com esse propósito, em uma rápida conversa particular, confessou à Ana Vitória, que já moravam juntos há algum

tempo, mas João Pedro lhe pedira que não dissesse nada aos seus pais, por considerá-los muito conservadores. Era como se dissesse à Dona Pérola, através de Ana Vitória, que aquela sua atitude indelicada, não tinha nenhum poder para obstar, o que já estava consumado.

Ana Vitória muito discreta, nada disse à sogra quando soube, quando o fez, não seria mais necessário dizer. Não obstante os conselhos de suas duas filhas, para que não se envolvesse no relacionamento amoroso do irmão, Dona Pérola desconsiderou completamente, na primeira oportunidade que teve, o colocara contra a parede, e acabou arrancando do próprio, toda a verdade. Segundo João Pedro, fazia quase dois meses, que ele teria ido de boa vontade, morar com a namorada, no apartamento dela. A mãe ficara tão decepcionada, e arrasada, que se sentiu impotente para manifestar qualquer tipo de reação, disse-lhe apenas, se algum dia decidisse se casar com aquela mulher, não precisaria se dar ao trabalho de convidá-la, porque ela não iria. Dona Pérola há pouco tempo, tinha começado participar dos estudos espíritas, e como percebemos, ainda não havia aprendido praticamente nada, certamente encontraria dificuldades para assimilá-los, e mais ainda, para praticá-los.

Voltamos à comemoração do casamento. O local não poderia ser melhor, ou mais apropriado, muito acolhedor, total conforto e privacidade. O jantar muito bem-organizado, cardápio de bom gosto, condizente com o evento, e perfil dos participantes, que agradou a todos sem exceção. Bebidas à vontade, para todos os gostos e

preferências. Apesar da pequena Midory, ter apenas dois meses de idade, era o centro das atenções, principalmente dos pais, e dos quatro avós.

Passavam das dez horas da noite, quando alguns convidados começaram deixar o local, que ficava somente há três quilômetros de Laranjal, José Luiz confidenciou qualquer coisa à esposa, começaram levar os presentes que haviam ganhado até o carro, o mesmo usado para fazer entregas do supermercado, de repente desapareceram. Parou o em frente, a uma casinha muito singela e simpática, desceu, abriu o portão, colocou o carro na garagem, abriu a porta da sala, acendeu as luzes. Ana Vitória entrou, gostou do que viu, apesar de ser pequena, estava toda mobiliada e bem arrumada, José Luiz a abraçou com ternura, e lhe disse:

— Será aqui que iremos morar, até comprarmos nossa própria casa, gostou da surpresa?

— Muito, era tudo que eu imaginava, obrigado.

Depois de fechar a porta, entraram para o quarto, também pequeno, mas muito bonito e bem arrumado, apagaram as luzes, e assim começariam suas vidas conjugais. Como disse Sr. Baltazar, tudo tem a hora certa para se iniciar, mas infelizmente também chegará o momento, que se faz necessário a separação. Mas Deus é tão Bom, que se ambos desejarem, permite se reencontrarem no além, e continuarem juntos.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 07/09/2023.

Um Domingo, Muito Agradável

NO DIA SEGUINTE LEVANTARAM bem cedo, foram até à casa dos pais de José Luiz, para se despedirem dos parentes, que disseram que iriam embora pela manhã. Ficaram sabendo que João Pedro e Marina já teriam ido embora, sem se despedirem de ninguém. Dona Pérola era uma pessoa tão endurecida, que acreditava que sua conversa com o filho, o faria separar-se de Marina. Foi quando Ana Vitória, a chamando de lado, lhe revelou o que Marina lhe havia dito. Dona Pérola que já estava nervosa, mas indignada se sentiu, e desabafou em alto e bom som, para que todos ouvissem:

— Aquela mulherzinha é tão sem caráter, que não teve coragem de revelar-me suas safadezas, pressionei

João Pedro, e acabou me contando tudo. Faz dois meses que estão morando juntos no apartamento dela.

Todos ficaram constrangidos e emudecidos, então entenderam as razões deles terem ido sem se despedirem de ninguém. Coube ao Sr. Avelino, tentar fazê-la entender, a grande besteira que cometera:

— Pérola por que fez isso? Nosso filho tem vinte quatro anos, é adulto, inteligente, ele quem vai viver ao lado de Marina, eles se escolheram, um ao outro. Quando vai parar de interferir na vida de nossos filhos, quando vai aprender olhar para suas próprias imperfeições, e parar de julgar as pessoas sem as conhecê-las, respeite, e aceite as pessoas como elas são. Se estão morando juntos, é porque se amam, confiam um no outro, e se precisam. Você se considera superior e melhor que todo mundo. Com essas suas atitudes, você consegue envergonhar toda nossa família.

— Nossos filhos têm a quem puxar, são idiotas como o pai. Só uma pessoa muito tapada para não perceber que essa Marina, é uma grande safada, a mim ela não engana.

Os parentes que já estavam de saída, presenciaram esse espetáculo deprimente oferecido gratuitamente por Dona Pérola, Sr. Avelino envergonhado saiu para fora, para se despedir dos parentes quando saíssem, José Luiz o seguiu, aproximando do pai disse:

— Acho que nem a Doutrina Espírita, vai conseguir mudar a mamãe, não sei como o Senhor aguenta tudo calado?

— Provação meu filho, não demorará muito, me libertarei. Por isso Deus haverá de dar-me paciência para ir até o final. Certamente todos nós merecemos.

José Luiz ficou pensando. Nesse aspecto Sr. Baltazar e seu pai tinham um ponto bem divergente. Sr. Baltazar gostaria morrer logo, para reencontrar sua Anita; Sr. Avelino para se libertar de Dona Pérola. Por isso a união conjugal, é algo muito complexo, que transcende a compreensão do vulgo. Mas seu pai estava corretíssimo, uma vez consumado, para que tenhamos êxito, perante as Leis Divinas, para que consigamos nos libertar de verdade, faz-se necessário ir até que a morte os separe. Caso um dos dois fraquejar, em uma próxima existência, necessitarão estarem juntos novamente, através de algum tipo de relação, não necessariamente conjugal, para resgatarem aquilo que não foi possível.

Depois que todos se foram, José Luiz disse aos pais que iriam dar uma passadinha na casa de Sr. Miguel e Dona Márcia, depois voltariam para casa, para terminarem de organizarem algumas coisas, e conversarem alguns assuntos, para definirem como seriam suas rotinas, para cada qual fazer sua parte. Quando chegaram à casa dos pais de Ana Vitória, perceberam que estavam terminando de se arrumarem para sair. Dona Márcia lhes explicou que foram convidados pelos Fuji, que fossem almoçar com eles, e passarem aquele domingo no sítio, certamente ficariam muito felizes, se também recebessem a visita dos recém-casados em sua casa, José Luiz olhou para esposa, entendeu que ela não tinha nada contra. E foram os cinco almoçarem no sítio de Sr. Massami e Dona Sara, e reverem a pequena Midory.

Quando estivemos na residência de Sr. Massami e Dona Sara, não tivemos oportunidade de descrever a tranquilidade, e a exuberância, que o ambiente oferecia, tudo muito limpo e espaçoso, o quintal muito arborizado, com plantas e flores, onde se podia ouvir à sombra de árvores frutíferas, a algazarra dos passarinhos, nas ramagens carregadas de frutos maduros, tagarelando suas conversas incompreensíveis, e seus cantos inteligíveis. Era ali, sentados em bancos de madeira, que a família de Sr. Massami, muito pequena como já dissemos, se reuniam às tardes, e nas horas de folgas, para tomarem um gole de saquê. Na hora do almoço, a reunião acontecia em torno de enorme mesa, existente na área externa, no fundo da casa, próxima à cozinha. Não seria necessário dizer que ali se comia muito bem, principalmente verduras e legumes fresquinhos, produzidos ali mesmo.

Depois do almoço o pessoal se deslocava, para as varandas laterais e frontal, onde algumas redes distendidas, estavam à disposição daqueles que quisessem acomodar-se mais confortavelmente. Sr. Massami explicou a todos, que durante os dias de semana, aquelas redes eram retiradas, e escondidas, porque ali também se trabalhava. Falando em trabalho, logo iriam precisar que Sr. Miguel, transportasse trabalhadores para o plantio de cebolas, que já estavam preparando a área, para essa finalidade. Sr. Miguel pediu que o avisasse, alguns dias antes, para se organizarem. José Luiz perguntou, se mais tarde poderiam dar um passeio pelas

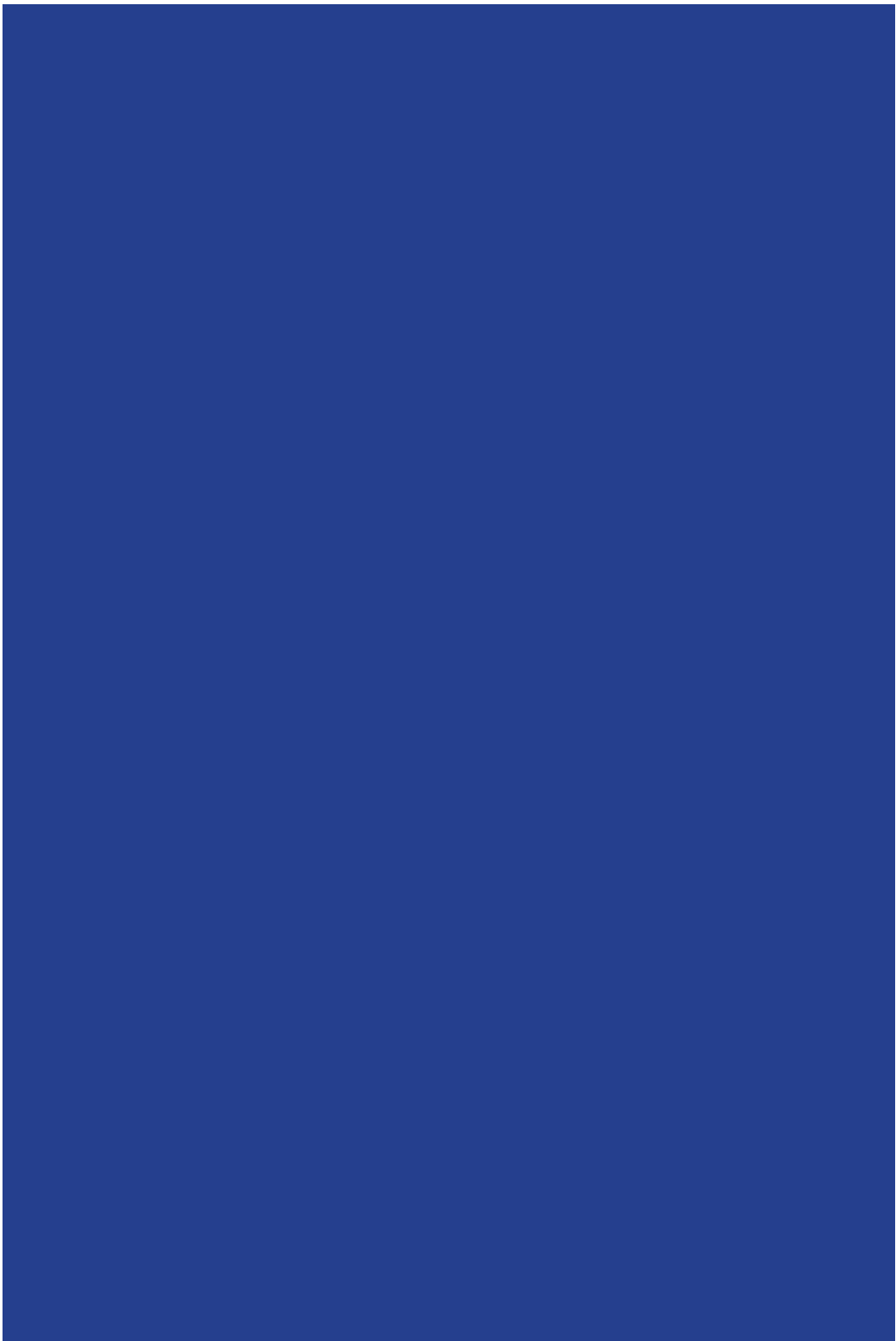
lavouras? Sr. Massami respondeu que sim, que Carlos os acompanhariam, que ele havia exagerado no saquê, e precisaria dormir um pouco.

Depois de passearem e conhecerem as lavouras de Sr. Massami, acompanhados de Carlos e Dona Sara, e colherem alguns legumes para levarem, o sol começava pender em direção à linha do horizonte, chegaram de volta à casa, cansados e suados, pelo calor próprio de um final de mês de outubro, após se hidratarem, e colocarem o que haviam colhido no carro de entregas do supermercado, agradeceram pelo excelente almoço, e a receptividade, se despediram, e pegaram o caminho de terra batida, que os levariam de volta a Laranjal, que não ficava dez quilômetros de distância.

Apesar da manhã daquele domingo, não ter se iniciado muito agradável, devido os achaques de Dona Pérola, o passeio e o contato com aquelas pessoas mais descontraídas, e visivelmente mais felizes, proporcionara um domingo maravilhoso para todos.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 09/09/2023.



A Família de Marina

NAQUELA MESMA NOITE CONVERSANDO com a esposa José Luiz aventou a possibilidade, caso ela desejasse, poderia trabalhar ao seu lado e do sogro, no Supermercado, contratariam uma pessoa para os serviços da casa. Ana Vitória disse que não teria coragem para lhe pedir, mas era o que mais desejava, ajudá-los no Supermercado. Imediatamente lhe veio uma intuição, confidenciou ao marido, que depois de avaliar, sugerira que voltassem à casa de Sr. Miguel e Dona Márcia. Chegando lá, Ana Vitória explicou aos pais o motivo da visita, nesses termos:

— Mamãe conversando com José Luiz, disse a ele que meu maior desejo seria trabalhar ao seu lado no Supermercado, respondeu-me que poderia, desde que encontrasse

uma pessoa para cuidar da casa. Pensei na possibilidade de a Senhora parar com as faxinas, pagaríamos um bom salário, e iria dois dias por semana lá em casa.

Dona Márcia e Sr. Miguel, como já tivessem pensado nessa possibilidade, sugeriram:

— Você e José Luiz podem vir almoçar e jantar aqui em casa, todos os dias, eu cuido da casa para você, sem se preocuparem em pagar qualquer salário.

José Luiz intercedeu dizendo: — Assim não aceitamos.

Sr. Miguel para facilitar as coisas, disse: — Então aceitem o que estamos propondo, e paguem o que acharem justo.

— Assim está melhor, a partir de amanhã, Ana Vitória começará trabalhar comigo.

Ana Vitória acrescentou: — Mas a Senhora vai nos prometer, parar com as faxinas, a partir de amanhã.

— Eu prometo, seu pai já havia pedido que parasse há algum tempo. Podem ficarem tranquilos.

Passados quinze dias do casamento de José Luiz, chegou à casa de Sr. Avelino através dos correios, um envelope maior que o normal, enviado da parte de João Pedro. Dona Pérola pensou: “Deve estar avisando, que se separou da mulherzinha”, abriu o envelope, encontrou dentro, uma carta, e dois convites de casamento. Na carta o filho se dizia constrangido, morar com Marina, sem serem casados, estiveram na casa dos pais da namorada, que já o conheciam, revelaram a situação, e obtiveram todo o apoio deles, e propuseram arcar com todas as despesas

do casamento, marcaram a data para o início do mês de dezembro. Seria uma cerimônia simples, nos moldes do casamento do irmão, com a diferença que também haveria casamento no religioso, e fazia questão da presença dos pais, do irmão com a esposa. Convidaria também à tia Nina, e aos primos, e suas irmãs casadas, e alguns amigos de faculdade, e do trabalho. Os convidados da parte de Marina, seria em número bem maiores. Talvez assim sua mãe, entenderia que o relacionamento seu com Marina, era algo sério e consistente, que já durava alguns anos, mas devido sua discrição, nunca revelara à família.

Sr. Avelino chegou ao anoitecer, encontrou a esposa revoltada, perguntou-lhe à razão, ela sem nada responder, buscara o envelope e deixou sobre a mesa para que entendesse o motivo. O marido pacientemente leu a carta do filho, analisou os convites com carinho, e foi para o banho. Teve tempo suficiente para pensar o que dizer à esposa. Como ela não se interessou conhecer sua opinião, também não disse nada.

À noite foi até a casa do filho, e o levou para ler, a carta e o convite do irmão. Assim que José Luiz leu a carta, passou para Ana Vitória. Depois perguntou ao pai:

— Como mamãe reagiu, será que se negará comparecer?

— Ela não sabe, mas nós não podemos deixar de comparecermos.

— Claro, não diz nada à mamãe por enquanto. Eu e Ana Vitória vamos ter uma conversa com ela, e vamos convencê-la também ir. Penso que Marina não seja uma pessoa vulgar, João Pedro a conhece há muito tempo,

ele não é nenhum idiota, pelo contrário, gosta das coisas muito corretamente.

Quando Sr. Avelino chegara de volta em casa, a encontrou esperando, ela lhe disse:

— É claro que vocês, gostaram de serem convidados, e vão a esse casamento.

— É evidente que gostamos, e iremos ao seu casamento, somos sua família, o amamos e desejamos que ele seja muito feliz, com a pessoa que ele escolheu para esposa. Quanto a você, penso que seja a melhor oportunidade que está tendo para se redimir, a humildade é o gesto mais condizente para se obter o perdão daqueles que ofendemos.

Caso Dona Pérola intencionasse tornar-se uma pessoa melhor, como é o propósito de toda pessoa, que delibera frequentar uma Casa Espírita, estava na hora de despojar-se de velhas atitudes prepotentes, que fizeram dela uma pessoa antipática, por ostentar uma suposta superioridade, por considerar-se uma pessoa importante, que aos olhos da espiritualidade e das pessoas, não significava nada. Os valores de que necessitamos, preconizados pelos ensinamentos da Doutrina Espírita, são outros. Não obstante Dona Pérola ser uma pessoa relativamente instruída, por ser professora, acreditamos que à medida que fosse se apropriando do conhecimento desses valores, necessariamente teria que alterar sua maneira de considerar-se, ou não perseveraria.

Mas nada como o tempo, e as lições do mundo, para nos conscientizar de nossas imperfeições. Depois das pa-

lavras de Sr. Avelino, e das indiretas ouvidas nos estudos de o Livro dos Espíritos, como endereçadas as suas intransigências, recebera a visita de José Luiz e Ana Vitória, para convencê-la que deveria ir ao casamento do filho, que acabou não resistindo à enxurrada de argumentos, e ceder a vontade do filho e da nora.

Na véspera do dia marcado para o casamento de João Pedro e Marina, José Luiz alugara um excelente automóvel em uma locadora na cidade vizinha, e lá se foram os dois casais, diretamente para a cidade de médio porte, onde moravam os pais de Marina, onde o casamento seria realizado. Quando dissemos que João Pedro era discreto, não imaginávamos que fosse tanto. Conforme haviam combinado, o noivo sozinho, esperava pelos pais, o irmão e a cunhada, na praça central, onde se localizava a igreja, que no dia seguinte seria palco do casamento religioso.

Cumprimentarem-se calorosamente, João Pedro abraçou, beijou o rosto da mãe, e a agradeceu por ter vindo, depois perguntou se gostariam conhecerem à casa dos pais de Marina na cidade, ou preferiam irem diretamente para o sítio do futuro sogro, que se localizava há doze quilômetros da cidade, onde aconteceria no dia seguinte a comemoração?

Sr. Avelino perguntou se os pais de Marina estavam na cidade. Como o filho respondeu que estavam, deliberaram conhecê-los primeiro, depois decidiriam o que fazer. José Luiz passou seguir o carro de Marina, que o irmão dirigia, até quando entraram por enorme portão que dava acesso à residência da família Feitosa. Não diríamos

que era propriamente uma casa, mas uma mansão de grande porte, e refinado acabamento, pararam os carros no estacionamento, Dona Pérola questionou o filho, perguntando:

— É nessa casa que moram os pais de Marina?

— Mais ou menos mamãe, gostam mais de morarem no sítio.

Dona Pérola arrependeu-se de ter vindo de verdade, ou melhor, arrependeu-se de existir, o filho fora muito cruel com ela, aquela punição ela não esperava, e julgava não merecer. Agarrou-se ao braço de Ana Vitória, e perguntou-lhe: — Vocês sabiam que a família de Marina era rica?

Ana Vitória lhe sussurrou: — Eu não sabia de nada.

Atravessaram por uma trilha calçada, toda jardina com lindos canteiros de flores diversas, todos bem cuidados, orlados por plantas caprichosamente podadas, até uma enorme área coberta existente no fundo da residência. Ao vê-los chegando, Marina trajando um short minúsculo, e uma camiseta econômica, veio sorridente e abraçou a todos, pediu os que entrassem, que iria chamar aos pais. Entraram na enorme varanda onde existiam muitas cadeiras confortáveis, João Pedro pediu que se sentassem. Todos estavam literalmente abobalhados, não saberiam dizer se fora intencional, mas João Pedro não fora cruel somente com a mãe, mas com todos eles, custava ter falado que a moça era muito rica. Quer dizer, que os pais dela eram muito ricos?

Nesse momento apareceu na porta, acompanhado pela filha, Sr. Valentim Feitosa, deveria ter pouco mais de

cinquenta anos, branco, estatura mediana, um pouco calvo. Marina pegada em sua mão, disse ao pai:

— Papai esses são os pais de João Pedro, e seu irmão caçula e sua esposa, recém-casados.

Todos se levantaram, Sr. Valentim cumprimentou os abraçando a todos, demonstrando muita alegria com as suas presenças, enquanto Marina informava que a mãe, estava terminando seu banho, e logo viria. Sr. Valentim sentou-se ao lado de Sr. Avelino, e disse:

— João Pedro me disse que moram em Laranjal, e trabalham com Supermercado?

Sr. Avelino explicou: — Na verdade até pouco tempo atrás tínhamos uma pequena mercearia, no início desse ano, meu filho caçula montou um pequeno Supermercado, eu trabalho com ele.

— Eu falo para todo mundo, dois ramos de negócios que não conhecem crises, se souberem conduzi-los, são Supermercado e Farmácia. Todos precisam comer, e todos adoecem.

José Luiz perguntou: — O Senhor trabalha com que, exatamente?

— Sempre trabalhei com meu pai em fazenda, aos vinte anos me casei, meu pai deu-me uma pequena área de terras, andei comprando mais algumas pequenas áreas, formei uma pequena propriedade rural, depois eu e minha esposa, recebemos umas heranças, construímos essa casa, compramos dois postos de combustíveis, formamos nossas cinco filhas, todas em medicina, três são casadas, temos já três netinhos, Ma-

rina está se casando amanhã, a caçula é solteira, mora e faz residência em um Hospital, nos Estados Unidos, na Flórida, talvez se case por lá, e nem volte mais para morar no Brasil. Estou com cinquenta e nove anos, considero que já fiz o que tinha a fazer, estou praticamente aposentado.

Ana Vitória estava deslumbrada, com a história que ouviu, perguntou: — Vossa filha caçula virá para o casamento de Marina?

— Já veio, o pior, trouxe com ela um gringo, que se chama Michel, não entendemos nada do que fala, e nada entende do que falamos. Amanhã vocês o conhecerão, estão passeando, por onde não sabemos.

Dona Pérola talvez pensando começar se redimir de seus equívocos, se manifestou dizendo: — O Senhor me desculpe perguntar, o que pensa sobre suas filhas solteiras, viajarem sozinhas com seus namorados?

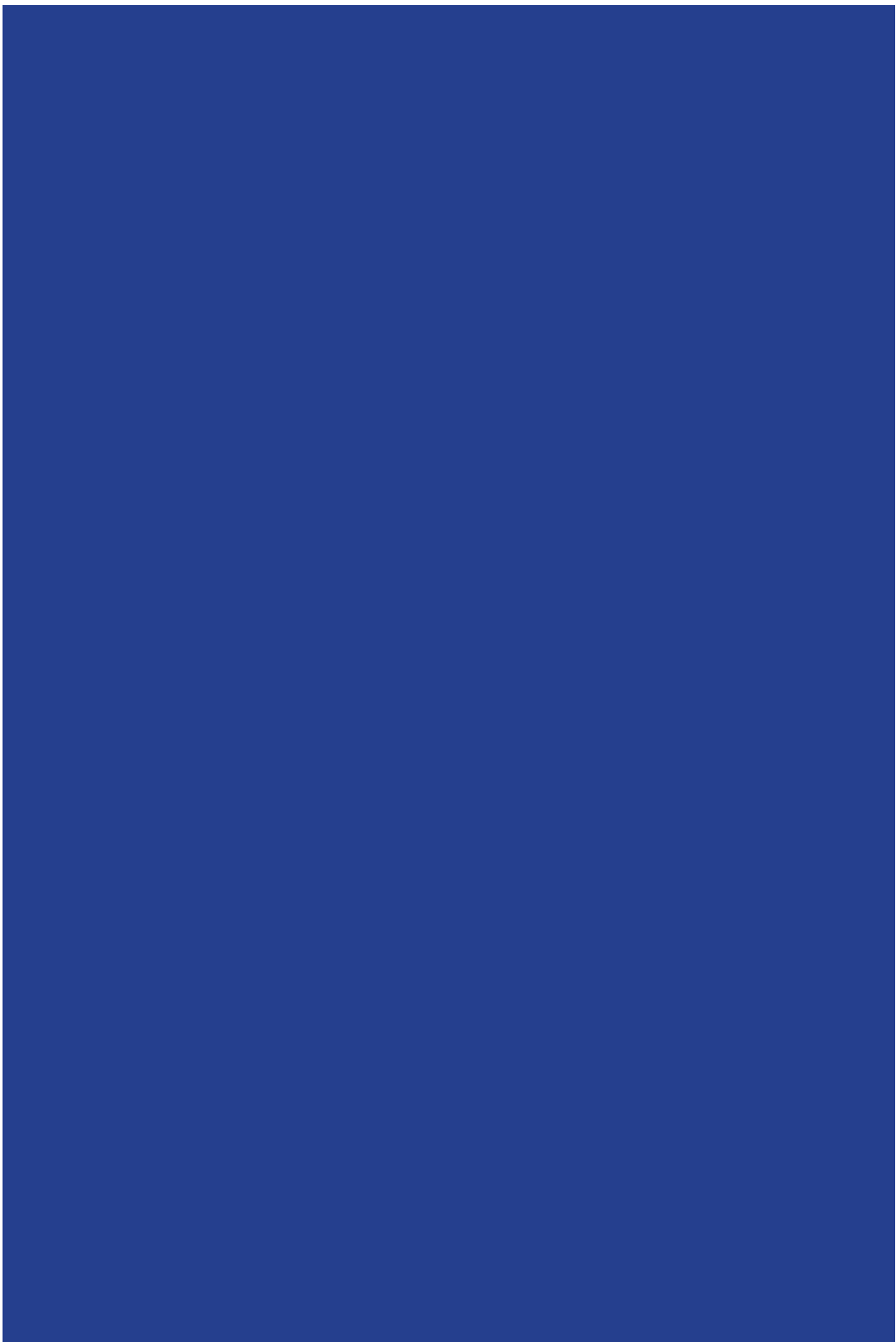
— Dona Pérola criamos nossas filhas para serem independentes, são adultas, responsáveis pelos seus atos, são muito mais esclarecidas do que a mim e a mãe. Não achamos necessário dizê-las como devem se comportar. Fizemos nossa parte, optamos por não interferirmos em suas vidas, vão colher aquilo que semearem. Conheçemos João Pedro recentemente, sem nada perguntarmos, disse-nos que era um rapaz de família pobre, que em breve se formaria contador, que namorava Marina há algum tempo, estavam pensando em se casarem. Sabe o que lhe respondi? Diz a sua mãe João Pedro, o que exatamente eu lhe disse.

— Disse-me quem deliberaria sobre esse assunto era Marina, e o Senhor acataria o que ela decidisse, por que me conhecia melhor que o Senhor.

Sr. Valentim continuou: — Particularmente entendendo que o casamento, seja a decisão mais pessoal da vida de toda pessoa, são os dois que irão compartilhar, praticamente uma existência, quanto menos interferência sofrer, com mais responsabilidade assumirão o compromisso.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 10/09/2023.



Uma Linda Tarde de Primavera

NESSE MOMENTO APARECEU NA porta Dona Edna Feitosa, mãe de Marina, vestida em um roupão, a filha a abraçou e a conduziu em direção aos familiares do noivo, e os apresentou, identificando-os, Dona Edna muito simpática e receptiva, também branca, mais baixa, que alta, deveria ter uns quatro anos menos que o marido, cumprimentou a todos, com alegria. Perguntou a João Pedro pelos demais da família, ele respondeu:

— Meus tios, meus primos, e minhas irmãs deverão vir amanhã pela manhã. Meus pais vieram hoje devido morarem mais distantes.

— Eles já decidiram onde irão pousar? Aqui tem espaço para todos, vocês devem estarem todos cansados.

Dona Pérola, disse: — Não queremos incomodá-los, pousaremos onde acharem menos incômodo.

Sr. Valentim opinou: — Fiquem aqui em casa hoje, tomem um bom banho, depois jantamos, dormimos aqui mesmo, amanhã cedo vamos todos para o sítio, almoçamos lá, depois voltamos para as cerimônias, pode ser assim João Pedro?

— Para mim está tudo bem.

Sr. Avelino, disse: — Pode ser assim, vamos pegar as coisas no carro, e ficamos por aqui até amanhã cedo.

José Luiz, Ana Vitória, acompanhados de João Pedro, foram até o carro, pegaram as poucas bagagens, voltaram. Marina prestativa, os conduziram para seus respectivos aposentos, pedindo que sentissem todos a vontade, como se estivessem em suas próprias casas.

Assim que Sr. Avelino e Dona Pérola, adentraram o quarto, e fecharam a porta, Dona Pérola disse ao marido:

— Sinceramente, eu não entendo esse meu filho. Porque não nos disse nada, a respeito da família da namorada. Estou petrificada de vergonha. Nem sequer nos disse que ela era médica.

— Talvez para ele todas essas coisas, sejam irrelevantes. Que amaria Marina, mesmo se fosse uma simples empregada doméstica pobre. Eu me orgulho muito de meus filhos, exatamente por serem como são.

No quarto ao lado Ana Vitória, olhava tudo embevecida, nunca tinha entrado num quarto como aquele, tudo muito perfumado, espaçoso, e confortável, armários embutidos, cama de casal enorme

impecável. José Luiz deu uma inspecionada no banheiro, e disse à esposa:

— Acho que é uma ótima oportunidade, para tomarmos um bom banho juntos.

— Será que podemos?

— Com a porta trancada, aqui podemos tudo.

Depois do banho reconfortante, as visitas retornaram à enorme varanda dos fundos, se acomodaram nas cadeiras, logo chegaram os donos da casa, e ficaram conversando.

Ana Vitória perguntou à Dona Edna, onde estavam Marina e João Pedro, ela respondeu:

— Devem estar na piscina. Vocês querem ir até lá?

José Luiz quis saber onde ficava a piscina, Sr. Valentin explicou. José Luiz pegando a mão da esposa, quis ir até lá para conhecerem. A piscina enorme, e profunda, ficava ao lado da casa, como já era noite, todo o espaço estava devidamente iluminado. Quando João Pedro e Marina perceberam a presença dos dois, os convidaram para entrarem na piscina. José Luiz agradeceu, justificando que não tinham trazido roupas de banho, e já haviam banhado no chuveiro. Permaneceram por alguns minutos admirando tudo, e se retiraram, deduzindo que os noivos preferiam privacidade.

Depois do jantar bem leve, percebendo que os anfitriões preferiam deixarem as visitas bem à vontade, aproveitaram e se recolheram mais cedo aos aposentos, para descansarem, que ficavam no segundo pavimento. José Luiz e Ana Vitória, debruçados sobre o aparador da

janela do quarto, ficaram longo tempo conversando, observando as luzes da iluminação pública, que envolviam todo espaço urbanizado da cidade, e os automóveis que passavam apressados na rua da frente da casa, de vez em quando surgiam alguns transeuntes, talvez retornando de suas jornadas de trabalhos.

No dia seguinte todos levantaram muito cedo, tomaram um café reforçado, pegaram à estrada em direção ao sítio de Sr. Valentim, como dissemos, distante doze quilômetros da cidade. A propriedade de médio porte, dedicada exclusivamente à atividade pecuária, tinha como ponto forte sua posição geográfica privilegiada, localizar-se às margens de um rio de médio porte, que corria mansamente, quase ao nível da superfície, onde nas proximidades, numa área mais elevada, totalmente preservada, fora construída toda sua estrutura física, casas, barracões, currais, pomares, áreas de lazer, e todas as benfeitorias indispensáveis, para favorecer o bom funcionamento de uma propriedade rural moderna. A beleza natural da localidade, aliada ao conforto oferecido, proporcionava ao visitante não acostumado, a sensação de ter penetrado acidentalmente o paraíso. Seria ali nesse ambiente paradisíaco que realizariam a comemoração, em homenagem ao casamento de Marina Feitosa e João Pedro Pietro.

Os convidados começaram chegar continuamente, os que ali chegavam pela primeira vez, se deslumbravam com a beleza do local, e se detinham imobilizados contemplando admirados, analisando, que é perfeitamente possível explorar a natureza, e ao mesmo tempo preservá-

-la, sem ser necessário destruí-la radicalmente. Antes do meio-dia fora servido um almoço trivial, para todos os presentes, em seguida uma parcela expressiva foi para cidade para assistirem às cerimônias do casamento, no civil e no religioso. Antes do anoitecer todos retornaram ao sítio, onde ainda fora possível acompanharem o maravilhoso pôr do sol, oferecido por aquela linda tarde de primavera, do início do mês de dezembro. À noitinha todos concentraram em bancos improvisados, no interior e na frente, de enorme galpão de armazenar insumos, começaram servir o jantar, à base de churrasco tradicional, e outros ingredientes pertinentes para que se fartassem, regado a muita cerveja e refrigerantes, para todos os gostos e capacidades de ingestão.

A proposta de Sr. Valentim que todos permanecessem até as dez horas da noite, depois fossem para suas casas, voltassem todos no domingo pela manhã, para consumirem o restante dos alimentos e das bebidas que certamente sobriariam. Segundo ele, uma tradição nas festas de casamento na região. Exceto os recém-casados, que aproveitando o momento, se despediram dos pais, dos parentes, e dos amigos, e viajaram para passarem a lua de mel, não sabemos onde, recusaram revelar, “Muito próprio de João Pedro”.

Sr. Avelino, Dona Pérola, José Luiz e Ana Vitória, também se despediram dos parentes, e como convidados especiais, voltaram com os pais da noiva, para pernoitarem em sua casa, na cidade, previamente decididos, que no domingo pela manhã retornariam para Laranjal.

Faz-se oportuno mencionar que poucos foram os que perceberam, a presença da filha caçula de Sr. Valentim e Dona Edna, a médica recém-formada, numa Universidade Americana, e fazia residência em um Hospital, no Condado da Flórida, nos Estados Unidos. Muito elegante, mas discreta, ao lado do namorado americano, não fez questão que as pessoas os percebessem, que apesar de não ter conversado, nem ter sido apresentada. Ana Vitória, descobriu seu nome Dr. Giovana Feitosa, o namorado Dr. Michael. A própria Ana Vitória teve o cuidado de observá-los de perto, e os consideraram bem mais bonitos que os recém-casados Dr. Marina, e João Pedro.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 11/09/2023.

Estranha Moral

NÃO OBSTANTE ANA VITÓRIA SER uma pessoa muito discreta, era extremamente observadora, tudo que João Pedro se esforçou para não revelar à família, a cunhada sem fazer perguntas, apenas ouvindo as conversas, conseguiu desvendar com pouco esforço, sem mesmo que o marido percebesse. Durante a viagem de volta, ela transmitiu aos demais, tudo que havia descoberto, afinal eram informações que a família deveria conhecer.

Começando por João Pedro: Teria ouvido pessoas dizerem, que Sr. Valentim e Dona Edna, gostavam muito do rapaz, devido seus modos discreto de ser, e proceder. Que assim que ele obtivesse o certificado de contador, deixaria seu emprego no escritório em que trabalhava,

montaria em sociedade com o sogro seu próprio escritório, e passaria cuidar de toda sua escrita contábil, rural e comercial. Como também, das escritas contábeis, de muitos fazendeiros, e empresários, amigos de Sr. Valentim.

Sobre Dr. Marina: Que ela seria dois anos mais velha que João Pedro, tratava-se de uma excelente médica pediatra, que exercia sua profissão a pelo menos dois anos, na mesma cidade que João Pedro residia, que já possuía seu próprio carro e apartamento, e estaria pensando construir uma pequena clínica infantil. Que teria ouvido dizer, que namoravam há mais de três anos, que João Pedro teria sido seu primeiro e único namorado, assim como ela também teria sido sua primeira e única namorada.

Sr. Avelino comentou: — Quando João Pedro concluiu o segundo grau, estava com dezenove anos, pelo que sei, nunca teve namorada em Laranjal.

Dona Pérola confirmou, dizendo: — Quando João Pedro morava com a gente, nunca teve namoradas, isso tenho certeza, sempre gostou de matemática, e máquinas de escrever, queria ser professor, mas sempre foi muito fechado, prestou vestibular, passou em Contabilidade. Começou trabalhar nesse escritório, e nunca dependeu de nossa ajuda. Quero que ele, como todos meus quatro filhos sejam muito felizes.

Ana Vitória perguntou: — As filhas da Senhora são muito bonitas, elas não quiseram estudar?

— Começaram estudar, concluíram apenas o ginasial, infelizmente preferiram se casar, a mais velha casou-se aos dezessete anos, a outra aos dezesseis. Depois

não voltaram mais estudar, os maridos não permitiram. São apenas esposas, mães, e donas de casa.

Sr. Avelino contribuiu: — Fizeram muito bem, éramos pobres para ajudá-las estudar, tiveram sorte por terem se casado com pessoas boas, honestas, e trabalhadoras, são felizes, isso é o que importa.

Ana Vitória queria saber mais, perguntou: — Quando elas conheceram seus maridos, eram rapazes que moravam em Laranjal?

Como Dona Pérola não se dispôs explicar, por que esses dois namoros por si, dariam mais dois romances completos, e só logrou êxito graças às habilidades, e o bom senso de Sr. Avelino, porque à mãe preferia ver as filhas mortas, e não casadas com os dois forasteiros, que pelas mãos do incompreensível, vieram aportar em Laranjal, tão somente com o propósito de desestabilizar a paz de espírito de Dona Pérola, Sr. Avelino lhe disse:

— Essas duas histórias são longas e complicadas, que Pérola não gostaria de recordar, qualquer dia quando estivermos desocupados, eu lhe contarei em detalhe, mas vou lhe adiantar que à semelhança de Marina, também não os conhecíamos.

Dona Pérola manifestou-se dizendo: — Na verdade tudo aconteceu contra minha vontade, elas eram ainda duas meninas. Você um dia será mãe, e entenderá.

Ana Vitória disse à sogra: — Eu imagino, acompanhei o drama que minha mãe vivenciou, quando minha irmã Viviane se casou grávida, aos quatorze anos com Carlos Fuji, que tinha apenas dezesseis.

— Preparem-se. Ser pai e mãe não é nenhuma brincadeira, os filhos nunca vão compreender os pais.

Sr. Avelino complementou: — Concordo, raros também são os pais que compreendem aos filhos.

Ana Vitória estava à fim de cobrar caro, pelas informações que repassou, perguntou ao Sr. Avelino: — Então conta-me como o Senhor conheceu Dona Pérola, tudo ocorreu normalmente, não tiveram nenhum problema com os pais?

Sr. Avelino retrocedeu no tempo, olhou para a esposa, e disse à nora: — Por favor Ana Vitória, agora quem não quer relembrar o passado sou eu. Você já ouviu falar em Hermínio Sonero, mas acredito que nunca ouviu o nome Dona Angelina Sonero, sua esposa, mãe de Pérola, “Que Deus a tenha”. Caso o demônio existisse, e ela acreditava em sua existência. Essa Senhora preferia vê-lo em sua frente, do que minha humilde pessoa. Na verdade, só me casei com Pérola, por que durante uma festa, a roubei, e juntos fugimos, somente pelo fato de eu ser um João ninguém.

Ana Vitória olhou espantada para os dois, e disse: — Não acredito, o Senhor terá que me contar essa história também.

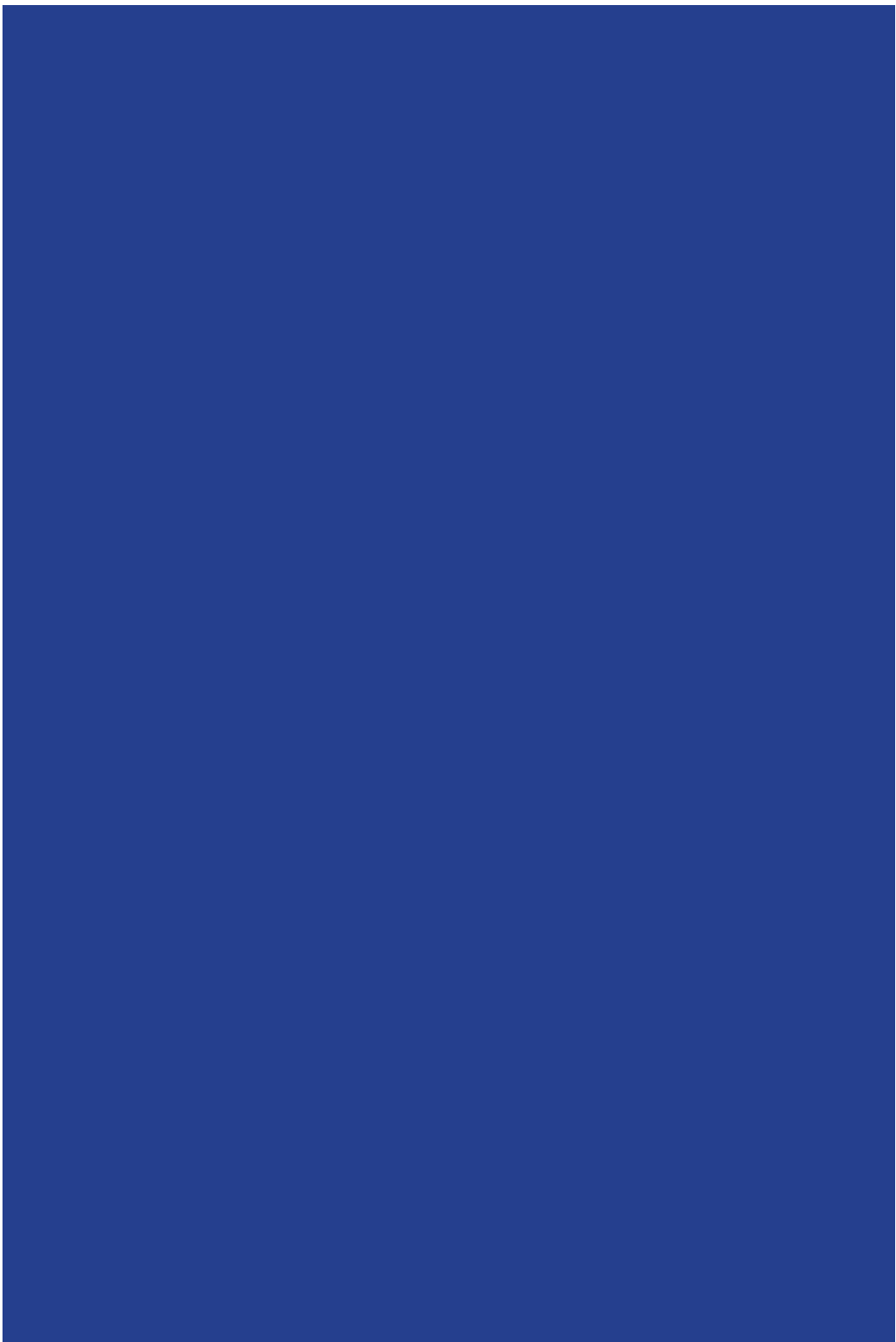
Dona Pérola, demonstrando irritação, disse à nora: — Ana Vitória você não precisa conhecer nosso passado, nem de nossas filhas. Dê-se por satisfeita pertencer a nossa família, nem nossos filhos conhecem essa nossa história escabrosa, vergonhosa.

Ana Vitória percebendo a irritação da sogra, disse apenas, “Está bem Dona Pérola, não precisam me contar, se não quiserem”.

Sr. Avelino disse à nora: — Ana Vitória eu lhe prometo, em nome de DEUS, com toda sinceridade de meu coração, quando morrer, pedirei a Espiritualidade Superior, caso eu tenha algum merecimento, que permita que meu Espírito, através de sua mediunidade, escreva essas histórias, para que meus filhos e meus netos, saibam quem foram Dona Angelina Sonero, e Dona Pérola Sonero Pietro. E tudo que me permiti suportar, ao longo dessa minha existência, para libertar-me delas definitivamente. Porque não pretendo mais reencontrá-las em meus futuros caminhos.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 12/09/2023.



Epílogo

NÃO OBSTANTE AS PALAVRAS NÃO terem o poder de ferir o corpo físico, têm o poder de dilacerar uma alma, ou mais almas. Não era do feitio de Sr. Avelino dirigir-se à esposa daquela maneira, nem soube por que o fez realmente. O silêncio se fez imediatamente, no interior daquele automóvel.

José Luiz dirigia, Sr. Avelino ocupava o banco do carona. No banco de trás viajavam Ana Vitória e Dona Pérola, passado algum tempo, sem querer a nora olhou para sogra e percebeu que ela tinha lágrimas nos olhos. Então Ana Vitória, quebrou o silêncio, e disse:

— Me perdoe Dona Pérola, não era minha intenção aborrecê-la dessa maneira, penso que em alguns momentos, falo o que não devo.

José Luiz disse: — Ainda bem que você percebeu, já ouviu dizer: “Quem fala demais, dá bom dia ao cavalo”.

Dona Pérola, disse: — Na verdade foi bom tudo isso acontecer. Avelino nunca tinha falado tão sinceramente comigo como o fez agora. Vivemos a vida toda ao lado de uma pessoa, e não a conhecemos. Vou revelar uma parte de nossa história, que Avelino desconhece, por também não ter sido verdadeira com ele, no passado. Quando aceitei fugirmos naquela noite de festa, não o fiz por amor, mas para contrariar minha mãe, que sabia que não o suportava, como ele mesmo disse. Foi a maneira que encontrei para fazê-la sofrer, por considerar-se dona de mim, e de minha vida. Só Deus sabe como foi difícil para mim, fingir durante dois anos, amar a quem não amava. Depois que fiquei grávida de Ana Maria, nossa primeira filha, percebi que passei gostar de meu marido, mas à minha maneira, de forma muito exigente e possessiva, à medida que nossos filhos foram nascendo e crescendo, percebia que as crianças gostavam mais do pai do que de mim, para reverter essa situação, adquiri o hábito de criticá-lo, diminuí-lo perante as crianças, fazendo as entender que mereciam um pai melhor, mais bem sucedido, ao nível da mãe, como Avelino nunca me repreendia por isso, quanto mais eu o criticava, mais sentia que as crianças se afastavam de mim, e recorriam a ele quando necessitavam, porque sempre ele as atendiam, naquilo que pediam. Principalmente quando começaram namorar, eu as proibia de um

lado, o pai as apoiava do outro. Isso de certa forma foi nos afastando, deixamos de ser amigos, companheiros, confidentes. Nossa família sempre ficou dividida, de um lado eu tentando controlar, e proteger nossos filhos, do outro o pai permitindo tudo, me desautorizando, acabei tornando a megera, e ele o papai querido.

Quando começou se interessar pela Doutrina Espírita, insistiu para que também estudasse, me dava livros, tentava me convencer de certas coisas, mas nunca me interessei, isso permitiu que nos afastássemos ainda mais um do outro. Apesar de nos amarmos, de nos respeitarmos, éramos dois estranhos, sempre em oposição um ao outro. O que somente agora percebi, que ele se permitiu viver esse tempo todo ao meu lado, sem perceber que eu o amava, fazendo-me acreditar que também me amava, portando fingindo que me amava, para poder se libertar de mim para sempre, quando morresse. O que quero que saiba Sr. Avelino, -que poderia ter se libertado de mim, no momento que lhe aprouvesse, não necessariamente quando morresse, porque isso era obvio que aconteceria, nunca mais nos encontraríamos.

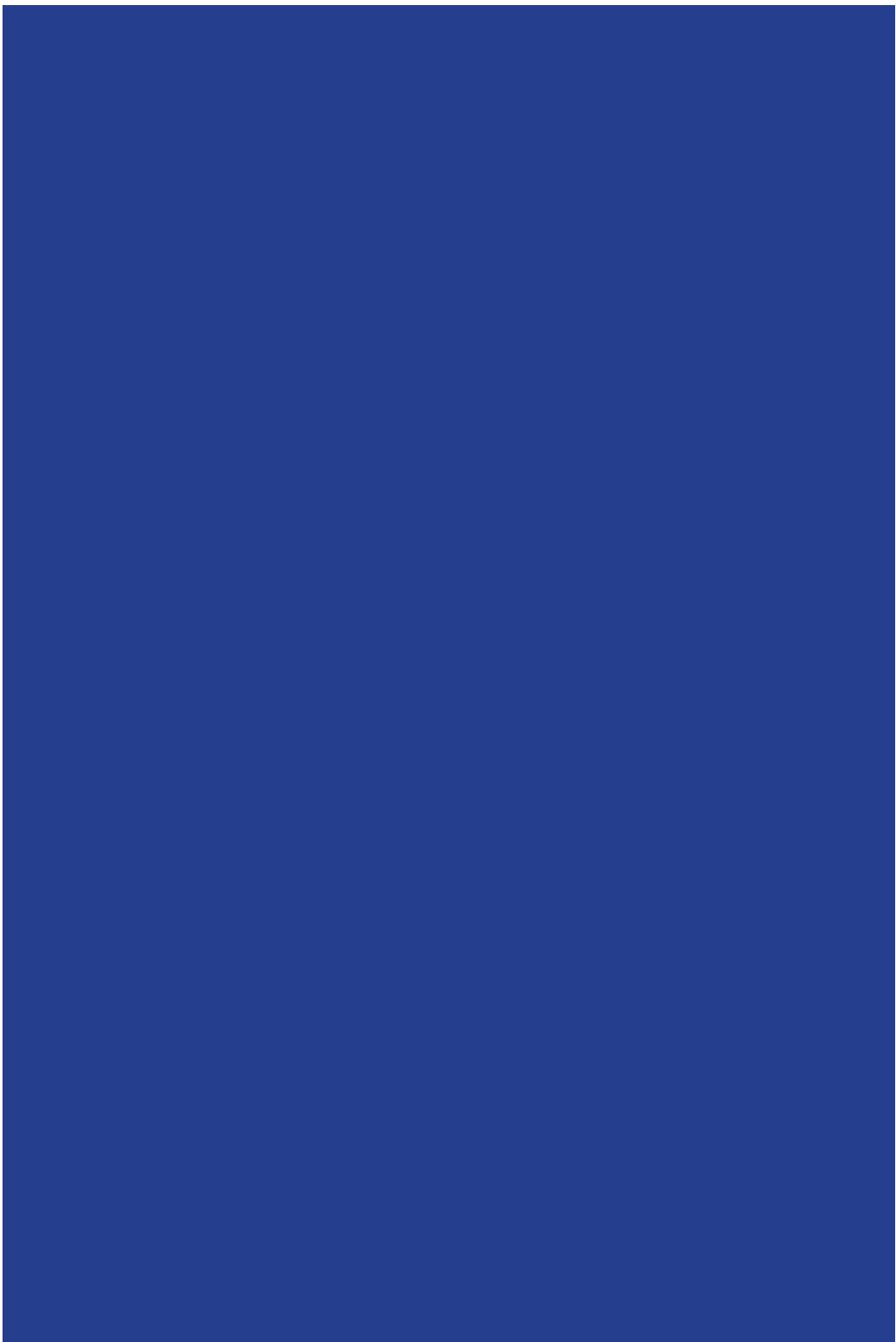
Sr. Avelino ouviu tudo calado, prestando atenção no que ela dizia, quando ela terminou, ele falou: — Há muitos anos como você mesmo disse, venho insistindo para que conheça a verdade, para que entendesse de fato, o que significa amar alguém, mas você apesar de ser professora, considerar-se uma pessoa instruída, nunca se interessou conhecê-la. Pelo menos permita-me que

eu cumpra minha existência, de conformidade com as verdades, que me foram permitidas conhecer, e nelas acreditar. Quanto a você, se quiser, ainda poderá conhecê-las, e aceitá-las ou não.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 14/09/2023.

Fim



Tempos
Melhores
VIRÃO

escrito por

Antonio Martinez Brentan